ENCONTRO COM O ETERNO

KRISHNAMURTI

KRISHNAMURTI

encontro com o eterno

ICK

OUTRAS OBRAS DE KRISHNAMURTI:

O DESCOBRIMENTO DO AMOR
O DESPERTAR DA SENSIBILIDADE
O MISTÉRIO DA COMPREENSÃO
UMA NOVA MANEIRA DE AGIR
EXPERIMENTE UM NÔVO CAMINHO
A CULTURA E O PROBLEMA HUMANO
A MENTE SEM MÊDO
A PRIMEIRA E ÚLTIMA LIBERDADE
O HOMEM E SEUS DESEJOS EM CONFLITO
DIÁLOGOS SÔBRE A VIDA
REFLEXÕES SÔBRE A VIDA
COMENTÁRIOS SÔBRE O VIVER
A CANÇÃO DA VIDA (versos livres)
A BUSCA (idem, idem)
DA SOLIDÃO À PLENITUDE HUMANA
A EDUCAÇÃO E O SIGNIFICADO DA VIDA
PERCEPÇÃO CRIADORA
QUE ESTAMOS BUSCANDO?
A ARTE DA LIBERTAÇÃO
VISÃO DA REALIDADE

NOTA: Os originais em inglês das obras acima, como o original da presente, podem ser adquiridos na sede social da "Instituição Cultural Krishnamurti", na Av. Presidente Vargas, 418, sala 1.109. — Rio de Janeiro - Guanabara — Telefone: 223-8856.

J. KRISHNAMURTI

ENCONTRO COM O ETERNO

Tradução
de
HUGO VELOSO

Edição da
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Presidente Vargas, 418, sala 1.109
Rio de Janeiro - Guanabara

ÍNDICE

LONDRES — I

A Cotidiana Existência

ANTES DE COMEÇARMOS a falar sôbre assuntos sérios, precisamos estabelecer a correta relação entre êste orador e vós. Com as palavras "correta relação", refiro-me à comunhão. Entre nós deve estabelecer-se essa comunhão. Releva não só compreender o significado das palavras, mas também descobrir o que atrás delas se esconde, perceber que a palavra não é a coisa. A palavra, o símbolo, não é a realidade. Temos de penetrá-la e ultrapassá-la, a fim de descobrir, por nós mesmos, a realidade, o fato. Só se torna possível a comunhão quando ambas as partes não estão apenas compreendendo o significado da palavra, mas também percebendo o que ela está indicando, a substância atrás dela existente.

Vamos falar a respeito de nossa existência diária. A menos que estabeleçamos para nós mesmos uma correta maneira de viver, em meio ao atual estado de caos e confusão, não importa o que estejamos buscando, nossos intentos serão frustrados; porque a realidade se encontra em nossa vida de cada dia, e não numa certa coisa misteriosa que supomos existir além do *fato* — de nossa existência diária. Se não compreendermos o inteiro significado de nossa vida diária, com todos os seus conflitos, e angústias, e confusão, a terrível desordem em que estamos mergulhados — se não compreendermos tudo isso, claramente, todos os esforços que fizermos para "ir além" serão meras fugas; e quanto mais fugirmos da realidade, tanto mais confusa e caótica ela se tornará. O que nesta tarde vamos considerar, juntos, não é algo que se acha "além", porém, sim,

como compreender o presente e se há possibilidade de ficarmos totalmente livres de nossos sofrimentos, aflições, confusão e angústia. Depois de esclarecermos êsse ponto — se o conseguirmos — estaremos então, talvez, aptos a investigar se existe, ou não, uma realidade que não seja apenas uma idéia, uma crença, um conceito.

O que vamos fazer juntos é examinar a nossa vida de cada dia. Para examinar, para olhar e perceber claramente as coisas, precisamos ser livres. É êsse o primeiro requisito, se desejamos sèriamente examinar o presente estado de nossa existência e de nossa conduta. Essa liberdade é necessária ao exame e à percepção. Devemos estar livres para escutar o que se nos diz, e devemos estar livres para olhar. De contrário, nada perceberemos. O que escutarmos será sem significação, se não formos capazes de escutar totalmente, completamente.

Para investigar, examinar, sondar, penetrar, necessita-se de liberdade para escutar e liberdade para perceber. Todos nós desejamos paz, pois percebemos que, sem paz, não é possível o florescimento da bondade. Nenhum movimento pode haver, não oriundo da confusão, da nossa própria aflição. Para fruirmos a paz, deve haver liberdade. É a respeito destas duas coisas que vamos palestrar: a Paz e a Liberdade.

Dizendo "palestrar", entendo exatamente isto. Não ides ficar aqui apenas a escutar o que se está dizendo. Vamos empreender juntos uma viagem, vamos participar, comungar e, por conseguinte, trata-se de um trabalho que temos de fazer juntos, vós e eu. Não estais aqui apenas para escutar o que se diz, concordando ou discordando, intelectualmente, ou admitindo certos conceitos, idéias e fórmulas. Isso não leva a parte alguma, mas, se pudermos cooperar, explorar juntos, não verbal nem intelectualmente, porém *realmente*, penso que, então, uma reunião como esta será frutuosa. Mas, se o que nos interessa são apenas definições, e fórmulas, e argumentos, nesse caso receio que não sairemos do lugar em que agora nos encontramos.

Desejo fazer-vos ver que, em tôdas estas palestras, a cooperação será necessária. Não vamos considerar ideais, nem o que é certo e o que é errado. Não vamos tentar descobrir ou for-

mular novos conceitos. Estamos já fartos de conceitos e ideais, porquanto não alteraram nossa existência. O que nos interessa é uma revolução total na consciência, não num determinado setor, porém na totalidade da consciência. Aí é que se faz necessária uma revolução total. O problema não é externo, não se trata de criar uma sociedade melhor. O problema é uma crise que se está verificando na consciência e, se não sou capaz de enfrentar totalmente esta crise — não como cientista, como pessoa religiosa, como homem de negócios, como poeta ou artista, porém como ente humano total — não se realizará uma revolução radical. O que mais nos interessa é ver se será possível tal revolução, para que possamos encontrar uma diferente maneira de viver. Será essa a nossa preocupação, nestas palestras.

Quando empregamos a palavra "libertação", não entendemos "revolta" ou "reação"; revolta e reação não é libertação. A libertação *de* alguma coisa não é liberdade, porém reação. A liberdade não depende de reação ou de revolta. Ela existe por si e para si. Não é produto de nenhum motivo ou ideal. Se não há liberdade, não podemos ter paz. Pela palavra "paz" não entendo aquêle estado interior ou exterior em que nos vemos "entre dois muros", ou entre duas incertezas ou duas confusões. A paz, tal como a liberdade, não é uma coisa que podemos procurar ou achar. Só pode haver paz quando vivemos pacìficamente, não como indivíduos, porém como entes humanos. Penso que há diferença entre o indivíduo e o ente humano. O indivíduo é a entidade "local", o londrino, o inglês, o alemão ou o russo. Êsse é o indivíduo, a "entidade local", condicionada pelo seu ambiente, porém o ente humano é *o homem*, o homem total, quer viva na Inglaterra, quer na Índia ou noutra parte. Compreendendo o homem, compreenderemos o indivíduo, e não vice-versa.

O que nos interessa é a liberdade e a paz para os entes humanos. Se o indivíduo meramente se revolta contra o ambiente, isso não significa necessàriamente que êle se libertará ou encontrará a paz. Só pode haver paz, quando existe uma maneira de vida pacífica, quando o homem não está dividido em nacionalidades, grupos religiosos, a cultivar certas fórmulas e conceitos. São essas as coisas que destroem a paz. Os

conceitos religiosos organizados negam a paz. Observando-se o que está sucedendo no mundo, vê-se que êle está dividido em áreas políticas, administrativas, nacionalistas. Vós sois inglês, eu sou russo ou alemão. Política e econômicamente, cada um tem seu particular condicionamento. Estamos também divididos por nossas crenças e dogmas. Aqui, credes numa determinada fórmula religiosa, e a Ásia inteira crê noutro conjunto de fórmulas. Há conflito e, por certo, para têrmos paz, precisamos estar libertos do condicionamento religioso. Isso é extremamente difícil, porque, enquanto racionalmente, exterior e superficialmente, podemos negar certos conceitos e fórmulas religiosas, inconscientemente, no fundo, levamos uma pesada carga de condicionamento. Precisamos libertar-nos de todo o condicionamento, para podermos ter paz. Sem paz, não podemos florescer exterior e interiormente. Estaremos sempre a encontrar frustrações e haverá sempre reação, revolta.

O que nos interessa é a total revolução humana. Como se realizará ela? Se alguma vez já refletimos a êsse respeito, como respondemos a esta pergunta? Como puderam os entes humanos viver dois milhões e mais de anos, a seguir sempre o mesmo padrão, interiormente? Embora tenha havido exteriormente enormes mudanças, interiormente somos mais ou menos o que sempre fomos: ávidos, invejosos, ambiciosos, competidores, impiedosos, cruéis, egocêntricos, sempre a batalhar pela conquista de posição e de prestígio. Isso vem ocorrendo há milhares de anos, e o homem tem sofrido. O sofrimento sempre foi sua sina. Êle teme a vida e a morte. Porque tem mêdo, inventa fugas, deuses e diversões de todo o gênero. Dessa maneira temos vivido, e a aceitamos como a norma da vida, o caminho da vida. Todos estamos vendo isso; notamo-lo muito bem. Vendo tudo isso suceder, não só exterior mas também interiormente, perguntamos se é possível uma mudança radical e, se é, como poderá verificar-se.

Cada um é produto do país em que nasceu. As influências religiosas, sociais, econômicas e climáticas, a alimentação, os trajos, tudo tem influenciado a sua mente. Somos vítimas da ansiedade, do mêdo, do desespêro, de múltiplas frustrações, e nos vemos ameaçados de cair num estado neurótico — se já não

caímos. O viver nos parece inteiramente sem significação, só nos oferecendo tédio, frivolidade, morte, sofrimento infindo, conflito interior e exterior. Em vista de tudo isso, há possibilidade de uma mudança completa?

Se dizemos que não há tal possibilidade — como de fato se diz — então não há saída desta situação. No momento em que dizemos que não é possível aquela mudança, fechamos todos os caminhos. Para descobrirmos se ela é possível, temos de investigar, e para investigar necessitamos de liberdade, para perceber o fato real — não a idéia do mêdo, porém o *fato*, e isso é muito difícil. A palavra "mêdo" não é o mêdo. Temos de compreender a palavra e dela libertar-nos, a fim de enfrentarmos o *fato* — o mêdo.

Anàlogamente, é-nos possível mudar tão radicalmente que nossa maneira de vida, nossa perspectiva da vida se torne completamente diferente? Essa é uma dimensão inteiramente nova. Vamos investigar isso. E, se é possível a mudança, como poderá verificar-se? Em primeiro lugar, devemos compreender o que significa "olhar", "perceber", "ver". Para se ver claramente uma coisa, não deve haver interferência do pensamento, da palavra, da idéia. Quando olhamos ou percebemos uma árvore, uma flor, podemos olhá-la com os nossos conhecimentos botânicos, e nesse caso não estamos olhando realmente a árvore; estamo-la olhando através de palavras, através de nossos conhecimentos e experiência; nossa experiência nos impede de olhar diretamente. Não sei se já experimentastes olhar diretamente para uma árvore, livre da palavra, da imagem por esta criada, e sem tendência para julgar ou avaliar. Não se pode olhar *realmente* de outra maneira, e êsse modo de olhar não é um estado de abstração, porém de intensa atenção.

Observar, ver — essa é a coisa principal; ver o que realmente somos e não o que achamos que deveríamos ser; observar nossa avidez, inveja, ambição, ansiedade, mêdo, tais como existem realmente, e sem interpretação, nem julgamento. Nesse estado de observação não há esfôrço algum. Isso temos de compreender claramente, porque estamos condicionados para fazer esfôrço. Tudo o que fazemos envolve esfôrço, luta. Se desejo mudar, se, por exemplo, desejo deixar de fumar, tenho

de lutar, de forçar-me, de manter minha resolução e, assim, talvez eu acabe deixando de fumar, mas minha energia se terá esgotado nessa batalha.

Pode-se abandonar alguma coisa sem esfôrço? O fumar é uma coisa muito trivial. Abandonar o prazer, em tôdas as suas formas, porque o prazer sempre produz dor, eis um problema extremamente complexo, que iremos considerar numa destas palestras. O que no momento nos interessa é isto: Se temos possibilidade de abandonar alguma coisa, de agir sem esfôrço. Porque paz é isso, não achais? A paz alcançada por meio de uma batalha interior não é paz, porém exaustão, pois a paz de modo nenhum pode ser um resultado de esfôrço. Só vem quando há *compreensão*. Esta é uma palavra um pouco difícil. Compreensão não significa "compreensão intelectual". Quando dizemos que compreendemos uma coisa, entendemos em geral uma apreensão intelectual, conceptual. Só pode verificar-se a percepção, quando há atenção total. A atenção total só é possível quando "nos damos" completamente. A mente, o corpo, os nervos, todo o nosso ser fica então sobremodo ativo. Só então há compreensão.

Temos de compreender nossa vida de entes humanos. Para nós, a vida é uma caótica contradição. Não a estamos descrevendo sentimental, emocionalmente ou noutro sentido qualquer, porém tão-só em sua realidade. Vemo-nos confusos, aflitos, ansiosos, aterrados, desesperados. Está sempre a inquietar-nos êsse mêdo e sofrimento. Tal é a nossa vida, e, no final de tudo e inevitàvelmente, a morte, Só isso sabemos. Podemos imaginar coisas, ter muitos ideais, fórmulas e fugas, mas, quanto mais fugimos, tanto maior a contradição, tanto mais profundo o conflito.

Podemos observar nossa vida, tal como é realmente e não como deveria ser? Os ideais são de todo em todo fúteis. Nenhuma significação têm. São como o ideal dos que crêem na não-violência e, na realidade, são violentos. Isso é um fato. Os entes humanos *são* violentos. Demonstram-no suas palavras, seus gestos, seus atos e sentimentos. Cultivaram o *ideal* de "não ser violento" — que representa um estado de paz, de ausência da violência. Há o *fato* e o que "deveria ser". Entre

o que é e o "desejável", entre o fato e a idéia, a utopia, "o que deveria ser", acha-se o intervalo de tempo. No esfôrço para alcançar "o que deveria ser", estamos sempre a semear a violência. O ideal é uma maneira hipócrita de olhar a vida. Não há, decerto, nenhuma necessidade de ideal, se sabemos olhar o fato e dêle libertar-nos. Porque não sabemos olhar os fatos e libertar-nos dêles, pensamos que com um ideal os resolveremos. Em verdade, o ideal, a utopia é uma fuga da realidade. Sabendo-se olhar a violência, talvez se torne possível uma ação de espécie diferente. Consideremos um pouco mais êste ponto.

Sou violento e percebo que qualquer forma de fuga à realidade, ao fato de que sou violento, *tôda e qualquer* fuga — bebida, ideais, etc. — diminui a energia de que necessito para olhar o fato. Preciso dessa energia para olhar, para manter-me completamente atento. Isso também é um fato simples. Se desejais *olhar* qualquer coisa que seja, necessitais de muita energia. Se só estais incompletamente atento, porque tendes ideais que não devíeis ter, então estais dissipando vossa energia e, por conseguinte, sois incapaz de olhar. Olhar é uma operação que requer *tôda* a vossa atenção. Só se pode *olhar* quando não se está querendo alcançar nenhum ideal, nem desejando alterar *o que é.*

Só aparece o desejo de alterar *o que é,* quando o fato é desagradável. Quando agradável, não desejamos alterá-lo. Nossa preocupação é perseguir o ideal e evitar a dor. Nosso maior interêsse é o prazer e não a violência ou a não-violência, a bondade, etc. Queremos prazer, e para alcançá-lo estamos dispostos a tudo. Enquanto estivermos a olhar o fato com a intenção de alterá-lo, não teremos possibilidade de alterá-lo, porquanto nosso principal interêsse é modificar o fato, para têrmos prazer — ainda que seja um prazer muito nobre. Devemos perceber isso muito claramente, porque os nossos valores morais, éticos e religiosos estão todos baseados no prazer. Eis o fato verdadeiro. Não é um fato imaginário, como veremos, se nos sondarmos muito profundamente e olharmos todos os valores que estabelecemos. Quando existe êsse princípio do prazer, tem de haver inevitàvelmente dor. Olhamos a violên-

cia com o fim de transformá-la num prazer e passarmos dêste a um prazer maior; por isso, somos incapazes de alterar o fato de que somos violentos. Consideramos a vida com a mira no prazer.

No fundo, os entes humanos são violentos, por várias razões. Uma das razões fundamentais é que tôdas as suas atividades se concentram em perpetuar o EU, o EGO. A atividade egocêntrica é uma das causas da violência. Por outro lado, a fim de realizar uma revolução radical, tenho de compreender o princípio[1] do prazer. Amo os meus deuses; isso me proporciona enorme satisfação. Amais os vossos deuses, vossas fórmulas, vossa nacionalidade, vossa bandeira. O mesmo faço eu. Tudo isso se baseia no prazer. Posso dar-lhe diferentes nomes, mas não importa; o fato é êste. Ora, é possível considerarmos a violência, sem procurarmos transformá-la em prazer; posso observar simplesmente o fato de que sou violento?

Temos de compreender o que significa "olhar" e "escutar". Escutar é uma das coisas mais difíceis, porque costumamos interpretar tudo o que ouvimos e, depois, concordar ou discordar. A mente, o cérebro está em incessante atividade, sempre a ouvir, refutando ou aceitando, negando ou seguindo o que se diz. Para podermos escutar realmente, precisamos estar absolutamente quietos; do contrário, não podemos escutar. O que geralmente acontece é que nunca escutamos o que se nos diz, nunca escutamos uma ave ou o ciciar da brisa entre as fôlhas. Nunca escutamos *realmente*. Já traduzimos tudo em palavras, imagens, e olhamos as coisas com essas imagens, palavras, experiências, conhecimentos. Afinal, escutar o vosso amigo, escutar vossa espôsa ou marido, é uma das coisas mais difíceis que há, porque tendes uma imagem já formada de vosso amigo, de vossa espôsa, e esta tem sua imagem de vós. A relação existente é entre duas imagens, e são essas imagens que falam uma à outra — sendo as imagens lembranças, experiências, mágoas, etc. Nunca há o verdadeiro ato de escutar. Para escutar, temos de estar livres da imagem.

---

(1) "Princípio", no sentido de "razão fundamental, regra, base". — N. do T.

Do mesmo modo, para vermos as coisas, não deve haver a interferência de nenhuma imagem. Podemos então olhar a violência, descobrir se a palavra está criando o sentimento ou se o sentimento da violência é independente da palavra, já que a palavra não é a coisa. Embora o cérebro se ache ativo, *olha* num estado de negação, porque a "imagem que olha" deixou de existir. Cada um de nós tem uma imagem de si próprio e imagens do "outro". Não estais a olhar-me realmente. Estais olhando para a imagem que tendes de mim, tal como tendes imagens de vossa espôsa ou marido, de vossos filhos, de vossa pátria. Nossas relações — assim chamadas — são entre essas imagens. Quando queremos escutar ou olhar, as imagens interferem. Imagens de ofensas, de coisas ditas, lembranças, experiências acumuladas, tudo isso interfere e, por conseguinte, não se pode *olhar,* nem pode haver verdadeiras relações entre duas pessoas. Só pode estabelecer-se um estado de relação entre pessoas quando não existe imagem alguma.

Quando podemos olhar a violência, sem a respeito dela têrmos uma imagem, qual o estado da mente ou do cérebro que está a olhar? Se nenhuma imagem tendes de vossa espôsa, e ela nenhuma imagem tem de vós, nenhuma absolutamente, qual o estado de vossa mente e da dela, de vosso cérebro e do dela? Que se está passando? Nenhuma imagem tendes de vós mesmo, como inglês. Não vos qualificais de cristão ou hinduísta, de marido ou espôsa. Não há imagem de espécie alguma. Para nos libertarmos da imagem, temos de investigar muito profundamente a questão da formação das imagens e, uma vez feito êsse exame, com o máximo de escrúpulo e atenção, o cérebro não fica "em branco", num estado de entorpecimento. Ao contrário, torna-se sumamente ativo, porém não estará em atividade o "formador de imagens".

Com essa atenção pode-se *olhar*. É relativamente fácil olhar a árvore, a flor, um pássaro, mas olhar dessa mesma maneira para dentro de nós mesmos, olhar a nossa violência, nossos prazeres e dores, isso é outra questão. Só se pode olhar e escutar, quando a mente, o cérebro está totalmente qnieto. Do contrário, nada se pode ver. Só é possível a mudança, a revolução total, quando olhamos com essa atenção, atenção em que

não mais existe o processo formador de imagens do prazer ou dos valores do prazer. Isso é que é ser livre. Liberdade significa, decerto, capacidade de olhar, de observar, porque ver é agir.

Pode-se perceber tudo o que a violência implica, tanto històricamente como na atualidade. Sabemos o que ela significa. Dizem-me que já houve quinze mil guerras nos últimos 5.500 anos — quase três guerras por ano! Podem não estar-se travando guerras aqui, entretanto elas continuam a ser travadas no mundo. Apesar das religiões, apesar de tôda a bondade existente, aceitamos a guerra como norma da vida. O homem aceitou a violência como norma da vida. Os políticos, as pessoas religiosas, todos falam *a respeito da* paz. Não podemos ter paz, se não vivemos pacìficamente. Para vivermos pacìficamente, não deve existir violência. Esta questão exige a mais ampla investigação e exame. A transformação, a revolução radical na consciência, só se tornará possível quando formos capazes de observar, de ver, de escutar, e quando soubermos que o observar e ver é agir. É possível extinguir a violência dentro de nós imediatamente, instantâneamente, e não em têrmos de tempo? Tão condicionados nos achamos, que dizemos: "Gradualmente me libertarei da violência". Estamos acostumados com a gradualidade, a evolução, mas é possível extinguir instantâneamente a violência existente em nós mesmos? Digo que podemos terminar a violência imediatamente, quando somos capazes de observar êsse fato completamente, com atenção total, em que não exista nenhuma espécie de imagem. Isso é como uma pessoa tornar-se consciente de um precipício, de um perigo. A menos que seja neurótica, desequilibrada, a pessoa se afastará do perigo; a ação é imediata. Perceber, ver realmente o perigo, é estar livre de imagens. Pode-se então olhar com absoluta serenidade, em completo silêncio. Verificar-se-á, então, uma total mutação do fato.

Uma revolução em tôda a psique do homem não é realizável por meio da vontade, que é desejo, determinação, por meio de um plano de vida conducente à paz. Ela só é possível quando o cérebro pode estar quieto e ao mesmo tempo ativo, para observar sem criar imagens de acôrdo com sua experiên-

cia, conhecimentos e prazer. A paz é essencial, porque só na paz pode o indivíduo florescer em bondade e beleza. Essa possibilidade só existe quando somos capazes de escutar o todo da existência, com tôdas as suas agitações, aflições, confusão e angústias — escutá-lo, simplesmente, sem nenhum desejo de alterá-lo. O próprio ato de escutar é a ação que operará a revolução.

26 de abril de 1966.

LONDRES — II

A Liberdade e a Paz

Direi primeiro algumas palavras e, depois, se o desejardes, podeis fazer-me perguntas, a fim de esclarecermos os pontos tratados.

Há dias, quando nos reunimos no outro salão, dissemos que é muito importante, de todos os pontos de vista, viver em paz e liberdade. Para vivermos em paz, temos de ser pacíficos, e isso exige abundante energia, porquanto estamos condicionados para não ser pacíficos. Somos agressivos, dominadores, competidores, brutais. Nossa maneira de vida não é de modo nenhum pacífico, porque tôdas as nossas atividades são essencialmente egocêntricas e, portanto, geradoras de conflito. Muito poucos dentre nós empenham-se em ser livres. Tendemos à revolta, a chocar-nos com algo ou com alguém. No estado de revolta, como é fácil verificar, desenvolvem-se outras reações em que o indivíduo se vê enredado e em constante conflito, interior e exteriormente. Nunca somos livres; jamais nos empenhamos em ser livres interiormente e, por esta razão, andamos sempre às voltas com problemas e contradições de tôda sorte.

Ora, para sermos livres necessitamos de imensa energia. A liberdade e a paz não são meros conceitos intelectuais ou ideais que deverão ser alcançados com esfôrço e luta. O esfôrço e a luta para alcançar alguma coisa exigem também uma certa energia, uma certa disciplina, contrôle, imitação; mas a liberdade a que nos estamos referindo não depende de resolução, volição ou determinação. Ela se apresenta quando em nós mesmos existe clareza, quando estamos perfeitamente lúcidos,

Achando-nos confusos e em contradição, as atividades resultantes dessa confusão só podem causar maior confusão, mais contradições e falta de clareza. Isso me parece relativamente fácil de compreender. Se estou confuso, as coisas que faço, os pensamentos e sentimentos que tenho, serão inevitàvelmente confusos. Não há uma só parte de mim mesmo livre de confusão. A idéia de que momentos há em que estou muito lúcido é em verdade inteiramente enganosa. Se me observo e examino, posso ver que estou totalmente confuso. E todo pensamento, ação e sentimento nascidos dessa confusão levarão necessàriamente a maior confusão. Cumpre perceber e compreender isso claramente, pois pensamos que existe alguma parte de nós mesmos que percebe muito claramente as coisas. Se, de fato, essa parte está vendo alguma coisa com clareza, nesse caso a outra parte está a contradizer aquilo que está claro. Posso, em dados momentos, fazer uma certa coisa com lucidez, porém acontece que, noutros momentos, não estou lúcido.

Há contradição entre a lucidez que às vêzes penso ter, e a falta de clareza que existe quando estou confuso. Em verdade, não há clareza nenhuma. Estamos confusos. É-nos dificílimo admiti-lo, mesmo a nós próprios. Gostamos de aparentar clareza, em certos momentos, porém tal clareza não existe.

Torna-se, por conseguinte, importantíssimo investigar o que significa *ser sério*. Considerai, por favor, que esta é uma palestra sem formalidades. Depois iremos debater, conversar sôbre os nossos problemas. Não tendes de ficar a ouvir, e só eu a falar; não estou fazendo uma preleção. Compartilhemos nos assuntos de que vamos tratar, examinemo-los calma e naturalmente, de modo que comecemos a compreender os vários problemas de nossas vidas.

Estive a considerar o que significa *ser sério*. Em geral, temos a impressão de que somos bastante sérios, entretanto nunca indagamos qual deve ser o estado da mente que de fato é séria — *de fato*, e não apenas séria "em relação a alguma coisa". Se somos sérios em relação a alguma coisa, isso nos levará sempre a novas aflições. Tal é o caso do homem que toma "sèriamente" uma bebida ou que "sèriamente" se devota a uma idéia, uma causa, que se mostra muito sério em relação a um dado compromisso e se esforça por levá-lo a bom têrmo. Con-

sideramos "sérias" as pessoas que têm um conceito, idéia ou ideal a que se consagram lógica, brutal, impiedosamente, ou com uma certa simpatia humana. Consideramos "sério" o homem que assim procede; mas êsse homem é realmente sério? É *sério* aquêle que segue um determinado plano de ação que formulou ou concebeu para si próprio ou que recebeu de outrem, vivendo de acôrdo com tal padrão e, portanto, condicionado? Tal pessoa, para mim, não é séria, em absoluto, porquanto jamais considerou o que significa "ser sério", qual o estado da mente que é séria, sem ser "em relação a alguma coisa". Se primeiramente examinarmos um pouco êste ponto, poderemos depois voltar a considerar a paz e a liberdade, num nível diferente.

Estamos indagando qual é o estado da mente que é, deveras, *séria*. A pessoa que em geral consideramos séria é um ente humano parcialmente sério, isto é, sério em relação a uma certa coisa. Sua mente funciona fragmentàriamente. É muito "sério", por exemplo, em relação à pintura; sente intensamente, em matéria de pintura, de arte, de música, etc., mas da outra parte da mente não está cônscio, não a leva sequer em consideração. Suas atividades sociais, suas reações diárias, etc., são sem importância, porque êle se consagrou de corpo e alma a um certo fragmento da existência. Poderá ser artista, cientista, poeta, escritor, porém, enquanto, política ou religiosamente, sua mente funcionar fragmentàriamente e se mantiver ligada a êsse fragmento, tal atividade fragmentária, decerto, não indica *seriedade,* porquanto contradiz a outra parte da existência.

Para mim, a pessoa *séria* é aquela que não funciona fragmentàriamente, i.e., cuja mente não pensa fragmentàriamente.

É-nos possível estar totalmente atentos ao todo da vida, não apenas aos fragmentos, às partes, porém à sua totalidade? Se uma pessoa é verdadeiramente séria, não existe contradição. A pessoa que não é séria, essa é que vive em contradição. Está bem claro isto? Por favor, não concordeis nem discordeis. Examinai o que se está dizendo e, por vós mesmos, senti, tomai conhecimento dessa ação fragmentária, para não considerardes sério aquilo que não o é e descobrirdes o que é uma

mente realmente séria, que não funciona por fragmentos, porém considera o todo. Esta, decerto, é a mente séria: a mente que está cônscia do processo total da vida.

INTERROGANTE: Posso fazer-vos uma pergunta?

KRISHNAMURTI: Pois não.

INTERROGANTE: Por observação pessoal, reconheço a exatidão do que dizeis. Entretanto, uma das coisas que me impedem de ser séria é minha incapacidade de agüentar o todo.

KRISHNAMURTI: Diz essa senhora que a dificuldade de ser séria é sua incapacidade de "agüentar" o todo. Deixai-me continuar o que estava dizendo, por mais alguns instantes, se não vos desagrada. Desejo estender-me mais um pouco, antes de começardes a fazer perguntas e de considerarmos juntos êstes assuntos. Não me parece necessário "agüentar" coisa alguma. Não há nenhuma carga em ver uma coisa totalmente. Ou vemo-la, ou não a vemos. Se a vemos, não há carga nenhuma. Só quando não a vemos, quando estamos confusos a respeito desta questão de "ser sério" e a outros respeitos, só então ela se torna uma terrível carga. Deixai-me prosseguir, e chegaremos juntos a êsse ponto.

Estamos falando a respeito da seriedade, porque, de alguma maneira, precisamos eliminar a contradição existente em nós mesmos — fonte de todos os conflitos. A mente que se acha em conflito é incapaz de perceber, de ver. É uma mente deformada; e a contradição, à medida que se vai tornando mais aguda, leva a várias formas de desequilíbrio, psicoses, etc. etc. É possível a uma mente, uma pessoa, viver — na vida diária — livre de contradição e, portanto, livre de conflito? Para o descobrirmos, temos de investigar o que é uma mente séria. Se conseguirmos compreender isso, não continuaremos, talvez, a funcionar fragmentàriamente, porém com base num estado totalmente diferente, num estado inteiramente livre de contradição.

Peço-vos que, antes de começardes a fazer-me perguntas, considereis o que se está dizendo, sem vos preocupardes sôbre como "realizar" um certo estado, como alcançá-lo, pois isso é completa falta de madureza.

É essencial que o homem viva em paz; isso significa que êle deve levar vida pacífica. A palavra "levar" inclui aqui o todo da vida, e não uma parte apenas. É possível isso, ao cérebro que há tantos séculos vem sendo educado, exercitado, condicionado para aceitar e seguir uma maneira de vida em que existe conflito? As células cerebrais já estão habituadas com essa maneira de vida. Nossa atitude perante a vida não é pacífica. Tôda a nossa estrutura social, moral, ética, religiosa não é pacífica. Essa estrutura psicológica que o homem veio criando através dos séculos, através da chamada evolução, faz parte de nós. Nós somos ela. Não constitui nenhuma solução fugir dessa estrutura para um mosteiro ou internar-nos num hospital de doenças mentais; ou recorrer a drogas; ou dizer: "Muito bem; sou contra *esta* guerra; mas *noutra* guerra, eu lutarei. Sou contra a guerra no Vietnam, mas, se minha pátria fôr atacada, defendê-la-ei com tôdas as fôrças."

Aceitamos, pois, a guerra — a manifestação extrema de nossa vida diária — como norma da vida. Pregações religiosas a respeito da paz, e outras futilidades dêsse gênero, nada mais são do que falas ociosas; nada significam.

Aceitamos a guerra. Nossa maneira de vida é a guerra, e não a paz, porque vivemos a competir. Nossos cérebros "respondem" de acôrdo com êsse condicionamento, que implica conflito, batalha, luta. É possível alterar-se tôda essa estrutura de que fazemos parte, de que o próprio cérebro faz parte? Pode-se-lhe pôr fim? Pode o pensamento, que criou uma maneira de vida em que existe conflito, pode êsse mesmo pensamento, que é o resultado de séculos de violência, pôr-lhe têrmo? Pode o pensamento pôr fim a uma maneira de vida que é brutal? Nosso intelecto, nosso cérebro, nossos pensamentos criaram um padrão essencialmente não-pacífico, violento, etc. O pensamento não pode extingui-lo. O pensamento o criou; por conseguinte, o pensamento não pode destruí-lo. Poderá criar padrões opostos, os quais entretanto conterão os germes da violência, porque o pensamento só pode criar um teor de vida para sua própria satisfação.

O pensamento não pode criar um sistema de vida pacífico. Não sei se percebeis isso. Se penso: "Devo ser pacífico;

devo encontrar uma maneira de vida na qual minhas atividades sejam pacíficas, não-violentas" — o que êsse pensamento realmente cria é resistência à violência, e resistência significa contradição. Vemo-nos, assim, de volta à mesma confusão de antes. O pensamento, como vontade, o pensamento que nos faz dizer: "Devo — estou determinado a viver uma vida pacífica" — êsse pensamento, que criou uma maneira de vida não pacífica, só pode criar outro padrão que *considera* pacífico, mas que também não é pacífico. Êste é, com efeito, um problema extremamente sutil. Não basta dizer: "Eu vivo pacìficamente". Assim têm vivido, em todos os mosteiros, muitos daqueles que renunciaram ao mundo; contudo, não vivem pacìficamente, porque se acham, interiormeste, em efervescência.

Esta é uma questão muito simples; entretanto, vou procurar esclarecê-la mais. O pensamento criou o padrão desta nossa existência diária. Descobrindo que a maneira de vida que estamos levando — e que se tornou nosso estado normal — é desagradável, dolorosa, destrutiva, o pensamento pode então "dizer": "Criarei uma maneira de vida diferente, que seja pacífica". E, assim, em reação àquela, o pensamento cria uma maneira de vida na qual pensa que viverá pacìficamente. Mas, se se observa (examina) um padrão criado pelo pensamento, a fim de ter paz, vê-se que, na verdade e em essência, tal padrão representa uma resistência à violência, e, por conseguinte, é também uma contradição.

É preciso ver isso com muita clareza — não dialèticamente, nem concordando com as palavras ou percebendo intelectualmente. Se o compreendemos intelectualmente, verbalmente, isso nada significa. Mas, se percebemos que o pensamento de modo nenhum pode criar uma maneira de vida pacífica, isto é, sem nenhuma contradição e, portanto, sem conflito, perguntamos então a nós mesmos: "Qual a origem do pensamento?". A menos que a descubramos, não poderemos ajudar o pensamento a criar um diferente padrão de vida. Está mais ou menos claro o que estou dizendo? A origem do pensamento, o seu comêço, precisa ser descoberto.

Esta questão exige enorme seriedade — seriedade não fragmentária, porém real. Com ela não se pode brincar. Não se

pode dizer, intelectualmente: "Sim, é muito bom o que estais dizendo", discordar, ou concordar, acrescentar-lhe ou tirar-lhe alguma coisa. Isso não dá resultado, neste particular. Necessita-se de extraordinária atenção e seriedade no propor esta questão e no investigá-la. Porque, se se descobre a origem do pensamento — se pode ser descoberta — então o pensamento ficará no lugar que lhe compete, terá sua importância num certo nível e não interferirá noutro nível mais amplo.

Vou expressá-lo diferentemente. Não estou vivendo uma vida pacífica. Como ente humano, não sei o que isso significa. O que conheço é só uma maneira de vida causadora de guerra, interna e externa. E percebo, também, que a mente que vive em paz é uma mente extraordinária: tôda carregada de energia. Não há dissipação de energia, em nenhum nível; e só a mente que, conscientemente, vive em paz, completamente, em sua totalidade, pode funcionar. Sua ação é beleza, amor, virtude, porque nela não há a menor parcela de resistência.

É essencial ser pacífico. O homem fala em paz desde suas origens. As igrejas sempre repetiram que devemos ter paz, e todo o mundo tem dito o mesmo. O político fala a seu respeito, infelizmente. Para êle, a paz é apenas aquêle intervalo entre duas catástrofes, duas guerras, duas eleições, etc.

A menos que a mente descubra a fonte do pensamento, ver-se-á sempre de nôvo enredada num sistema de vida que levará finalmente ao conflito, uma maneira de vida que é violência. Aquela fonte precisa ser descoberta. Enquanto existir observador e coisa observada, haverá contradição, distância, intervalo de tempo, separação entre ambos, e o pensamento tem de existir. Por favor, não tomeis notas. Não estamos fazendo uma conferência e, portanto, não precisais tomar notas, para mais tarde refletirdes em casa sôbre o assunto ou rebatê-lo com algum amigo. Estamos trabalhando juntos.

Enquanto houver observador e coisa observada, e, entre ambos, intervalo de tempo, distância, espaço — essa separação dará origem ao pensamento. Só quando o observador *é* o objeto observado, e não há observador nenhum, não há pensar.

Objetivamente, vejo, no comêço da primavera, uma árvore em que ainda não despontaram as fôlhas novas, formando,

com seus galhos nus, um delicado desenho contra o fundo azul do firmamento. Vejo-a: Eu, o observador, e aquela árvore: observador e coisa observada. A árvore não sou eu. É algo existente no exterior. Nela penso quanto é delicada, bela, escura — uma forma negra contra o céu limpo. O observador tem certas "memórias" a respeito daquela árvore, sua espécie, seu nome, a lembrança dos fatos acumulados em relação a ela. O observador é a memória, a entidade que *sabe;* com êsse saber, sua memória, experiência, conhecimentos, olha a árvore. O observador está então *pensando*. Enquanto existe observador e coisa observada, no pensamento, na ação, é isso o que acontece.

Consideremos outro exemplo: as relações entre cônjuges. É relativamente fácil olhar uma árvore, mas o caso se torna muito mais complexo quando espôsa e marido olham um para o outro. Há sempre o "observador" e o "objeto observado". O observador, que convive com aquela outra pessoa, recorda-se dos prazeres, sensuais e outros, do companheirismo, das ofensas, das lisonjas, dos confortos — de tudo o que constitui o *fundo* dessa relação. Cada um tem uma imagem do outro. Dessa imagem, dessa memória, dessas experiências, dêsses prazeres, nasce o pensamento. A relação é entre as duas imagens. Isso também está perfeitamente claro e, portanto, pode-se ver que, enquanto há observador e objeto observado, o pensamento inevitàvelmente funciona. *Aí* se encontra a fonte da ação-pensamento. Enquanto há divisão, separação, o pensamento necessàriamente começa a funcionar; isso não significa que o pensamento se identifica com o objeto a fim de pensar; pelo contrário, só está a identificar-se com o objeto a fim de pacificar o pensar; mas existe sempre "processo" de pensar naquele estado de relação.

Está, assim, descoberta a origem do pensar. Mas, quando o pensador, o experimentador, o observador *é* o objeto observado, a experiência, o pensamento, não há, nesse estado, nenhum pensar. E é nessa maneira de vida que se encontra a paz. Se uma pessoa é *séria,* não fragmentàriamente, intermitentemente, quando lhe convém, quando isso lhe proporciona confôrto ou prazer; se deseja *sèriamente* encontrar uma maneira de vida em que haja paz, em que não exista contradição

e, portanto, não exista conflito nem esfôrço, terá de investigar o processo do pensar e a origem do pensar. Isso não significa que não se deva fazer uso do pensamento. Naturalmente, temos de fazer uso dêle; mas, o pensamento — quando dêle nos servimos sem compreender como se origina e como termina — cria mais conflito, mais confusão, como ocorre atualmente. Mas, naquela claridade que vem quando o observador *é* o objeto observado, o pensamento perdeu a imensa importância que tinha para nós. A paz não é um fim em si, um ideal que temos de lutar para alcançar, uma coisa que precisamos obter, para vivermos tranqüilos. Ela vem, naturalmente, sem esfôrço e sem luta de nossa parte, quando o pensamento compreendeu a si próprio. Isso não significa que o pensamento põe, então, fim ao pensar — pois isso seria falta de madureza, infantilidade. Mas, ao ser compreendido o inteiro processo do pensar, alcança-se um estado que se pode chamar "pacífico", mas esta palavra não é o fato. É sòmente a base de que necessitamos. Estamos apenas lançando as bases, pois, sem bases adequadas, o pensamento, a mente, não pode, de modo nenhum, funcionar numa dimensão completamente diferente. Agora, podemos conversar.

INTERROGANTE: Uma vez alcançada a união com o Onipotente, vê-se a pessoa, por assim dizer, mergulhada num remanso de intensa luz, rodeada das barreiras que Deus criou e fixou, a fim de que ela possa fruir a bem-aventurança da rendição inconsciente a um estado de perfeição, reunida ao Onipotente.

KRISHNAMURTI: Desculpai-me, senhor; acho que não estamos falando sôbre tal assunto, se não me levais a mal o dizê-lo. Não há atingir nem identificar-se com o chamado "Onipotente". Isso é ainda um processo de pensamento. Vêde, senhor, o homem tem feito tudo quanto é possível fazer, nestes dois milhões e mais de anos, a fim de viver pacìficamente, uma vez que percebe quanto a vida é brutal, devastadora, uma interminável sucessão de guerras. Neste momento, estão-se destruindo entes humanos no Vietnã. Milhões têm sido sacrificados em nome da religião, em nome do amor, em nome do Onipotente. Estais-me seguindo? Tudo o homem tem feito, para

descobrir a maneira de viver pacìficamente — em pura perda! Um ou outro, neste ou naquele lugar, poderá tê-la descoberto, mas o mesmo não se pode dizer de vós nem de mim e, portanto, o descobrimento feito por êles nenhuma importância tem para nós. O importante é nossa própria vida, nossa existência de todos os dias, a qual temos de compreender, não no fim de um certo tempo, daqui a dez ou cinco anos, porém agora mesmo, imediatamente; porque, do contrário, estaremos lançando as sementes da violência, cujos frutos nossos filhos irão colhêr. E, se se diz: "Deus é a Entidade Suprema" — isso é coisa a cujo respeito vós e eu nada sabemos. O que conhecemos é só esta vida brutal, esta vida cheia de desespêro, de ansiedades, aflições e sofrimentos. E, se não pusermos têrmo a ela, não especulativa nem idealìsticamente, porém *de fato*, seguiremos vivendo e criando guerras futuras com nossa maneira de vida.

INTERROGANTE: Eu desejava considerar a questão da origem do pensamento. Li vosso livro "A Primeira e Última Liberdade", e descobri que minha vida é por mim mesmo criada. Tôdas as ansiedades e tôdas as lutas em que diàriamente me empenho — fui eu quem as criou. Mas, cheguei a um ponto em que me vejo incapaz de compreender esta "origem do pensamento", de que estivestes falando nesta manhã. Sou um homem constantemente atormentado, com meus negócios, com problemas e coisas de tôda ordem. Desejo libertar-me de tudo isso e, assim, leio os vossos livros. Na próxima semana, voltarei às minhas ocupações e aos mesmos intermináveis problemas que tanto me atormentam. Hoje tem de ser um dia decisivo para mim. Aonde me conduzirá essa "origem do pensamento"? Como posso libertar-me do pensamento, a fim de conhecer aquêle estado de paz a que vos referis? Porque eu sei que não vivo em paz. Como virá a mim o estado de paz?

KRISHNAMURTI: Foi isso mesmo que estive explicando, meu senhor. Ponhamos as coisas bem claras. Isto aqui não é um confessionário, pois não estamos a confessar uns aos outros as nossas dificuldades. Estamos tentando compreender o problema em seu todo, e não conflitos e problemas individuais e locais, pùblicamente confessados. Temos vivido dessa maneira, nos negócios, no lar, e tal é a norma de nossa vida.

Quando desejamos viver de maneira diferente, não sabemos o que é isso; com efeito, não sabemos o que significa viver pacìficamente. Não podemos pintar um quadro, uma imagem dêsse modo de vida, para ficarmos seguindo essa imagem. Não conhecemos tal maneira de vida e, portanto, não podemos sair em busca de uma coisa que desconhecemos. Só isto sabemos: nos negócios, no lar, nossas atividades representam sempre um padrão de vida em que há conflito. É só isso que conhecemos. Portanto, não olhemos para mais nada, porque fazê-lo é enganar a nós mesmos, é uma fuga, desperdício de energia. Nós temos a energia necessária para resolver êste problema. Portanto, não fujamos dêle — do que *é*. Para darmos tôda a atenção — por conseguinte, tôda a energia — a êste problema, não devemos procurar outra pessoa ou outra coisa; não temos tempo. Impende-nos aplicar, inteiramente, nosso corpo, nossa mente, tudo o que temos, a compreendê-lo. E eu digo que, para o compreendermos, temos de compreender a questão do "observador e objeto observado". Vêde, por favor, que isto é bem claro; é muito simples expressá-lo em palavras, mas, para o penetrarmos profundamente, necessitamos de uma mente disciplinada; não uma mente que *foi* disciplinada, porque esta é uma mente morta. O próprio ato de penetrar o problema, o próprio ato de examiná-lo é disciplina. O que estamos tentando é descobrir porque existe esta contradição, êste conflito, em tôdas as coisas de nossa vida. E eu digo que, enquanto o pensamento predominar, enquanto não fôr compreendido, enquanto não virmos como se inicia sua atividade, estaremos sempre em conflito, nos negócios ou fora dêles.

É possível tratarmos de nossos negócios, vivermos com nossas famílias, olharmos uma árvore — sem conflito? Só é possível, quando o observador *é* o objeto observado. Isso requer imensa compreensão. O problema não é *como* consegui-lo. Não podeis consegui-lo. Tendes de viver, de penetrar o problema. Quando olhais uma árvore, nunca a vêdes, porque tendes a imagem relativa à árvore e é essa imagem que olha a árvore. Quando olhais uma flor, uma mulher, um homem, tendes a imagem respectiva, que é o processo de pensar. Podeis olhar a árvore, a mulher, a criança, vosso chefe, sem "observador"? Vêde, por favor, que isso é muito importante, porque, se, exer-

cendo vosso emprêgo, puderdes funcionar sem o "observador", sereis capaz de amar o vosso trabalho.

INTERROGANTE: Como penetrar o problema? Qual a disciplina?

KRISHNAMURTI: Um momento! Não dou à palavra "disciplina" o sentido de imitação, ajustamento, repressão, autocoerção. Não considero isso disciplina, porquanto implica mêdo; denota ânsia de aquisição, de prazer. A mente, ao olhar a árvore, olha-a com a imagem que dela tem. Descobrir essa imagem — a imagem relativa à árvore, à pessoa, à espôsa, ao marido — é disciplinar-se. A raiz da palavra "disciplina"(1) significa, com efeito, "aprender". Ser discípulo é estar aprendendo. Uma pessoa não pode aprender, se está sujeita a disciplina, mas *aprender* implica disciplina. "Aprender" é disciplina. Tratemos, pois, de *aprender*. E, para aprender a respeito desta questão, tenho de investigá-la, de descobrir porque o observador está constantemente a interferir, a projetar suas imagens, seus conceitos, seus juízos, seus valores, seu *fundo*. Porquê? Porque o observador *é* o fundo. O observador é o conhecimento, a entidade condicionada, e não simplesmente um inglês ou um indiano, etc. Estais condicionado, e é êsse condicionamento que olha a árvore, a flor, a mulher, a pátria ou a bandeira. Descobrir êsse condicionamento, êsse *fundo* que é o observador, compreendê-lo, aprender a seu respeito, é o verdadeiro ato de aprender, de disciplinar-se, porque, quando a imagem interfere, não tendes a energia necessária para *olhar*.

INTERROGANTE: Que se deveria fazer para eliminar êsse condicionamento?

KRISHNAMURTI: Notai, por favor, que a palavra "poderia" ou "deveria" supõe condição. Ou vemos a coisa ou não a vemos. Não nos reunimos aqui, nesta manhã, para palestrar durante uma hora, mais ou menos, e depois voltar às nossas lides de cada dia. Estamos tratando aqui da totalidade da vida. O presente momento representa todos os momentos da vida.

---

(1) Latim: *disc-o*: eu aprendo (infin. *discere*).

INTERROGANTE: Há pensamento subjetivo, procedente do observador e, em seguida, o pensamento objetivo, que é o simples pensar?

KRISHNAMURTI: Não, não! Não há pensamento subjetivo, e pensamento objetivo; só há pensamento.

INTERROGANTE: Estivestes falando sôbre o processo total da vida. Que significa isso, exatamente? Acho que seria muito facilitado o nosso trabalho aqui, se désseis a cada um de nós uma idéia do que aprendestes, no Oriente, a respeito dos Mestres e dos extraordinários entes humanos que vivem do outro lado do mundo. Isso não está em alguma relação com o "processo" total?

KRISHNAMURTI: Não, minha senhora. Voltemos ao começo. Temos de encarar a vida com muito ceticismo. Ninguém tem fé em mais nada.

INTERROGANTE: Disparate!

KRISHNAMURTI: Dizeis que é disparate; está certo. O homem que pensa e deseja descobrir algo de original, e não uma coisa de "segunda mão", recebida de outrem, encara a vida com uma boa dose de ceticismo, porém isso não significa que êsse homem vive puramente com êsse ceticismo. Êle examina; não aceita nem rejeita. Se uma pessoa deseja descobrir se existe a Realidade, Deus (cuja existência o homem afirma há séculos), nenhum valor tem seguir o que outros têm dito. Tanto a Igreja Católica como a Protestante afirmam que existe Deus, e os indivíduos que n'Êle crêem estão condicionados do mesmo modo que os da Rússia e da China, que não crêem em tais inanidades, porque assim estão condicionados. Já tivestes ocasião de conversar com um autêntico comunista? Se o fizerdes, êle vos dirá: "Que necedade! Só há a existência física, e fora dela nada mais existe. Não seja uma mulher à moda antiga, não pensante. Aquilo é absurdo!". Para investigar a verdade, a pessoa tem de estar livre tanto do crente como do não-crente, não achais? Não pode dizer: "Aceitarei *isto*, porque mais agradável, mais confortante" — rejeitando o resto. Tem de estar livre dêsse condicionamento. Daí, poderá continuar. Mas, se a pes-

soa não está livre de seu fundo de condicionamento, como poderá investigar? Como poderá fazê-lo, por si própria? — Antes de dizerdes "Sim" ou "Não", antes de dizerdes que estou proferindo disparates, deveis libertar-vos de vosso condicionamento; descobrir se é possível a pessoa ser livre; se o cérebro, treinado que foi, e atestado de propaganda durante dois mil anos ou mais, pode libertar-se, para pensar, para olhar a si próprio, sem nenhum condicionamento. Essa é a primeira coisa que se deve fazer. Lançada esta base — que implica virtude, procedimento, comportamento, não-competição — podereis meditar e fazer descobrimentos. A meditação não é uma coisa que começa num certo nível; começa imediatamente.

INTERROGANTE: Só devemos ter bons pensamentos?

KRISHNAMURTI: Não. Não, senhor; não estou tratando de "bons pensamentos" e "maus pensamentos", de "pensamento destrutivo" e "pensamento criador". Estamos tratando do *pensamento*.

INTERROGANTE: Podeis dar-nos um exemplo?

KRISHNAMURTI: Vêde, senhor. Quando amais alguma coisa — *amais*. O amor é pensamento?

INTERROGANTE: Creio que é.

KRISHNAMURTI: O amor pode ser cultivado pelo pensamento? É então amor, ou é um produto do pensamento, que não é amor?

INTERROGANTE: Presumo que uma coisa conduz à outra.

KRISHNAMURTI: Refleti, senhor! Não estou dizendo que concordeis ou discordeis. Considerai apenas o que se está dizendo. O amor é pensamento? Quando digo "amo-te", é o pensamento que o está dizendo?

INTERROGANTE: Se se está pensando no amor — é.

KRISHNAMURTI: Ah, se se pensa no amor, isso é amor? Refleti, por favor! Aí só está o intelecto — a palavra. O intelecto diz "Eu te amo — e isso não é amor.

INTERROGANTE: O amor, por alguém ou alguma coisa, é experiência?

KRISHNAMURTI: Oh, não! Se o amor é o resultado de experiência, isto é, do conhecimento, etc. etc. — é amor? Vêde, senhor. Vós amais — não *vós*, senhor; não se trata de coisa pessoal: Ama-se. Se se ama, há contradição nesse amor?

INTERROGANTE: Há — num certo sentido.

KRISHNAMURTI: O amor é compatível com o ciúme e o ódio?

INTERROGANTE: Suponho que sim.

KRISHNAMURTI: Não é caso de "supor", senhor.

INTERROGANTE: Existe a questão da energia. Com efeito, estamos a transbordar de energia, energia atuante. Tamanha é a energia, que imediatamente desejamos contê-la; essa é uma verdadeira disciplina, uma disciplina física. Quando falais de conflitos, estais-vos referindo a um estado físico?

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Parece que não nos estamos entendendo bem. Ir diàriamente para o emprêgo requer energia. Todo trabalho requer energia, energia física, e essa energia física cria aflições, com seus alvos ambiciosos, e produz conflitos psicológicos. Referimo-nos à energia que, atuando exteriormente, provoca conflitos psicológicos. Êsses conflitos produzem diferentes formas de fuga, contradições, e uma certa base de segurança, que não temos vontade de abandonar. Estamos dizendo que devemos libertar completamente a energia, onde ela não cause danos. A energia que atualmente estamos despendendo está causando muitos males e aflições. Enquanto ela não se focar correta e completamente, será forçosamente nociva. Foi a êsse respeito que estivemos falando.

INTERROGANTE: A noite passada recebi um súbito impacto — uma manifestação da energia do Real.

KRISHNAMURTI: Compreendo, senhor. Mas a questão é esta: Posso EU, que sou pensamento, reconhecer uma coisa como verdadeira? Estou apenas perguntando. Considerai isso um pouco, senhor; não me respondais. Digo que um certo estado é verdadeiro, é amor. Reconheço aquêle estado de paz, de

liberdade. O processo de reconhecimento implica que já experimentei uma coisa; de contrário, não posso reconhecê-la. Por conseguinte, êsse reconhecimento não é de uma coisa verdadeira. O que se reconhece não é nôvo, porém coisa já conhecida. A verdade é, então, aquêle estado irreconhecível da Realidade? Quando amais alguém — se realmente amais — naquele momento percebeis que amais. Mas, se verbalizais êsse percebimento, foi-se a manifestação.

INTERROGANTE: Pode-se ensinar as crianças a não dar nome, visto que "dar nome" constitui uma barreira?

KRISHNAMURTI: Eu diria isso de outra maneira. Temos de aprender a dar nome às coisas; temos de saber que aquilo é uma árvore, aquilo uma formiga, etc. etc. Mas, parece-me que muito mais importante que o dar nome é o despertar da inteligência. Inteligência significa ser sensível, física, emocional, mental, neurològicamente, com todos os sentidos. A mais elevada forma da sensibilidade é a inteligência. Quando há essa inteligência, sabemos quando o dar nome constitui uma barreira, quando é destrutivo. Mas, se começais pelo lado oposto, com o que resulta do dar nome ou não dar nome, tornais a coisa um tanto confusa. A questão, por conseguinte, é esta: Neste mundo moderno, com tôdas as nacionalidades e preconceitos nêle existentes, com os fatos que se estão desenrolando neste e noutros países, é possível ajudar uma criança a ser sensível? Não podeis ajudar alguém a tornar-se sensível, se vós mesmo não sois sensível. Podeis examinar o assunto, sôbre êle conversar e, nesse próprio "processo" vos estareis tornando sensível. Não estareis então ensinando o outro a ser sensível; ambos estarão aprendendo a ser sensíveis, integralmente, e não fragmentàriamente, como artista ou homem de negócios: sensíveis como entes humanos. Quando se é integralmente sensível, essa própria sensibilidade é inteligência.

30 de abril de 1966.

LONDRES — III

O Sofrimento

NAS DUAS palestras precedentes, estivemos considerando a necessidade de paz e liberdade; se alguma possibilidade existe de alcançarmos essas duas coisas tão necessárias e essenciais e qual o estado mental requerido para as alcançarmos — já que temos de viver num mundo baseado na violência, na aquisição e na avidez. Consideramos se, neste mundo, um ente humano normal poderia, de algum modo, ter paz. Nesta tarde desejo, se me permitis, falar a respeito de uma coisa com a qual o homem vive há muitos séculos: o sofrimento. Desejo considerar se existe alguma possibilidade de vivermos, não só conscientemente, mas também nos níveis mais profundos de nossa consciência, livres dessa coisa. O sofrimento, em qualquer forma, tal como o mêdo, embota a mente e o coração, torna insensível o ente humano. Como temos de viver neste mundo e de atender a nossas obrigações diárias, é-nos possível pôr têrmo ao sofrimento?

Para podermos compreender verdadeiramente uma questão desta natureza, é necessário estarmos em comunhão — e isso se torna extremamente difícil quando a palavra é o fator mais importante. Para a maioria de nós, a palavra, o símbolo, tem desmedida importância. Intelectualmente, somos capazes de compreender a maioria das coisas, a maior parte de nossas dificuldades e problemas, pois somos bastante sagazes e fomos bem educados para racionalizar os nossos problemas ou evitá-los. A maioria dos intelectuais ou das pessoas relativamente inteligentes são capazes disso. Mas, se desejamos pe-

netrar as coisas de maneira mais profunda, devemos saber o que é a verdadeira *comunhão*, o que significa comungar a respeito de uma coisa tal como o sofrimento. Para haver essa comunhão, devemos sentir com intensidade, ao mesmo tempo e no mesmo nível. De contrário, não é possível a comunhão. Temos de explorar juntos esta questão, e para o fazermos não só necessitamos de liberdade para examinar, investigar, mas também deve estabelecer-se aquela relação entre o orador e o ouvinte — a relação de comunhão, não só verbal, mas também além do nível verbal — percebendo-se que a palavra não é a coisa. O símbolo nunca é o fato, a verdade. A maioria de nós se deixa prender pelo símbolo, o nome, a palavra. Mas eu acho que a palavra, o símbolo perde seu domínio sôbre nós, se estamos sèriamente interessados em explorar, em esclarecer esta questão do sofrimento.

A comunhão, como deveis saber, só é possível quando nos aplicamos com vigor, com verdadeiro empenho à compreensão de uma questão. Sem essa intensidade, sem êsse exame vigoroso, deslisaremos fàcilmente para a argumentação intelectual, diremos que compreendemos intelectualmente, porém não seremos capazes de apreender realmente o que se está dizendo. Cessa, então, de todo, a comunhão.

Para haver comunhão em relação a um assunto tão difícil e complexo como êste, ambas as partes devem *escutar*. Escutar é uma arte, e a maioria de nós não escuta realmente. *Escutamos* nossas próprias opiniões, juízos, avaliações, e mal temos tempo para escutar uns aos outros. No ato de escutar — que, com efeito, é também ato de examinar-se — requer-se atenção, e não concentração — a atenção que desponta naturalmente quando aplicamos a mente, o coração, os ouvidos, tudo, à compreensão de algo que representa uma parte complexa e importante de nossas vidas.

Investiguemos esta questão não intelectualmente, pois o intelecto, por si só, não resolve coisa alguma. Isso não significa que não devamos fazer uso da razão, porém, sim, que não podemos viver só com o intelecto; não podemos ficar vivendo numa única parte, num único fragmento de nosso ser, iso-

lando-nos de todo o resto — como procura fazer a maioria de nós e, em conseqüência, vive em constante conflito e confusão. Para se compreender esta questão, tem-se de *escutar* não só as palavras do orador, mas também o problema em seu todo. O problema é sobremodo complexo e, no escutá-lo e examiná-lo, não devemos ter opiniões. Não podemos dizer "Eu sei e vós não sabeis", e manter-nos aferrados a opiniões, juízos e valores. O homem que diz que sabe, não sabe e, portanto, é incapaz de escutar.

O exame desta questão requer não só o ato de escutar, mas também o ato de perceber, de ver. Em verdade, escutar é *ver*. Para ver uma coisa mui claramente, ver uma rosa, uma árvore ou seus problemas pessoais, a pessoa deve olhar negativamente. "Olhar negativamente" uma coisa significa olhá-la sem permitir que seja deformada pelo preconceito, pela opinião, a experiência, o saber — pois tudo isso impede-nos o *olhar*.

O problema do sofrimento, que há séculos e séculos acompanha o homem, ainda não foi resolvido. Dêle temos fugido, inventando teorias e dogmas; e os teólogos nos têm oferecido razões engenhosas e sutis — pecado original, etc. etc. Mas o fato é que êle não está resolvido. O sofrimento não terminou. Para o compreendermos, devemos aplicar-nos ao problema de maneira nova, sem dizermos que é impossível resolvê-lo e pôr fim ao sofrimento; sem dizermos: "Mostrai-me como terminá-lo; que método, que sistema devo usar? Que devo fazer e que não devo fazer?". — Isso vimos fazendo há séculos. Temos recorrido aos sacerdotes, aos deuses, à bebida, ao sexo, a tôdas as formas de fuga. Criamos, com muito engenho, uma verdadeira rêde de vias de fuga, e não ficamos livres do problema. O exame dêsse problema requer uma mente fresca, uma mente nova. Para o olharmos, devemos estar livres de conclusões, de conceitos, do que "deveria ser", do que "não deveria ser". Temos de olhar o fato, e não o que pensamos que o fato deveria ser. Se queremos que o fato seja diferente do que é, estamos fugindo do fato.

Temos de olhar de maneira nova, necessitamos de uma mente nova, para investigar — que é o que nesta tarde vamos fazer. Sabemos o que é o sofrimento. Todos, de diferentes ma-

neiras, o têm experimentado. Há o sofrimento causado pela frustração, pelo ser amado, pelo não ser amado; o sofrimento do não preenchimento, da solidão, do vazio; o sofrimento que nos causam a inutilidade e o tédio da vida — dessa vida mecânica, que é freqüentar um escritório, dia após dia, durante quarenta anos, para, no fim, morrer. Há o sofrimento motivado pela incapacidade de pensar ou de ver claramente as coisas. O desespêro, a ansiedade de uma busca perpétua, sem nada se descobrir de verdadeiro ou de original, alguma coisa não formada pelo pensamento; e, também, o sofrimento ocasionado pela morte e o sentimento de solidão que ela acarreta. Conhecemos várias formas de sofrimento — profunda ou superficialmente, consciente ou inconscientemente. Superficialmente, podemos atuar de maneira mecânica, tentar esquecer, fugir, porém, inconscientemente, o sofrimento permanece, a corroer e a ensombrar a mente, a torná-la embotada, pesada. Sabemos disso. E também, naturalmente, há sempre a velhice, a doença, etc. É desnecessário estender-me mais sôbre êste particular; sabemos suficientemente o que significa a palavra "sofrimento".

É possível pôr-lhe fim, não num futuro distante, nem, como crêem alguns no Oriente, através de uma longa evolução, até à "realização" final; à custa de penosos esforços, no fim dos quais se encontra a libertação do sofrimento? Isso é apenas mais uma maneira de fugir, pois, quanto mais evolve a sociedade, tanto mais superficial se torna, tanto mas busca o prazer e procura sepultar profundamente aquela coisa — o sofrimento. Entretanto, êle continua existente.

Quando um indivíduo é verdadeiramente *sério*, sua mente tem o firme propósito de resolver o problema, investigando — não superficialmente, porém com vigor e paixão, até ao fim — se há possibilidade de pôr fim ao sofrimento, que tanto caos produz no mundo.

Pode-se compreender esta questão, fazer a si mesmo esta pergunta e descobrir se é possível pôr fim ao sofrimento? Torna-se necessário investigar a questão do tempo, não só do tempo medido por horas e dias — ontem, hoje, amanhã — mas também do tempo psicológico, o tempo que o homem criou dentro

de si mesmo e no qual se acha enredado; o tempo que foi ontem, que é hoje e será amanhã; o tempo que é o passado, com todo o seu conteúdo; que é o presente e o futuro.

O tempo é como o rio: movimento infinito. Mas o homem o fracionou em três partes: o passado, o presente e o futuro. O passado trás uma enorme carga, e o futuro é desconhecido. Para dar significado à vida, à sua vida insignificante, sem alvo e sem beleza, diz o homem: "Quero viver no presente". Inventa uma filosofia do presente. Mas, para viver no presente, êle tem de compreender o passado e o futuro. O tempo é um movimento semelhante ao do rio. Não podemos separar uma parte dêsse rio e dizer: "Aqui ficarei vivendo". Como o rio, o tempo está sempre a fluir, e na correnteza está o homem a debater-se. Se o tempo não tiver fim, não terá fim o sofrimento.

Somos evidentemente o resultado do passado; estamos condicionados pelo tempo, pela sociedade, pela cultura em que vivemos — cristã, comunista, hinduísta, muçulmana, budista, etc. Estamos presos nessa armadilha, e nossos cérebros e suas reações são educados para funcionar na corrente do tempo, para aceitá-la e deixar-se levar por ela. Estamos sempre a pensar no passado, o passado a refletir-se no presente, e o presente a criar o futuro. O "agora" é o resultado de ontem, e o amanhã, se o há, resultado de hoje. Todos sabemos disso, intelectualmente, mas ainda não fomos capazes de encontrar uma solução. Vemo-nos apanhados nessa corrente, assim como estamos apanhados na corrente do mêdo, na corrente do sofrimento. Estamos a debater-nos na corrente do tempo — eu fui, eu sou, eu serei. Ontem, eu era violento, e amanhã não serei violento. Estamos sempre a funcionar no tempo. Se observarmos nossa mente, descobriremos isso; mas *descobrir* não é aceitar. Acho que há diferença entre aceitação e descobrimento. Quando descobrimos uma coisa por nós mesmos, tal descobrimento tem validade, contém energia. Mas, se meramente aceitamos, então tôda a intensidade e vigor, a penetração, a necessária vitalidade, tudo está destruído. Em geral só sabemos dizer "Sim" e nunca "Não". Aceitamos; obedecemos à tra-

dição, ao que *foi.* Estamos aprisionados no tempo e, para resolvermos a questão do sofrimento, temos de olhar o tempo de maneira diferente, pois, òbviamente, o tempo é pensamento. O pensamento é resultado do tempo. As células cerebrais são o resultado de milênios de cultivo, de experiência. Temos ainda o cérebro do animal, com certas modificações. Aceitamos a guerra, a violência, a brutalidade, como norma da vida. Depois de aceitarmos essa norma, procuramos fora dela alguma coisa diferente. Não desejamos mudar radicalmente, porque isso requer energia, penetração, lucidez. Desejamos que a vida continue a ser como a conhecemos, mas queremos ao mesmo tempo achar algo que seja diferente do fato real, fugir do que *é.*

Todo ente humano está aprisionado no tempo. Não falo do tempo do relógio, do tempo cronológico, que influencia o pensamento, porém do tempo num nível diferente, do tempo como movimento do passado infinito, que atravessa o presente em direção ao futuro. Enquanto eu me achar nesta prisão, não terá fim o sofrimento. Digo entre mim: "Serei feliz amanhã; livrar-me-ei da minha presente aflição, da profunda agitação psicológica que me causa sofrimento. Gradualmente hei de superá-lo (o sofrimento), esquecê-lo, racionalizá-lo; fugirei dêle ou inventarei uma esperança para o futuro". Mas, para *pôr fim* ao sofrimento, tenho de compreender o tempo. O tempo tem de terminar, porque o pensamento criou o sofrimento, o pensamento que me faz dizer: "Vejo-me só; incapaz de agir; privado de amor; minhas ambições e capacidades não estão sendo preenchidas. Preciso de tempo para alcançar meus alvos, vir a ser, mudar". Assim, o pensamento que é resultado do tempo, que *é* tempo, trata de encontrar alguma coisa que o ajude a dissolver êsse sofrimento. Se me observo, posso ver que é sempre isso o que faço, ao manifestar-se algum sofrimento. O pensamento entra imediatamente em ação. Afinal de contas, o sofrimento é um "desafio" a que se dá "resposta" inadequada e, por conseguinte, por causa dêsse sofrimento, há êsse sentimento de agitação, ansiedade, mêdo. Perco o meu emprêgo. Vejo um homem famoso, rico, próspero. Eu nada tenho, e outro tem tudo — beleza, cultura, inteligência. É o pensamento

que, pelo comparar, adaptar, aceitar ou negar, gera êsse sofrimento.

O pensamento não pode resolver o problema do sofrimento. Por favor, não aceiteis nem rejeiteis o que se está dizendo. Temos de *ver* o fato, e, quando o vemos muito claramente, não há aceitação nem rejeição. Êle é o que é. A questão não é de "como pôr fim ao sofrimento", ou "em que casos o pensamento deve funcionar e em que casos não deve funcionar". Quando se compreende com muita clareza todo o movimento do pensamento, como opera êle, todos os fatôres implicados, numa palavra, o mecanismo do pensamento, a origem do pensar e do pensamento — começa-se a perceber que o problema do tempo é realmente êste: se o tempo, como pensamento, pode terminar. De outro modo, o sofrimento nunca terá fim: continuaremos, por mais dois milhões de anos, ou além, a aceitar, a fugir, a viver uma vida agitada, insegura, incerta.

Pode-se deter o tempo? Devemos primeiro perceber que a mente, o cérebro, o movimento do pensar — tudo está funcionando no tempo, e *é* tempo. Devemos perceber que o tempo é um movimento, uma corrente, que dividimos em ontem, hoje, amanhã. Temos de perceber êsse movimento como um todo e dispensar-lhe tôda a nossa atenção. A atenção implica completa cessação do esfôrço, aplicação do espírito à questão, ao que se está dizendo — nada aceitando, porém aplicando *completamente* a atenção, sem esfôrço algum. Não se pode prestar atenção mediante determinação. Se dizemos: "Quero prestar atenção", nossa energia se dissipa tôda no esfôrço para estarmos atentos. Prestar atenção não requer concentração, porque concentração significa exclusão. No esfôrço para concentrar-nos, estamos excluindo, erguendo barreiras, resistências; estamo-nos forçando, ao passo que na atenção não há divisão, pois o intelecto, os nervos e tudo o mais está funcionando no mais alto nível. Nessa atenção não há observador.

Se aplicais vossa atenção a alguma coisa — uma flor, uma árvore — observando-a atentamente, completamente, não há separação entre o observador e o objeto observado. Se se olha

uma flor completa e atentamente, sem lhe dar nome, sem "gostar" ou "não gostar" — se se observa completamente, com todo o ser, não há observador e, por conseguinte, não há tempo. O observador é resultado do tempo. É o observador que diz "gosto" e "não gosto"; "isto me apraz" e "isto não me apraz"; "isto é vantajoso", "isto não é vantajoso"; "tenho de conservar os meus prazeres, embora acarretem mais dores, mais ansiedades, mais sofrimento". O prazer gera invariàvelmente sofrimento e dor. A própria natureza do observador é o censor, que está sempre a escolher o prazer. Tudo êle olha dêsse ponto de vista e, por conseguinte, nunca está atento.

É necessário estar atento ao fluir do tempo, e nunca dizer: "Conservarei esta parte do tempo que me tem dado prazer, satisfação, a lembrança de algo que outrora me deleitou". Necessita-se de uma atenção total, completamente isenta de sentimento e de emoção. Na maioria dos casos, o sofrimento é autocompaixão, e a autocompaixão é um absoluto desperdício de tempo em excessos emocionais. Não tem valor nenhum. O que tem valor é o *fato*, e não a autocomiseração que experimentamos porque não podemos alterá-lo. A autocompaixão gera ansiedade emocional, sentimentalismo, etc. Quando ocorre a morte de alguém que amamos, êsse fato contém sempre o veneno da autocompaixão. A autocompaixão assume muitas formas — o pesar pela ausência daquele que morreu, etc. etc. Mas, onde há sofrimento, não há amor. Onde há ciúme, não há amor. Intelectualmente, todos sabemos disso, entretanto continuamos pelo mesmo caminho que gera sofrimento.

Estar atento significa compreender a divisão do tempo em passado, presente e futuro — "Eu fui", "Eu não devo", "Eu farei". Se percebermos claramente êsse "processo" do tempo, veremos que o tempo terminará de todo. Experimentai-o! Para o fazermos, prática e não teòricamente, para percebermos o fato, devemos também conhecer o passado. Muito barulho se faz em tôrno do inconsciente. Não sei por que razão. Porque está na moda, talvez. O inconsciente é tão trivial como o consciente. Tão insignificante como a mente consciente. O incons-

ciente é resultado do tempo, de muitos milhares de "ontens", resíduo do passado, tradição, herança racial, família, nome. O consciente é também produto do passado: a educação que recebemos, o emprêgo que exercemos, nosso modo de pensar, de sentir, de olhar as coisas. A totalidade da consciência está condicionada, e ficar meramente a investigar o inconsciente é fazer um jôgo que não merece ser jogado, a menos que o indivíduo seja neurótico ou desequilibrado. Neste último caso, talvez o jôgo dê algum resultado — e provàvelmente o dá — mas êsse resultado é apenas que somos levados à aceitação da sociedade presente. Se se considera, em seu todo, a estrutura da consciência, vê-se que é bastante simples. Ela está condicionada, tem fronteiras, limites dentro dos quais está funcionando há séculos, tal como as células cerebrais. Foi desenvolvida, exercitada, para ter reações, modificada, aprimorada, tal como um animal.

Para compreender tudo isso, temos de prestar-lhe atenção. Quando escutamos atentamente, completamente, o que se está dizendo, não há "entidade que escuta". Quando olhamos uma coisa de maneira completa, não há nenhuma entidade entendida como "aquêle que está olhando". O censor, o observador só se torna existente quando se põe em movimento o processo de pensar.

Ao apresentar-se o sofrer, dai-lhe tôda a atenção, sem cuidar de fugir, nem de justificar, nem de encontrar alguma razão para êle. Todos sabemos porque sofremos. Sofremos porque não podemos achar emprêgo, ou porque nosso filho perdeu a razão ou se tornou "moderno", ou porque não temos capacidade, e outros a têm. Todos conhecemos as razões do sofrimento, mas só é possível pôr-lhe fim se consideramos em sua inteireza o processo do tempo, que é pensamento. Se dermos essa atenção completa, veremos que, absolutamente, não há mais pensamento e, por conseguinte, não há tempo.

Quando alguém de quem gostamos ou que amamos nos abandona ou morre, passado o choque, "respondemos" a êsse fato com as reações de nossa solidão, de nossa autocompaixão,

do tempo que nos faltou para fazer isto ou aquilo, do que poderia ter sido e não foi. Isso é dissipação de energia. Se, passado o choque, prestarmos inteira atenção a êsse sofrimento, sem nos arredarmos em nenhuma direção, veremos que êle terá fim, não num futuro distante, porém imediatamente. Só a mente que não se acha anuviada pelo sofrimento conhece o amor. A meditação não é algo que se consegue com esfôrço, algo que se tem de praticar, de aprender, porém, sim, é aquela atenção — atenção para tudo, da coisa mais insignificante à mais profunda. Se assim fizerdes, vereis, por vós mesmos, que se apresentará um silêncio que não é do tempo, que não é do pensamento. Ao alcançardes algo que não foi construído pelo pensamento, vereis que êsse algo não é, em absoluto, tempo.

3 de maio de 1966.

LONDRES — IV

A Meditação

A VIDA DE QUASE todos nós é bastante insípida, desinteressante, monótona e mecânica. Assim sendo, estamos sempre em busca de algo de mais misterioso, de alguma coisa que dê perfume, valor, significação a nossas vidas. Adotamos novas religiões, novas frases sânscritas ou palavras tibetanas; aderimos a escolas de meditação ou freqüentamos os concertos, lemos livros e mais livros e nos abarrotamos de conhecimentos, a respeito dos quais somos capazes de tagarelar interminàvelmente. E, se não nos satisfazem essas coisas, recorremos àquelas drogas modernas que expandem a mente, dão-nos alucinações e visões que nos parecem imensamente significativas.

Isso se está verificando no mundo inteiro, êsse uso de drogas — LSD e outras — que exaltam a sensibilidade e precipitam o indivíduo em diferentes estados proporcionadores de visões e alucinações. Parece-me, com efeito, mais importante que cada um descubra, por si próprio, como ente humano — e portanto em relação com a humanidade tôda — se alguma coisa existe além daquilo que foi construído pelo pensamento. O pensamento é capaz de criar um mundo de mistério e fascinação, de coisas inimagináveis. Pode fazê-lo muito bem, muito fàcilmente, e propiciar ao indivíduo uma belíssima fuga para um mundo de não-sei-quê de espiritual. Mas, bem que valeria a pena descobrirmos se existe alguma coisa além daquela estrutura de mistério, daquele mundo oculto que o pensamento tão esmeradamente construiu no decorrer das idades.

Não sei se alguma vez já considerastes a questão da meditação ou procurastes meditar. Uma das coisas mais importantes da vida não é *como* meditar, nem que espécies de visões uma pessoa pode ter se meditar, porém, sim, descobrir — realmente e não teórica ou especulativamente — o que sucede quando o pensamento cessa. O pensamento se baseia em nosso crescente desejo de prazer e mais prazer. Pode a mente, com tôda a naturalidade, sem nenhum esfôrço, compreender a natureza do pensar e por conseguinte do prazer, e descobrir ou deparar a verdadeira fonte de tôda a existência? Se me é permitido, desejo considerar, junto convosco, esta questão, com uma certa *seriedade*.

"Humildade" é uma palavra que se tornou um tanto feia. Dela se tem usado e abusado. A meu ver, entretanto, esta palavra está ligada a algo de muito profundo, porquanto uma pessoa só pode ter humildade quando nada mais existe do passado e sua mente se acha num estado de constante aprender, sem acumular. Só então, parece-me, pode a mente achar-se no verdadeiro estado de humildade. Está então apta a aprender. A humildade, como o amor, não é cultivável. Só o homem vão, o homem orgulhoso e pretensioso procura cobrir-se com a capa da humildade. Mas, quem quer aprender necessita dêsse estado de humildade, de uma mente que não sabe, que não está sempre a adquirir, a galgar, alcançar, atingir. Só pode existir humildade quando o passado — que é o pensamento, com tôda a sua estrutura — desaparece. A mente deve ser altamente sensível, ativa, vigorosa. Só essas qualidades podem tornar a mente lúcida.

Procuremos nesta manhã aprender algo a respeito da meditação; não apenas considerar a palavra, ou o que a seu respeito já sabemos, o que temos lido e talvez praticado, porquanto nenhum método, sistema ou prática é a verdadeira meditação. Há no Oriente muitas escolas, muitos métodos de meditação, muitos instrutores que ensinam a "arte de meditar", em poucos dias, numa semana, num mês; que dão instruções à pessoa sôbre como manter-se vigilante, como tornar-se sensível, como sentar-se, como respirar e fazer uma porção de coisas, a fim de aquietar a mente e ter miríficas visões. Absur-

do! Nós vamos explorar juntos, nesta manhã. Não se trata pròpriamente de exploração. O necessário, parece-me, é ter uma mente capaz de escutar, e nada fazer; porque, no momento em que se começa a fazer alguma coisa, em que se diz: "Devo", "Não devo", "Tenho de esforçar-me, de procurar, de achar, alcançar" — começa o pensamento a funcionar e o pensamento não é capaz de nada, a não ser tecnològicamente.

Numa certa esfera de nossa existência, o pensamento é essencial; ali, tem de funcionar com clareza, com raciocínio, equilíbrio, vigor, precisão. Mas, noutra esfera, quando o pensamento tenta ingerir-se e descobrir alguma coisa, o que êle produz é confusão, automistificação em várias formas, ilusões, visões, hipocrisia. Isso não significa que há separação entre as duas esferas, aquela em que o pensamento tem validade e a outra dimensão na qual não há lugar para o pensamento. Não são esferas separadas, porém, para se compreender a natureza do pensar e, possìvelmente, pôr fim ao pensamento, tem-se de investigar a questão do prazer. Por favor, estamos trabalhando juntos. Não estais apenas a escutar-me, como orador, e a procurar compreender o que estou dizendo. As palavras do orador são de pouca importância, porquanto a palavra não é a coisa. A idéia não é a realidade. A palavra, o símbolo não é a realidade, e vós tendes de compreender a natureza do prazer, porque, do contrário, o pensamento vos ludibriará, criará ilusões, trará visões "projetadas", sem sombra de realidade.

Para compreender o que é a meditação real, temos de compreender o prazer, e isso é extremamente sutil. Todos nós sentimos essa ânsia de prazeres mais profundos, mais amplos, mais intensos. Os prazeres físicos são óbvios. Não há necessidade de examiná-los, pois todos os conhecem. Mas há prazeres mais profundos, prazeres aos quais o pensamento deu continuidade, vitalidade, ímpeto; e, pela observação, pode-se ver que a maioria de nossos valores morais e nossas virtudes são essencialmente obra do pensamento e, por conseguinte, prazer. Os que dizem que estão a buscar Deus, estão na realidade em busca da continuação do prazer — sob não importa que nome — por tôda a eternidade. É o que deseja a maioria de nós — prazer profundo, constante, imperecível, incorruptível, dotado de vi-

talidade própria. A mente, o pensamento está sempre no encalço dêle — consciente ou inconscientemente. Queremos algo mais, algo diferente da bebida e do sexo. Tomamos drogas por ser a nossa vida tão insípida, tão fútil e estúpida, com sua monotonia, solidão e tédio. Buscamos o prazer em diferentes formas, como parte de nossa natureza. Como o animal, estamos sempre a evitar o perigo e a buscar o prazer.

Se me permitis uma sugestão, procurai, enquanto falamos, estar cônscios de vossos próprios valores e pensamentos, vossa vida, vossa existência, de modo que, por vós mesmos, descubrais a importância ou não importância do prazer. Se não compreenderdes essa coisa básica, o ingresso numa esfera completamente destituída de prazer e, por conseguinte, numa esfera de suprema felicidade, não pode, em absoluto, ser compreendido. Não estou tentando persuadir-vos, converter-vos a um outro sistema, outro pensamento, outra idéia. Deveis compreender o prazer, não só os prazeres físicos, que são óbvios, mas também os prazeres que o pensamento cria e sustenta com a nutrição fornecida pela lembrança de algo que se passou e que proporcionou prazer. O pensamento volta repetidamente a um incidente feliz, uma sensação agradável, à lembrança de alguma coisa que proporcionou grande deleite. Retorna a essas lembranças e constrói uma estrutura de expansão e fortalecimento do prazer. Com êsse fundo, consciente ou inconsciente, o pensamento funciona, julga, avalia, observa e atua.

O pensamento é produto do desejo. Há desejos físicos, como, por exemplo, o desejo de alimento; mas, no momento em que pensamos em algo de saboroso e desejamos mais, começa a fortalecer-se o desejo. Tôda a nossa vida é constituída de desejo, do prazer que se encontra em satisfazer o desejo, e de manter o prazer pelo pensar na ação que proporcionou prazer. Se não compreendemos isso e falamos de meditação, de posturas, maneiras de respirar, drogas e práticas, estamos fazendo uma coisa que me parece muito infantil, imatura.

Temos de compreender a natureza do prazer e o que lhe dá fôrça e vitalidade, ou seja o pensamento. Se compreendemos isso, podemos ver quanto é simples. Vemos uma mulher,

um carro, uma criança, uma casa, um quadro, ou ouvimos música. Após ver, sentir, julgar aquêle quadro, aquêle edifício, aquela mulher, ficamos pensando a seu respeito e êsse pensamento dá àquele prazer fôrça e continuidade. Ao percebermos êsse fato, vemos também que onde há busca de prazer, aí está a sombra da dor, da fuga, da resistência. O pensamento cria barreiras em redor de si a fim de eximir-se inteiramente da dor. Vive nesse prazer artificial proporcionado por algo que teve outrora ou que deseja ter. Se pensamos: "Compreendo muito bem isso, e preciso fazer alguma coisa a fim de transcendê-lo" — êsse "transcender" se torna forma de prazer, criada pelo pensamento. O pensamento criou uma estrutura psicológica de prazer. E, ao perceber a natureza dessa estrutura, ao perceber que nela se encontra a dor, penso: "Preciso fazer outra coisa, atuar diferentemente, proceder diferentemente. Não devo pensar no prazer. Devo resistir ao prazer. Devo fazer isto e mais aquilo". A própria ação que o pensamento cria em relação ao prazer é ainda prazer. O pensamento não pode evitar isso.

Permiti-me recomendar-vos que fiqueis escutando, simplesmente. Não estou procurando hipnotizar-vos. Isso seria tornar-vos óbvio e simples demais o que estou transmitindo. Escutai, simplesmente, porque, se fordes capaz de fazê-lo e de perceber a verdade do que se está dizendo, o pensamento deixará de atuar. No estado de escuta, a verdade, o fato, atua. — Quando plantamos na terra uma semente, se esta tiver vitalidade, germinará. O ato de escutar é como o solo. Só é possível quando há atenção, e não existe atenção se há interpretação, avaliação, condenação ou julgamento do que se está escutando. Se se escuta de maneira completa, com atenção, sem nenhum observador-pensador, então o próprio ato de escutar desprezará o que é falso, absorvendo apenas o que é verdadeiro.

O ato de escutar é comparável a um campo que se está semeando. Nêle se lançam sementes de tôdas as espécies, porém só as que têm vitalidade, energia, fôrça, germinarão, medrarão. É isso que estamos fazendo agora. Estamos, com efeito, escutando, sem aceitar, nem concordar, nem julgar. Estamos escutando realmente, de maneira tão completa que êsse pró-

prio ato destrói o que é falso e permite à semente da verdade enraizar-se. Se *escutamos* de maneira total a estrutura do prazer, na qual está baseado nosso pensamento, nossa vida, nosso ser e, em relação a ela, *fazemos* alguma coisa — como é a tendência da maioria de nós, pensando ser essa a ação mais positiva — o resultado é mais confusão e conflito e, por conseguinte, mais aflições e sofrimentos; mas, se escutamos no estado completamente negativo — que é o estado mais positivo — então a semente que tem vitalidade medrará, sem têrmos necessidade de fazer coisa alguma.

Se o pensamento faz alguma coisa em relação ao prazer, ao desejo, isso é ainda ato de desejo e ato de prazer. Nada pode fazer o pensamento, porém isso não significa que êle não tem seu lugar próprio, sua validade; mas estamos falando de uma ação que não é prazer e na qual, por conseguinte, não há contradição, nem conflito, nem dor.

Com êsse ato de escutar, com a compreensão da natureza do prazer e da dor, e a compreensão pelo pensamento de que todo movimento que faz, em qualquer sentido e em qualquer nível, superior ou inferior, é sempre busca de prazer, então, naturalmente, o pensamento cessa. E se o pensamento não cessar — não artificialmente, por meio de compulsão, de disciplinas, de práticas, pois tudo isso é ainda resultado do pensamento — nunca terá êle a possibilidade de descobrir coisa nova. O pensamento é produto do passado, de inumeráveis experiências de prazer e de dor. O pensamento, a buscar, como pensador, o que é nôvo, só é capaz de reconhecer o que já conhece e que, portanto, não é nôvo. O cérebro se desenvolveu através de milhões de anos, até seu estado atual, e tôdas as suas células estão condicionadas para ter reações de prazer e de dor. O pensamento não pode aquietar o cérebro; porque êste é resultado do tempo, e o pensamento é também resultado do tempo. Por maiores esforços que faça, o pensamento não tem possibilidade de aquietar as células cerebrais.

A questão, por conseguinte, é se o cérebro, tão condicionado que está, tão entranhado dêsse princípio da dor e do prazer, se êsse cérebro pode aquietar-se; se pode ser sensível,

vigilante, ativo, e ao mesmo tempo estar quieto. O pensamento só é capaz de reações de prazer e de dor. A menos que o cérebro esteja totalmente quieto — não a dormir, ou num estado vago ou de resistência, porém completamente quieto — o pensamento inevitàvelmente funciona. Por séculos e séculos estivemos desenvolvendo os instintos animais, o córtex, o cérebro, que são essencialmente a reação do passado. Tôda reação proveniente dêsse passado, dêsse *fundo*, é pensamento baseado no princípio da dor e do prazer. Por conseguinte, quando há o pensamento: "Estou em busca de Deus" — o que êsse pensamento está buscando é prazer. Essa idéia de buscar, buscar, é totalmente absurda. A verdade não pode ser encontrada mediante busca. Buscar significa pensamento, indagação, significa levarmos nossa mente limitada, insignificante, medíocre, para a imensurável esfera do desconhecido.

Quando estamos escutando, o pensamento com efeito se detém, o que não significa que a mente se põe a dormir. Pelo contrário, com êsse escutar ativo, intenso, vigoroso, livre do pensador, torna-se a mente tão ativa, que, naturalmente, não há busca de espécie alguma. Ela só pode ser tão enérgica e vigorosa quando em silêncio. Pode êsse cérebro e essa mente, a totalidade dessa consciência, aquietar-se completamente? Se não, o pensamento continuará a funcionar, sempre a buscar o prazer e, portanto, a atrair sofrimento e dor. A mente que está em busca do prazer e, por conseguinte, a atrair sofrimento, não pode, evidentemente, descobrir o que é real. Pode inventar, especular, formular teorias, como o fazem os teólogos do mundo inteiro, mas isso nenhuma valia tem. A compreensão da humildade, o percebimento da estrutura do prazer — que é desejo — o reconhecimento da estrutura psicológica em que está aprisionado o homem, a qual é a sociedade, e o descobrir se as células cerebrais podem estar quietas e, contudo, ativas — eis o que é meditação.

A meditação não é uma coisa separada da existência diária. Um indivíduo não pode ser ambicioso, cruel, vulgar, rude, desagradável, insensível, aquisitivo, e ao mesmo tempo falar de Deus, de verdade, amor, meditação. Isso seria absurdo e hipócrita. Devemos, òbviamente, libertar-nos da estrutura psicoló-

gica de que faz parte a sociedade a que pertencemos. Se a mente não está livre dêsse condicionamento psicológico, que inclui as religiões, as condições econômicas, as diferenças de classe, e todos os desesperos e agonias da competição existente no mundo, não há possibilidade de meditação. Só podemos mover-nos dentro de certos limites. A meditação, no sentido que estamos dando à palavra, é uma coisa extremamente perigosa. A meditação, conforme se pratica, é uma coisa muito "mansa". Aprender a concentrar-se numa certa idéia não é, de modo nenhum, meditação; mas, estar cônscio do processo total da existência, sem escolha, a êle estar completamente atento, isso torna a mente uma entidade sobremaneira ativa e revolucionária, e não um animal doméstico, submisso ao padrão da sociedade, não importa se comunista ou capitalsta.

Quando a mente está de fato muito quieta, de modo natural, sem esfôrço, deixa de existir o observador, o pensador. Tornam-se então completamente diferentes as relações entre um homem e outro. Já não são uma lembrança que se guardou; já não é uma imagem que se encontra com outra, uma lembrança que com outra se encontra: é o verdadeiro estado de relação. Se prosseguirmos agora em nosso exame — se já alcançamos êste ponto, se tivermos penetrado profundamente nesta direção — descobriremos o que é a beleza, pois não sabemos agora o que ela é. Só conhecemos a beleza pela comparação, nas coisas feitas pelo homem — um belo edifício, um rosto formoso, bela música, etc. etc. A verdadeira beleza implica algo que não é resultado do pensamento; e, se não há êsse senso de beleza, não há também, naturalmente, amor. Podemos, daí, prosseguir indefinidamente, porquanto não existem mais os limites da consciência. Tôda a consciência está para nós, atualmente, limitada. Estamos condicionados como inglêses, católicos, protestantes, anglicanos, budistas, hinduístas, muçulmanos, comunistas, socialistas — qualquer que seja o nosso *fundo*. A consciência está tôda cercada de limites, e todo esfôrço que faça para ultrapassar a si própria, fa-la-á apenas expandir-se dentro de suas fronteiras, dilatar essas fronteiras — mas os limites continuarão existentes. Provàvelmente, aquêles que tomam drogas sabem disso, inconscientemente, e procuram ultrapassar êsses limites — mas não podem!

A meditação é algo de extraordinário, se está sempre em movimento, isto é, não em dados momentos, porém fora do tempo; se nos mantemos vigilantes — quando entramos num ônibus, num carro, ou quando conversamos com alguém; se nos mantemos cônscios do que estamos fazendo, pensando, sentindo; cônscios de que o pensamento só funciona com base no princípio da dor e do prazer, e sem condenarmos nenhuma atividade do pensamento, porém simplesmente escutando os seus "barulhos". Teremos então uma mente verdadeiramente extraordinária, dotada de suprema vitalidade. Na aquietação e no silêncio da mente, algo de nôvo pode ocorrer. O que é nôvo não é reconhecível. Essa coisa sublime — não importa o nome que lhe derdes — não é algo construído pelo pensamento e, por conseguinte, é a criação em tôda a sua pureza.

INTERROGANTE: Podeis dizer-nos algo acêrca da pessoa altamente sensível que se vê em perigo de tornar-se egocêntrica e neurótica? Tal é o meu caso.

KRISHNAMURTI: Não há perigo para a mente — quando todo o organismo humano se torna altamente sensível — não há perigo de tensão nervosa? Porque deveria haver qualquer espécie de tensão? A tensão não existe apenas quando há resistência? Estão-se ouvindo barulhos aqui — um cachorro a ladrar, os ônibus a passar, uma criança a chorar. Quando resistis, está declarada a tensão. Isso de fato sucede. Se nenhuma resistência levantais, porém deixais o barulho penetrar-vos, se o escutais tranqüilamente, sem resistência, sem dizerdes que é bom nem que é mau, sem dizerdes: "Queria que aquêle cachorro não estivesse fazendo tanto barulho; que ônibus infernal!" — então, visto que não há resistência, não há tensão nem esfôrço. Um dos problemas da vida moderna é que estamos vivendo como que encaixados nessas casas chamadas "apartamentos", privados de espaço e de beleza, e numa constante tensão. Se a tudo fordes vulnerável — emprego a palavra "vulnerável" no sentido de "receptivo para tudo" — não vejo razões para colapsos ou tensões nervosas.

INTERROGANTE: Há em mim alguma coisa que tem mêdo de fazer, de seguir, de pensar ou de ver claramente o que estais dizendo.

KRISHNAMURTI: Aí está! Acho que é bem claro o que digo, não? É algo de *positivamente* revolucionário. Fazê-lo é perigoso em extremo, porquanto tereis, talvez, de alterar tôda a estrutura de vossa vida. Intelectualmente, dizeis: "Sim, compreendo perfeitamente o que estais dizendo". Inconscientemente, porém, percebeis o perigo que encerra; e, assim sendo, ficais nervoso, apreensivo, assustado, porque desejais viver com muita segurança, confôrto, facilidade, bem fechado e protegido em vosso isolamento. O que estou dizendo poderá destruir tudo isso. Destruirá! Deixareis de ser cristão, inglês, indiano, etc. Não pertencereis a nenhum grupo ou seita. Estareis completamente *só* — "só", não no sentido de "estar isolado".

O que está só é sempre belo. Uma árvore solitária, no meio de um campo, oferece-nos um belíssimo espetáculo. Temos mêdo de estar sós, e antes de estar sós tememos o isolamento. Somos entes humanos solitários. Tôdas as nossas atividades conduzem à solidão, que é isolamento. Embora sejamos casados, tenhamos filhos, empregos, sejamos membros de determinados grupos e seitas, em nosso íntimo profundo existe aquêle isolamento, aquêle mêdo da solidão, da privação de relações. Apelamos para diversões de todo gênero, inclusive a missa, a igreja, o culto — qualquer coisa que nos livre da solidão. Não poderemos compreendê-la se não compreendermos as atividades egocêntricas de nossas vidas, causadoras dêsse isolamento; mas, após tê-las compreendido, penetrado, ultrapassado, alcançaremos aquêle estado em que estaremos completamente *sós*, incontaminados pela sociedade. Se não estamos *sós*, não temos possibilidade de ir mais longe.

INTERROGANTE: Diríeis que a luta pela conquista do poder é sempre corruptora?

KRISHNAMURTI: Política e religiosamente, a separação entre estados soberanos, a um lado, e a outro lado a busca individual de poder, posição, prestígio — tudo isso, evidentemente, é fator de corrupção. O homem que exerce o poder alcançou tal posição pela corrupção e, dessa posição, poderá pregar a bondade, o amor, a virtude e outras banalidades dêsse gênero. Os "santos" o fazem; os políticos o fazem; os "virtuosos" o fazem. Todos querem poder. Como disse no começo desta palestra, a

humildade não é alcançável por meio do pensamento. Torna-se existente quando o passado morre, quando estamos sempre a entrar na vida, cada dia, sem o passado.

INTERROGANTE: Como exercer a disciplina sem criar conflito?

KRISHNAMURTI: A palavra disciplina significa "aprender". Aprender é o presente ativo. O aprender, em si, é disciplina. Não há necessidade de *praticar* nenhuma disciplina. Estais escutando o que se está dizendo. Se estais atento, se estais escutando ativamente, no presente, êsse próprio ato de escutar cria uma disciplina extraordinária. Não precisais de disciplinar-vos. A disciplina que todos praticamos, como soldados, é uma coisa terrível, porque implica submissão, imitação, ajustamento, mêdo, obediência a um padrão e, por conseguinte, nos torna mecânicos como soldados. Já os tendes visto a exercitar-se, os soldados. Para isso não se precisa de muito intelecto. Obedecer, seguir qualquer padrão, cria inevitàvelmente conflito. Mas, se se deseja compreender inteiramente a estrutura da disciplina, êsse próprio compreender é disciplina. Não é necessário "exercer" disciplina. Para a maioria de nós disciplina significa resistência, acarretando, por conseguinte, esfôrço, conflito, etc. Mas, se a pessoa está vigilante, vigilante ao entrar no ônibus, e para o que se está passando dentro do ônibus, êsse próprio ato de vigilância é, em si, disciplina. Significa estar desperto.

INTERROGANTE: É muito difícil escutar pensamentos que sugerem coisas desagradáveis ou assustadoras, sem refletir e discutir sôbre elas.

KRISHNAMURTI: É difícil escutarmos os nossos pensamentos, mas como descobri-los, se não os escutamos?

INTERROGANTE: Senhor, o que com efeito nos estais dizendo é que cultivamos uma mentalidade *particular*. Acentuo propositadamente a palavra "particular". Mas, acontece que cada um tem de viver no mundo material; e, sem dúvida, o mundo ativo pode destruir a nossa particular mentalidade.

KRISHNAMURTI: Senhor, não estou falando de nenhuma "mentalidade particular". A mente de cada um é o resultado

da totalidade da mente humana. Somos o resultado da sociedade em que vivemos. Essa sociedade foi criada por cada um de nós. Assim, a multidão sou *eu*, e eu sou a multidão. Não há separação entre mim e a multidão. Sou o resultado de tôda ela. Entretanto, penso que devemos diferençar entre o indivíduo e o ente humano. O indivíduo é a entidade "localizada", o inglês, o indiano, o americano, etc., isto é, a entidade condicionada pela "localidade", a cultura, o clima, a alimentação, os trajes. O ente humano é condicionado numa escala muito mais ampla. Êle pertence ao mundo todo. Nossos sofrimentos, ansiedades e temores são os mesmos que existem na Índia — iguais aos do indiano que está a passar por terríveis provações, iguais aos de todo o mundo. Se compreendermos isso, acabará também o cultivo privado de nossa mente. O que nos interessa é a estrutura total da mente humana, e não nossas mentes, *nossos* "quintaizinhos". Nossos quintais são tão sujos ou tão limpos como outro qualquer.

INTERROGANTE: Como podemos lembrar-nos de estar vigilante?

KRISHNAMURTI: Deixai-me acabar de responder à pergunta precedente. Minha ação não fica então fora do mundo, porém no mundo, durante todo o tempo de minha morada aqui. O que faço, como ente humano — em meu emprêgo, em minha vida com a família — disso estou cônscio, não como indivíduo particular, porém como ente humano. Quando disso estou cônscio como ente humano, estou então, sem dúvida, influindo na mente humana em geral. É porque funcionamos como "entidades localizadas" que estamos a destruir-nos. Senhor, na hora atual, a Índia está passando por uma terrível fase de fome e de privações. Esta questão não é particularmente indiana, porém um problema humano. Os políticos não querem ver isso. Querem conservar intatas suas "localidades", seus estados soberanos, seu poder, sua posição, seu prestígio. Não têm vontade de resolver o problema daquela maneira. Trata-se de um problema humano, universal. Temos de resolvê-lo como entidades universais, e não tratar dêle como indianos, comunistas, americanos, inglêses e, como tais, fornecer ou deixar de fornecer alimentos aos povos mais necessitados.

A ação do ente humano é totalmente diferente da ação da entidade "localizada". Esta cria mais poder, mais aflições, como também o faz o ente humano que ainda se vê empenhado na luta humana, ou "animalista".(1) Só o ente humano que compreendeu integralmente essa estrutura, suas ansiedades, suas agonias, pode promover uma ação de espécie totalmente diferente.

INTERROGANTE: Senhor, não é a ação necessária, em oposição ao que se chama "o princípio do poder"?. Só a ação pode melhorar essas condições.

KRISHNAMURTI: Seria estupidez opor-se à ação, mas é necessário descobrir o que se entende por ação. Que significa agir, fazer? Esta é uma questão muito complexa. Agir significa "ação no presente". Mas, não é possível essa ação no presente, se baseada numa idéia. Se atuo como hinduísta ou como cristão, minha ação está baseada em algo que o pensamento construiu a fim de proteger-se. É ação condicionada. Tal ação é destrutiva, quer no nosso emprêgo, quer no lar. A ação que está sempre no presente e, por conseguinte, livre do passado, só vem quando e enquanto estou aprendendo. A ação, por conseguinte, é um ato de aprender. Não se trata de primeiro aprender, para em seguida agir. Há enorme diferença entre as duas coisas.

INTERROGANTE: A maioria de nós pode descobrir um estado mental bem diferente daquele que geralmente se observa no mundo atual; entretanto, as pessoas que alcançaram posições de poder e autoridade continuam nas garras do passado. Que podem fazer aquêles de nós que não podem agir,, porém só são capazes de pensar corretamente? Que podemos fazer?

KRISHNAMURTI: Nada podemos fazer em relação aos homens que detêm o poder. Êles o conquistaram e bem sabemos como o fizeram. Que podemos fazer? Nada. Diz-se que podemos falar sôbre a paz, atacar as prerrogativas dos governos soberanos, dos exércitos, dos fabricantes de aviões — tôda a estrutura, enfim — mas, que podemos fazer — deixar de comprar

---

(1) I.e., própria da natureza do animal (Cf. Dic. Webster: *animalism* e *animalistic*). — N. do T.

selos postais e de pagar impostos? Se o fizermos, iremos para a prisão e não poderemos despachar nossas cartas. Isso resolverá o problema? Claro que não. Mas, o libertar-se um ente humano de sua nacionalidade e de todos os outros venenos representa uma ação muito mais importante.. A outra produz guerras, brutalidades e aflições — essa existência que o homem está levando.

Mas, o ente humano que, percebendo tudo isso, se liberta de sua nacionalidade, de seus problemas sexuais, dos grupos a que pertence — êsse ente humano deixa de identificar-se com esta ou aquela classe e, portanto, já não será uma entidade "localizada" e, por conseguinte, já não será um ente humano condicionado pelas lutas e misérias humanas. A ação que daí resulta é a única ação verdadeiramente benéfica.

INTERROGANTE: Considerais importante que estejamos cônscios de nossa existência, no momento em que entramos ou saímos de um ônibus, e outras coisas dêsse gênero; mas, como nos lembraremos de estar cônscios, atentos?

KRISHNAMURTI: Como podemos lembrar-nos a tôdas as horas de estar atentos? Acho que não podemos. Por essa razão, não devemos procurar lembrar-nos. Meus Deus!, se me esforço para lembrar-me de estar atento, nesse caso estou praticando a "arte de estar atento"! "Estar atento" é então uma coisa que quero adquirir, um estado que, gradualmente, se tornará mecânico, perdendo assim sua vitalidade e vigor. Se estou atento num dado momento, estou então completamente atento; no próximo momento posso não estar atento. Muito bem, ficarei desatento. Quando estou atento, nesse momento estou completamente atento. No próximo momento posso estar desatento. Sei que estou desatento, mas, nesse estado de desatenção, não produzo ação geradora de aflições. O que me interessa não é como estar atento *a tôdas as horas,* pois isso é também outra forma de prazer e de avidez. Meu interêsse é simplesmente *estar atento*. Quando necessário, estamos atentos. Senhores, um tambor está sempre vazio e, se a pele está corretamente estendida, dará sempre o som correto. A atenção é coisa semelhante.

7 de maio de 1966.

LONDRES — V

Da Transformação Interior

Esta é a última palestra. Fala-se, argumenta-se, explica-se, interminàvelmente, porém explicações, argumentos e discursos não levam à ação direta, porque, para que esta se verifique, precisamos mudar radical e fundamentalmente. Isto não depende de argumentos. Não há persuasão, ou fórmula, ou influência por parte de outrem que possa fazer-nos mudar fundamentalmente, no sentido profundo daquela palavra. Nós precisamos mudar, porém não de acôrdo com um certo ideal, fórmula ou conceito, porque, quando temos idéias a respeito da ação, não há ação. Entre a idéia e a ação há um intervalo de tempo, uma pausa, e nesse intervalo há resistência, ajustamento, ou imitação da idéia, da fórmula, e o esfôrço para transformá-la em ação. É o que está fazendo, a tôdas as horas, a maioria de nós. Sabemos que temos de mudar, não só externamente, mas também profundamente, psicològicamente.

As mudanças externas são muitas. Forçam-nos a ajustar-nos a um certo padrão de atividade, mas, para enfrentarmos os desafios da vida diária, necessitamos de uma profunda revolução. Em geral temos uma idéia, um conceito do que "deveríamos ser", entretanto nunca mudamos fundamentalmente. Idéias ou conceitos sôbre o que "deveríamos ser", não nos fazem mudar, em absoluto. Só mudamos quando obrigados a fazê-lo e nunca vemos diretamente a necessidade de tal mudança. Quando realmente queremos mudar, apresenta-se muito conflito e resistência, e desperdiçamos uma grande soma de energia em resistir e em erguer barreiras.

A mera aquisição de conhecimentos, a mera audição de uma grande quantidade de idéias e de discursos, não produz sabedoria. O que produz sabedoria é a auto-observação, o auto-exame. Para êsse exame, devemos estar livres do censor, da entidade que está sempre a avaliar, a julgar, a comparar. Só então se pode olhar, examinar. Só há ação imediata, com aquela observação em que se não criam idéias. O homem vive aparentemente há mais de dois milhões de anos, e a história da humanidade registra um total de quinze mil guerras (nos últimos 5.500 anos) — quase três guerras por ano! Estamos perpètuamente em conflito uns com os outros, tanto externa como internamente. Nossa vida é um campo de batalha e parecemos totalmente incapazes de resolver os nossos problemas. Estamos sempre a adiá-los, evitá-los, ou a procurar resolvê-los de acôrdo com nossos conceitos, idéias, preconceitos, conclusões. Podemos continuar por mais dois milhões de anos, vivendo dessa maneira superficial, talvez melhor alimentados, com melhores roupas e moradas, porém interiormente estaremos sempre em guerra — com nós mesmos e com nosso próximo. Tal foi sempre o padrão de nossas vidas.

Para a criação de uma boa sociedade, os entes humanos precisam mudar. Vós e eu temos de achar a energia, o ímpeto, a vitalidade necessária para operar essa radical transformação da mente, que não é possível se não temos suficiente energia. Necessitamos de muita energia para operar uma mudança em nosso interior; entretanto, desperdiçamos tôda a nossa energia em conflitos, resistência, ajustamento, aceitação, obediência. Está-se desperdiçando energia quando estamos procurando ajustar-nos a um padrão. Para conservarmos nossa energia, temos de estar atentos a nós mesmos, à maneira como estamos dissipando energia. Êste é um problema secular, pois a maioria dos entes humanos sempre foi indolente. Preferem aceitar, obedecer e seguir. Se nos tornamos conscientes dessa indolência, dessa preguiça tão profundamente arraigada, e procuramos estimular a mente e o coração, a intensidade dêsse esfôrço se torna, por sua vez, conflito, que é também dissipação de energia.

Nosso problema — um dos muitos que temos — é como conservar essa energia, a energia necessária para provocar a ex-

plosão na consciência — explosão não preparada pelo pensamento, porém que se verifica naturalmente, quando não há desperdício de energia. O conflito, em qualquer forma, em qualquer nível, em qualquer profundidade de nosso ser, representa sempre uma dissipação de energia. Bem o sabemos, e entretanto aceitamos o conflito como norma de vida. Para compreender a natureza e a estrutura do conflito, temos de considerar a questão da contradição. A maior parte de nossa vida de cada dia é uma fonte de conflito. Se observamos nossa existência, nossa vida, percebemos quanto conflito há em nós — o que somos e o que "deveríamos ser", desejos contraditórios, prazeres contraditórios, variadas influências, pressões, tensões, resistência criada por nossas ânsias e apetites. Aceitamos o conflito como parte de nossa existência. Porque vivemos em conflito? Neste mundo moderno, e levando a vida que levamos, temos possibilidade de viver sem conflito? Isso significa viver sem contradição.

Ao fazer-se uma tal pergunta, ou ficamos esperando uma resposta, uma explicação, ou nos tornamos conscientes da natureza de nossas contradições e de nosso conflito. Por "estar consciente" entendo observar, examinar, sem julgar, sem escolher — perceber nossa vida de cada dia e seus conflitos; só isso. Começaremos, então, a compreender a estrutura da contradição. Sabemos, em geral, que estamos vivendo em contradição, reprimindo uma coisa e seguindo outra, o oposto; ou tratando de esquecer completamente nossa contraditória existência e de viver superficialmente, a fugir. Mas, quando nos tornamos conscientes da contradição, a tensão se torna muito maior, porque não sabemos como resolver êsse conflito, essa batalha incessante que se trava dentro de cada um de nós, de cada ente humano. Incapazes, que somos, de resolvê-la, esclarecê-la, a tensão se torna muito maior, ocasionando neuroses e psicoses. Entretanto, se nos tornamos conscientes, sem escolha, dessa contraditória natureza de nosso existir, se ficamos simplesmente a observar o conflito, sem o desejo de resolvê-lo e sem parcialidades — a observar simplesmente — descobriremos que existirá sempre conflito enquanto o "observador", o "censor", fôr diferente da coisa que está olhando. É esta, a meu ver, a raiz do conflito. Oxalá pudéssemos compreender isso, não fi-

losòficamente, não por meio de explicações, de aceitação, porém pela simples observação!

Consideremos, por exemplo, a solidão, êsse sentimento de isolamento que cada um de nós conhece. Ao tornar-nos cônscios dêle, tratamos de fugir — para as igrejas, para os museus; vamos ouvir música, ouvir rádio; vamos beber, fazer tantas outras coisas... E a tensão vai aumentando. Lá está o fato: vemo-nos terrìvelmente sós, isolados, sem relação com coisa alguma. Incapazes, que somos, de compreendê-lo, de fazer-lhe frente, de entrar em direto contato com êle — fugimos. E a fuga, como é natural e evidente, é um desperdício de energia, porque o fato continua existente.

Ao tomar-se conhecimento do fato, descobre-se um observador a olhar a solidão como coisa diferente (do observador). Enquanto escutais, deixai-me sugerir-vos que não vos limiteis a seguir intelectualmente o que se está dizendo. Isso será sem nenhum valor, mas, se vos tornardes cônscios da solidão e a observardes, notareis que a olhais como coisa diferente do observador (vós): a solidão *não é* vós; o observador difere da coisa observada e, por essa razão, se esforça por superá-la ou dela fugir. Começa a fazer perguntas sôbre o que deve fazer, o que não deve fazer, como dissolver a solidão. Mas o fato real é que o observador *é* a coisa observada e, enquanto houver essa separação entre observador e coisa observada, haverá necessàriamente conflito.

Vejamos outro esfôrço que costumamos fazer. Há desejos contrários — cada desejo a puxar-nos numa direção diferente. Está-se travando uma batalha constante. Por pouco que estejamos vigilantes, atentos, sabemos o que está ocorrendo em nossa consciência: o observador escolhe o desejo que deverá prevalecer, que deverá ser satisfeito (ou, se não está atento, trata de satisfazer um dado desejo) e, dêsse modo, gera conflito.

Há também conflito quando não compreendemos o prazer. Estamos considerando o prazer, sem nenhum puritano propósito de opor-lhe resistência, de evitá-lo, de dissolvê-lo ou dominá-lo. Se tentamos dominar o desejo, o prazer, qualquer fato real, criamos conflito, resistência contra êle. Mas, tão logo co-

meçamos a compreender a estrutura do prazer, a maneira como operam nossa mente, nosso cérebro, nossos desejos, em relação ao prazer, começamos também a descobrir que sempre que há prazer, há dor. Ao compreender-se isso, não intelectual ou verbalmente, porém de maneira real, ao perceber-se o fato verdadeiro, não haverá mais nenhum impulso a evitar o prazer; apresenta-se aquêle estado real que se verifica ao ser compreendida a natureza e a estrutura do prazer. Estamos falando sôbre a necessidade de reunirmos tôdas as energias, a fim de realizarmos uma revolução radical na própria consciência; pois temos necessidade de uma mente nova, precisamos olhar a vida de maneira totalmente diferente. Para provocarmos esta explosão, temos de descobrir como estamos desperdiçando nossas energias. O conflito é dissipação de energia. A resistência ao prazer ou a aceitação do prazer é também desperdício de energia.

Que é, de fato, o prazer? Há a observação de uma dada coisa, e uma sensação resultante daquela observação, daquela percepção, daquele contato. Surge então o desejo, e o pensamento, transformando-se em prazer, lhe dá continuidade, vitalidade, fôrça. Isso qualquer de nós pode observar. Vemos uma bela mulher, um belo homem, um belo carro, uma bela vivenda, um belo vestido, o que quer que seja. Há percepção, sensação, desejo e o prazer da posse. Antes do prazer, vem-nos o pensamento: "Que bom seria possuir aquilo!" — É isso o que realmente ocorre. Nesse fato estão baseados todos os nossos valores morais e éticos. O pensamento intensifica o desejo, como busca do prazer e fuga à dor. O pensamento, observando como "pensador", cria uma contradição e, portanto, conflito.

Temos de perceber tudo isso, não como uma idéia de que devemos estar cônscios a fim de vencer o conflito; porque, nesse caso, o que há é apenas outro pensamento em busca de outra forma de prazer, e maior é o conflito. Mas, se nos tornamos cônscios de tôda a estrutura do prazer, podemos então olhar o belo e o feio, apreciá-los sem pensamento, intensificando o fato percebido, porém sem gerar conflito. Requer isso uma grande soma de atenção, de investigação, exame. Ninguém pode ensinar-nos tal coisa. Real e verdadeiramente não existe um

que ensina e outro que é ensinado; só há aprender — aprender a respeito de si mesmo.

Descobrireis, ao começardes a aprender a respeito de vós mesmo — não analìticamente, examinando o que sois camada por camada, pois isso requer um tempo imenso — descobrireis que só é possível vos tornardes cônscio da totalidade de vosso ser quando se compreende que tôda a consciência está limitada, condicionada. Quando percebeis isso, quando dais total atenção a êsse condicionamento, a análise se torna então inteiramente inútil. Não sei se já vistes, por vós mesmo, a verdade relativa a vossa mente, a vossos pensamentos e sentimentos. Ela pode ser vista imediatamente. Mas, repito, isso requer sensibilidade, e não conhecimentos ou disciplina. Ser sensível — não num certo sentido, como o artista, porém totalmente sensível, cônscio de tudo o que vos cerca, das côres, das árvores, dos pássaros, de vossos próprios pensamentos e sentimentos — torna a mente sobremodo alertada, penetrante, clara. Pode-se então fazer frente aos problemas da existência. Só existe um problema quando lhe oferecemos solo para enraizar-se. Mas, se compreendemos o problema imediatamente, êle deixa de existir. Quando a reação é adequada ao desafio, não existe problema. Só quando não somos capazes de reagir adequadamente ao desafio, há problema.

Considerai o problema do mêdo — não o problema de como nos livrarmos dêle, do que se deve fazer em relação a êle. Na maioria de nós, existe mêdo constante. Ou temos consciência dêle, ou temos temores inconscientes, profundamente arraigados, com os quais nunca entramos em contato direto. Temos idéias, imagens, em relação ao mêdo, porém nunca estamos realmente em contato com o fato. Por mais intimidade que tenhamos com uma pessoa — a isso chamamos "estar em relação" — a relação que realmente existe é entre as imagens que ambas as pessoas têm uma da outra. É isto que chamamos "estar em relação": uma imagem em contato com outra imagem. Da mesma maneira, nunca entramos em contato com o mêdo real. O mêdo é um sinal de perigo. Quando se nos depara um perigo físico — uma serpente, um precipício — há ação mediata. Não há conclusão, não há refletir sôbre o caso. O

corpo reage imediatamente, Mas, há perigos psicológicos de que não estamos conscientes e, por conseguinte, não há ação imediata.

Temos numerosos temores, e um dos maiores é o mêdo da morte. Quando somos sensíveis à vida, tomamos consciência dessa coisa extraordinária que se chama "morte". Não sabemos entrar em contato com ela, porque lhe temos mêdo. Para o encontro com isso que chamamos "morte", temos primeiramente de libertar-nos do mêdo — dêsse mêdo constante ao desconhecido, ou, melhor, de nos separarmos do conhecido, das coisas que conhecemos: nossas experiências, nossas lembranças, nossa família, nosso saber, nossas atividades. É disso que temos mêdo, e não pròpriamente da morte. Sabemos que há a morte. Consolamo-nos com a reencarnação, a ressurreição, com várias formas de crença; ou racionalizamos a morte, dizendo: "Ora, ela é inevitável, e a vida é tôda de aflições"; ou, ainda: "A vida nos proporciona muitos deleites; tratemos de aproveitá-la". Mas, se se deseja realmente compreender a questão da morte, que é de fato uma coisa extraordinária, não só temos de compreender o viver, mas também de compreender o mêdo, porque, quando compreendemos o viver, verificamos que o viver e o morrer estão estreitamente ligados entre si; não são duas coisas diferentes. Não podemos viver se temos mêdo, se estamos constantemente a batalhar, a lutar por preencher-nos, para, no fim, nos vermos frustrados e descobrirmos em nós mesmos uma imensa solidão e insuficiência.

Tal é a nossa vida; queremos preencher-nos, "realizar-nos", "vir a ser". O pensamento intervém e trata de evitar a morte, afastá-la para longe, aferrar-se às coisas que conhece. Não sabemos o que é o viver. O que chamamos "viver" é uma existência lastimosa, uma horrorosa confusão, uma batalha entrecortada de ocasionais lampejos de alegria, de extraordinários prazeres; contudo, a maior parte de nossa vida é tão superficial e insípida, que não sabemos o que é viver. Mas, se morrêssemos para tôdas as coisas que o pensamento criou dentro em nós, morrêssemos verdadeiramente para nossos prazeres, nossas lembranças, nossos temores — encontraríamos então um viver diferente. Êste viver nunca está distanciado da morte; mas,

para alcançá-lo, necessitamos de paixão, de intensidade, energia, para aprendermos a respeito de nós mesmos, a respeito da morte, a respeito do mêdo, porque no momento em que começamos a aprender tudo isso, desaparece o mêdo. Não podemos aprender, se não sabemos observar. Afinal, aprender a respeito da morte — compreendei isso! — é uma coisa verdadeiramente extraordinária, porquanto existe a morte física. O organismo se esgota, por velhice ou doença. A mente já não é então capaz de rápida percepção, porque nos deixamos impor uma enorme carga de condicionamento. Quando estamos doentes, quando estão cansadas as células cerebrais, já não podemos aprender e, então, infelizmente, vivemos de crenças e esperanças — e por êsse caminho não há saída. Mas, se nos tornamos cônscios de nossas vidas, da maneira como vivemos, de nossos pensamentos e sentimentos, dos prazeres que constantemente buscamos, então, nessa compreensão, as coisas a que estamos tão profundamente apegados caem por si. Morremos então todos os dias. De outro modo, nunca há nada nôvo.

Essa é, afinal de contas, a mente religiosa, pois religião não são as crenças, os dogmas, os rituais, as seitas, a propaganda que se faz há dois mil ou dez mil anos; isso, em absoluto, não é religião. Somos escravos da propaganda — não só do comerciante, mas também do sacerdote. A religião é uma coisa de todo diferente. Para se descobrir o verdadeiro, descobrir se existe isso a que o homem chama seu Deus — o Desconhecido — temos de morrer para o conhecido, pois, de contrário, não poderemos encontrar-nos com essa coisa inefável que o homem busca há milhares e milhares de anos. O homem, o pensamento inventou um conceito sôbre o que Deus é ou não é. Crê ou descrê, conforme seu condicionamento. O comunista, o autêntico comunista, não crê. Para êle, só o Estado existe. Provàvelmente, com o tempo, venha a endeusar Lênine ou outro. E há os que foram condicionados para crer. Ambos são iguais, o crente e o não-crente. A fim de descobrirmos se existe alguma coisa além daquilo que o pensamento construiu, temos de negar tudo — dogma, crença, esperanças, temores. Isso afinal não é muito difícil, porque, quando queremos aprender, pomos de parte todos os absurdos que o homem criou com o seu mêdo.

Quando termina efetivamente o pensamento, quando morremos para o pensamento, surge então algo inteiramente diferente, uma dimensão diferente, dimensão que não pode ser explicada, posta em palavras, que nada tem em comum com a crença, o dogma, o mêdo. Não é uma palavra. Aquêle verbo não pode tornar-se carne (1) e, para ser descoberto, deve deixar de existir o experimentador, o observador, o censor. Foi por isso que dissemos, no comêço, que temos de compreender o conflito, e que haverá conflito enquanto existir observador e objeto observado; pois esta é a raiz do conflito. Quando digo "preciso compreender", ou "Tenho mêdo", o EU julga-se separado do próprio mêdo. Em verdade não está separado dêle. O mêdo é o EU; os dois são inseparáveis. Quando o observador é o objeto observado, quando o pensador, a fonte do pensamento, deixa de existir, verifica-se, então, que o mêdo, em qualquer forma, deixou também de existir.

Nisso há uma concentração de energia. Essa energia explode e surge o nôvo — o nôvo irreconhecível. Quando reconhecemos uma coisa, essa coisa não é nova. É uma experiência que já tivemos. Por conseguinte, não é nova. As maravilhosas experiências e visões dos santos e das pessoas religiosas são projeções de coisas velhas, projeções de suas mentes condicionadas. O cristão vê o seu Cristo, porque foi condicionado pela sociedade em que vive, em que cresceu.

Enquanto houver "experimentador" e a coisa que êle vai "experimentar", nesse estado não existirá nenhuma realidade, porém sòmente conflito. Só quando deixa de existir o experimentador, pode surgir aquela coisa que o homem sempre buscou. Em nossa própria vida, estamos sempre a buscar — a buscar a Felicidade, a buscar Deus, a buscar a Verdade. Não podemos achá-lo por meio de busca, porém, tão-só, quando cessa a busca, quando a pessoa é a luz de si própria. Para se ser a luz de si próprio, deve haver paixão e intensidade ardentes. Essa paixão não é uma coisa mansa. Com ela nasce — de tôda esta agitação, aflição, confusão e desespêro — a revolução, a mutação interior. Só uma mente nova pode encontrar-se com

---

(1) Alusão à doutrina cristã da Trindade: Jesus-Cristo, o Filho (segunda pessoa da Trindade): "O verbo que se fêz carne". — N. do T.

aquilo que se chama Deus, a Verdade, ou o nome que preferirdes. Mas, o conhecido não pode conhecer o desconhecido, e nós somos resultado do conhecido. Tudo o que o conhecido — o pensamento — fizer afastará para mais longe ainda o desconhecido. Só quando o pensamento compreendeu a si próprio e se tornou quieto, pode haver a compreensão de todo êsse processo de pensamento, prazer e mêdo. Isso é meditação. Não é a prática, a disciplina ou o ajustamento que torna a mente quieta. O que a torna verdadeiramente silenciosa é a compreensão de si própria, de seus pensamentos, seus desejos, suas contradições, seus prazeres, seus apegos, sua solidão, seu desespêro, sua brutalidade e violência. Dessa compreensão nasce o silêncio, e só a mente silenciosa pode perceber, pode ver realmente *o que é*.

10 de maio de 1966.

PARIS — I

Uma Nova Maneira de Viver

Embora devamos desconfiar das semelhanças, não há muita diferença entre o Oriente e o Ocidente, os que vivem na Ásia e os ocidentais. Embora aquêles tenham filosofias e credos diferentes, diferentes costumes, hábitos e maneiras, são entes humanos como os do resto do mundo — com seus sofrimentos, seus inumeráveis problemas, ansiedades, temores, entregues muita vez ao extremo desespêro, em face da doença, da velhice e da morte. Êstes problemas existem no mundo inteiro. Suas crenças e seus deuses não são diferentes dos deuses e crenças dêstes país ou de outros países ocidentais. Essas crenças não resolveram, fundamental, profunda e radicalmente, nenhum dos problemas humanos. Produziram uma certa cultura, boas maneiras, uma superficial aceitação de certas relações, porém, no fundo, na raiz, o homem não mudou muito nos últimos dois milhões de anos. O homem veio lutando através de tôdas estas idades, nadando contra a corrente da vida, sempre empenhado em batalha, conflito, luta, sempre a tatear, a buscar, a pedir, a exigir, a rogar, a procurar quem resolva para êle os seus problemas.

Vem isso ocorrendo há séculos e séculos e, como é bem evidente, não resolvemos os nossos problemas. Continuamos a sofrer; continuamos a tatear no escuro, a buscar, a pedir, a exigir que alguém nos venha mostrar o que devemos fazer, o que não devemos fazer, o que devemos pensar e o que não devemos pensar; a passar de uma crença para outra, de uma opinião ou extravagante ideologia para outra. Conhecemos bem isso, todos

nós; já passamos por tôdas essas variedades de crenças. Embora possamos reagir, mudar de posição num mesmo setor da vida, de alguma maneira permanecemos fundamentalmente o que somos. Pode haver aqui e ali alguma mudança sem importância. Há pequenas modificações, diferentes seitas, diferentes grupos e diferentes convicções, mas, interiormente, é a mesma e tremenda luta e ansiedade e desespêro.

Talvez possamos abeirar-nos dêsses problemas de maneira diferente. Deve haver — e penso que há — um diferente acesso à existência, uma diferente maneira de viver, sem esta batalha, sem êste mêdo, sem êstes deuses já de todo insignificantes, sem estas ideologias — comunistas ou religiosas — que já quase nada significam. Provàvelmente, elas nunca tiveram muita significação. Ajudaram o homem a civilizar-se, a tornar-se mais afável, mais amigável, porém, bàsicamente, o homem não foi domado, nem mudou fundamentalmente. Continuamos a ser brutais, a guerrear-nos, tanto exterior como interiormente. Houve quinze mil guerras nos últimos cinco mil anos — quase três guerras por ano! A humanidade foi sempre truculenta, odienta, sempre viveu a competir, a lutar por posição, prestígio, poder, domínio. Isso todos nós conhecemos e aceitamos como a norma de nossa vida—guerra, mêdo, conflito, uma existência superficial.

Parece-me que deve haver uma diferente maneira de viver, e é disto que vamos tratar nestas cinco reuniões: como promover uma revolução, não exterior, porém interior, já que a crise se verifica na consciência; não é econômica ou social. Estamos sempre a reagir superficialmente ao desafio exterior. Devemos, isso sim, reagir adequadamente à crise interior, que se veio avolumando através das idades. As filosofias e teologias — intelectuais, engenhosas e sutis, como são — e as diferentes fugas que oferecem as religiões por meio dos dogmas, não podem de modo nenhum resolver êstes problemas. Quanto mais *sério* o indivíduo, tanto mais se lhe tornam patentes êstes problemas. Entendo por "sérios" aquêles que são capazes de enfrentar e de fato estão enfrentado e resolvendo os problemas, sem adiá-los, sem fugi-los, sem tentar resolvê-los intelectual, verbal ou emocionalmente. A vida é só para os homens sérios,

e não para os que tratam meramente de folgar, de reagir superficialmente, de fugir à profunda crise interior.

Agora que o problema está mais ou menos formulado, embora possamos examiná-lo mais profundamente — como talvez o façamos — qual a solução? Quanto mais claro se formula o problema, tanto mais clara se torna a solução. Não estou nada certo se estamos percebendo o problema muito claramente. Procuramos resolvê-lo de acôrdo com nosso temperamento, nossa educação, o condicionamento próprio da sociedade em que fomos criados. Procuramos solucionar a questão fracionàriamente. Se somos muito intelectuais, procuramos resolvê-la intelectualmente, viver pelo intelecto. Se somos emotivos, sentimentais, piegas, ou se somos artistas, procuramos resolvê-lo à nossa maneira, considerando as coisas pelo ângulo emocional, sentimental. Estamos olhando o problema da existência fragmentàriamente, em seções, divisões. Não parecemos capazes de olhá-lo em sua totalidade, de olhar a vida como um todo; e uma solução fragmentária nunca é uma solução. Não podemos resolver todos êstes problemas segundo nossos temperamentos, nossos conceitos e ideologias. O problema excede em muito a reação individual.

O indivíduo é a "entidade local"; é o francês, o inglês, o indiano, etc. — uma entidade "localizada". Mas o ente humano, conquanto "localizado" num dado país, faz parte do mundo. Precisamos também de clareza a êste respeito, isto é, sôbre a diferença entre "indivíduo" e "ente humano". Se se compreende o ente humano, o indivíduo tem então seu lugar próprio, ou nenhum lugar. Mas, se meramente cuidamos de cultivar o "quintal" de nossa própria individualidade, conservando-o em boa ordem e limpo — isso é de muito pouca significação, em relação à existência humana total. Talvez, se se compreender o ente humano, seja possível compreender o lugar que cabe ao indivíduo, mas a compreensão individual não tem possibilidade de compreender o ente humano total. O problema se torna muito mais claro, se posso olhá-lo não fragmentàriamente — se não o olho como cientista, artista, filósofo, teólogo, etc., porém como um ente humano que tem de viver neste mundo e

dêle não deve fugir; se tenho a possibilidade de olhá-lo como um todo.

Como antes disse, vivemos uma vida de conflito, sempre a indagar e a buscar, sempre a pedir, a esperar; sem jamais pôr fim ao nosso sofrimento, sem jamais acabar com a violência, tanto no interior como no exterior. Há séculos e séculos que fazemos êsse jôgo. As religiões ensinaram ao homem que êle deve lutar, fazer tremendos esforços, lidar, batalhar entre o bem e o mal, seguir o que é nobre e evitar o que é ignóbil. Nossa vida, como a conhecemos — real, e não teòricamente — é uma série de conflitos, contradições, tensões, desejos opostos, e não parecemos capazes de escapulir desta rêde. Existe alguma maneira completamente diferente de atender a êste problema?

Penso que existe. Não sei de que maneira estais escutando o que se está dizendo. Estais meramente a ouvir uma série de palavras, idéias, conceitos, e a concordar ou discordar, a discutir mentalmente com o orador; ou estais, mediante o ato de escutar, tomando conhecimento do verdadeiro estado de vossa vida, como ente humano? Se estais reagindo apenas intelectualmente ao que se está dizendo, nesse caso só tentais indentificar-vos com o problema; por conseguinte, sois diferente do problema. Acho bom examinarmos isso um pouco.

Existe a questão da ansiedade. Examinemo-la, agora. Há em nossa vida um sentimento de desespêro ante a futilidade, a monotonia da vida, de nossa existência rotineira, mecânica — e, em conseqüência, ansiedade. Intelectualmente, podemos perceber que estamos ansiosos e nos separamos dessa ansiedade. O observador é então diferente da coisa observada. Dizemos "*Eu* estou ansioso", sendo "eu" diferente da ansiedade. O pensador, o observador é diferente daquilo a que observa ou a cujo respeito reflete. Há uma divisão entre o observador, o pensador, e o pensamento, a coisa observada. Temos de averiguar de que maneira escutamos. Se escutamos como observadores, como pensadores, existe então uma coisa sôbre a qual estamos pensando, ou que estamos observando. Coisa diferente é escutar com atenção. A atenção não é intelectual ou emocional; a atenção não se deixa dirigir. Se dizemos "Ficarei atento", trata-se então de um mero ato de vontade, que, por sua vez, separa. Mas, se es-

cutamos com atenção, não há nem a atividade fragmentária do intelecto nem atividade sentimental; há atenção completa, que não é puramente intelectual, emocional ou física. A atenção é física, intelectual e emocional: uma atividade total. Nela, estão os nervos e as supersensíveis células cerebrais extraordinàriamente despertos, atentos. Nesse estado de atenção, pode-se *escutar*. Tudo o que é falso é pôsto de lado, por ser completamente sem valor. O que é verdadeiro fica e floresce, naquela atenção.

Espero estejais experimentando, ao mesmo tempo que estamos falando. Foi por isso que eu disse que não deveis, meramente, concordar nem discordar do orador ou tentar interpretar o que está dizendo. Vereis, enquanto fordes ouvindo estas cinco palestras, que êle não vos estará oferecendo idéias, nem fórmulas, nem conceitos. E, se permanecerdes atentos, totalmente atentos, estabelecer-se-á a desejada relação entre o orador e vós; já não sereis meros ouvintes, pois estaremos viajando juntos. Isto é muito diferente de estar concentrado; a concentração é egocêntrica — a atenção não é.

A questão que estamos considerando alude à terminação dêste nosso perene conflito. Estamos averiguando se alguma possibilidade existe de vivermos, neste mundo, inteiramente livres de conflito. Para descobrir se isso é possível, temos de prestar atenção. Não há atenção, se dizeis: "Estou de acôrdo", ou "Até aqui, de acôrdo, mas não irei mais longe", "Isto me agrada; isto não me agrada", "Sou escritor e preciso interpretar tudo isso de uma certa maneira". Se pudermos prestar atenção, será ótimo, pois estabeleceremos entre nós um estado de comunhão. Nessa comunhão, não há instrutor nem discípulo — pois isso também é infantil. Não há seguidor, nem ninguém que diz: "Fazei isto, fazei aquilo!". Como entes humanos, já passamos por tudo isso através de séculos e mais séculos. Tivemos salvadores, Mestres, deuses, crenças, religiões, às dúzias, e êles não resolveram os nossos problemas. Continuamos desditosos como sempre fomos, sêres atribulados, confusos, sofredores, e nossa vida se tornou muito insignificante. Podemos ser altamente engenhosos, capazes de falar proficientemente sôbre qualquer coisa, mas, interiormente, é só agitação, interminável solidão, confusão

que se aprofunda e expande cada vez mais e sofrimento que parece nunca terá fim.

Formulado o problema — que nos é bastante familiar — existe uma maneira diferente de considerá-lo? A velha maneira não nos oferece, evidentemente, nenhuma solução. Isso temos de perceber com absoluta clareza, a fim de abandonarmos definitivamente a velha maneira, o velho caminho que nos oferecem as religiões, com suas crenças, dogmas, salvadores, Mestres, vigários, arcebispos, etc. etc. Quer se trate de religião católica, quer da protestante, hinduísta, budista, êsse caminho tem de ser abandonado inteiramente, uma vez que não leva o homem à libertação. A libertação é coisa muito diferente da revolta. Na hora atual, o mundo inteiro se acha em revolta, principalmente a juventude, mas essa revolta não é libertação. Libertação é muito diferente disso; não é libertação *de* alguma coisa. Se é *de* alguma coisa, é revolta. Se me revolto contra a religião a que pertenço, essa reação me leva a abraçar outra religião que penso oferecer-me mais liberdade, mais inspiração, novas séries de palavras, de dogmas e ideologias; contudo, tal reação é incapaz de exame. Só a mente que está libertada, mas não em reação a alguma coisa, é capaz de examinar, não só o espírito humano tal qual é, mas também tôda a estrutura psicológica da ordem social de que faz parte um dado indivíduo — capaz de questionar, de duvidar, de ser cética. Questionar, indagar, averiguar — tudo isso exige uma grande abundância de liberdade, e não uma grande abundância de reação. Onde há liberdade, há uma paixão, uma intensidade totalmente diversas da intensidade e da paixão da reação. A paixão, a intensidade, a vitalidade, o vigor que a liberdade proporciona não pode ter fim, ao passo que o entusiasmo, o interêsse, a vitalidade da reação está sujeita a mudanças e variações.

Para descobrirmos se existe outro caminho, uma diferente maneira de viver — não uma diferente maneira de agir e proceder, porém de *viver*, que é agir — temos naturalmente de voltar as costas às coisas a que estamos escravizados. Penso ser esta a primeira coisa a fazer, porque, de outro modo, não há possibilidade de exame, observação. Como pode a mente a que se impôs tamanha carga de condicionamento, em dois milênios

de propaganda, ou dez milênios de tradição, como pode essa mente observar? Só é capaz de observar através de seu condicionamento, de suas ambições, de suas ânsias de preenchimento. Tal exame é inteiramente sem vitalidade, sem nada; jamais descobrirá coisa nova. Mesmo no campo científico, ainda que se possuam prodigiosos conhecimentos, é necessário, para se poder descobrir coisa nova, pôr de parte, temporàriamente, o "conhecido"; de contrário, nada de nôvo será descoberto. É perfeitamente óbvio que, para se poder ver o nôvo claramente, o passado, o conhecido, o sabido, tem de desaparecer.

Estamo-nos perguntando — vós e eu — se existe alguma maneira inteiramente nova de proceder, sem conflito, nem contradição. Onde há contradição, há esfôrço, e onde há esfôrço há conflito — que é resistência ou aceitação. Resistência é abrigar-nos atrás de idéias; aceitação é imitação. Estamos sempre a nadar contra a corrente; assim é nossa vida. Podemos mover-nos, viver, ser, funcionar de maneira tal, que não tenhamos de lutar contra nenhuma corrente? Quanto mais conflito existe, tanto mais tensão. Da tensão resultam neuroses e psicoses de tôda espécie. Um ente humano em estado de tensão poderá ter uma certa capacidade, e essa capacidade criada pela tensão poderá expressar-se em literatura, música, de uma dúzia de maneiras diferentes. Estou procurando transmitir-vos ou, melhor, *comunicar-vos*[1] alguma coisa, não verbalmente; ainda que seja necessário o emprêgo de palavras, estas, como sabemos, não são fatos, coisas. Em vez de tentarmos sempre o acesso à realidade por meio de disciplinas, conflito, aceitação, rejeição, de tôdas as coisas que o homem tem praticado através dos séculos, a fim de descobrir uma "certa coisa", há possibilidade de "explodirmos" e, dessa explosão, nascer uma mentalidade inteiramente nova? Pode nossa velha mente, que ainda conserva o "animal", essa velha mente que está sempre a buscar confôrto e segurança, sempre medrosa, ansiosa, insulada, dolorosamente cônscia de suas limitações, pode essa mente acabar imediatamente e uma nova mente começar a operar? Está claramente enunciado o problema?

---

(1) *Comunicate*: comunicar, e *comungar*. (N. do T.).

Em outras palavras: O pensamento criou êstes problemas. O pensamento "pensou": "Tenho de achar Deus"; "Tenho necessidade de segurança"; "Esta é minha pátria, não é vossa pátria"; "Vós sois alemão"; "Eu sou francês"; "Sois russo; sois comunista; sois isto, aquilo"; "Meu Deus, vosso Deus"; "Eu sou escritor; vós não sois escritor"; "Sois inferior, e eu sou superior", "Sois espiritual e eu não sou espiritual". O pensamento construiu a estrutura social em que estamos encerrados, da qual fazemos parte. O pensamento é o responsável por tôda esta confusão. O pensamento a criou, e se o pensamento "diz": "Tenho de modificar tudo isso, para ser diferente", criará êle uma estrutura talvez diferente a alguns respeitos, porém semelhante, porque se trata ainda de ação do pensamento. O pensamento dividiu o mundo em nacionalidades e grupos religiosos; o pensamento gerou o mêdo. O pensamento "diz": "Sou muito mais importante do que vós"; "diz" também: "Devo amar o meu próximo". O pensamento criou esta hierarquia de sacerdotes, salvadores, deuses, conceitos, fórmulas; e se o pensamento "diz": "Isto está errado"; "Criarei uma nova ordem de atividades, uma nova ordem de crenças, uma nova ordem de estruturas" — elas serão semelhantes às velhas, embora um pouco diferentes. Pois são ainda resultado do pensamento.

O pensamento criou um mundo comunista e agora o está tornando diferente, está promovendo uma diferença no comunismo, que está virando burguês, menos revolucionário. O pensamento está tornando o comunismo mais brando, mais "gentil". Sempre o pensamento — a criar e a destruir.

Para se descobrir alguma coisa totalmente diferente, não só é necessário compreender a origem do pensamento, o comêço do pensamento, mas também descobrir se é possível o pensamento cessar, a fim de que se ponha em movimento um nôvo processo. Esta é uma questão importantíssima. Não há concordar nem discordar, a respeito dela; nada se sabe; talvez, mesmo, nunca tenhais pensado nela e, portanto, ninguém pode dizer que compreende ou que não compreende. Pode-se dizer: "Sim, compreendo; quer dizer, verbalmente, intelectualmente, estou-vos compreendendo" — mas isso é coisa totalmente diferente da real compreensão do fato. O pensamento criou guerras, com dividir

os homens em franceses, alemães, italianos, indianos, russos. Dividiu o mundo em campos antagônicos, áreas de crença, com seus salvadores e deuses — cada uma com seu Deus próprio! Os homens têm lutado uns contra os outros. Tudo isso foi o pensamento que criou; e "diz", então: "Estou vendo isto; é um fato; agora criarei um mundo diferente". Foi o que se tentou fazer, no mundo comunista. Tôda revolução fêz igual tentativa, para acabar no mesmo círculo de antes.

O pensamento criou filosofias e fórmulas, em conformidade com as quais procuramos viver. Criou uma estrutura psicológica de prazer, estabeleceu certos valores baseados no prazer. Isso não significa que sou contra o prazer, porém, sim, que devemos investigar, em seu todo, a estrutura do prazer. O pensamento não pode criar um mundo nôvo. Mas isso não significa que o sentimento o criará; pelo contrário, não pode criá-lo. Temos de encontrar uma energia nova, energia não criada pelo pensamento, uma energia diferente, que funcione numa nova dimensão. As próprias atividades dessa energia deverão desenvolver-se naquele mundo diferente, não num mundo-refúgio, nos mosteiros, nos píncaros do Himalaia, numa caverna, em alguma atividade absurda. Vamos averiguar isso. Estou bem certo de que há uma diferente maneira de viver, porém não num mundo em que o pensamento funciona. Temos de remontar às origens do pensamento, aos começos do pensamento, descobrir o que significa pensar, qual a sua origem, o seu mecanismo. Quando a mente, a entidade total, aplica tôda a sua atenção a compreender a estrutura do pensamento, começamos então a adquirir uma energia de espécie diferente. Isso nada tem que ver com autopreenchimento, com buscar, desejar; tudo isso desaparece. Nosso principal interêsse, aqui, é compreendermos *juntos*. Não ficareis apenas a ouvir, e o orador a proferir certas palavras. Vamos investigar juntos a origem do pensar.

Não sei se já notastes como o pensamento fortalece o prazer. Quanto mais pensamos numa coisa que consideramos aprazível, tanto mais lhe damos vitalidade, energia, fôrça variável. Quando o pensamento luta contra um hábito — não importa, se bom, se mau — a energia criada por êsse pensar é inteiramen-

te diversa daquela energia que compreende a inteira estrutura do pensamento.

Vamos *descobrir* juntos, por nós mesmos. Não precisamos de ser ensinados por alguém, o que seria absoluta falta de madureza. Vamos, juntos, descobrir a origem do pensamento e averiguar se é possível o pensamento cessar quando necessário, e funcionar com precisão, racional e claramente, quando também necessário. Trasbordamos agora do conhecido para o desconhecido, e nos vemos confusos. Onde o pensamento tem de funcionar vigorosa e não emocionalmente, como quem executa um trabalho técnico, não há reações emocionais. Ensina-se-vos uma técnica, e nela funcionais com precisão. Essa precisão não tem entrada na esfera em que se compreende a origem do pensar. Lá, ela introduz a confusão. O pensamento pode funcionar plena e completamente, racional e sãmente, livre de estados neuróticos, onde isso é necessário; mas, há uma esfera na qual o pensamento não funciona, em absoluto; nessa esfera pode realizar-se uma revolução, surgir o nôvo. É o que iremos descobrir, por nós mesmos, no correr destas palestras.

INTERROGANTE: Creio que há uma espécie de energia que é transmitida a tôdas as pessoas durante o sono, energia sem pensamento — pensamento no sentido comum.

KRISHNAMURTI: Diz êsse senhor que se nos dá uma certa forma de energia na qual o pensamento absolutamente não funciona. Quem a dá? Que é "energia", senhor? Um momento; voltemos ao comêço. Quando falamos de energia, que entendemos com isso? Há a energia física que nos vem da alimentação, etc. Há a energia criada pelos estados emocionais, sentimentais. Há energia intelectual. Em geral, essas três energias e suas divisões estão em contradição entre si, e essas contradições são também formas de energia. Tudo isso se pode fàcilmente descobrir mediante a observação psicológica comum.

Sou ambicioso; desejo preencher-me, alçar-me ao pôsto mais alto; desejo ser famoso no mundo — não importa que mundo; aspiro à celebridade, e essa aspiração insufla-me uma tremenda energia. Torno-me cruel. Existe a energia da violência e, ao tornar-me cônscio dessa violência, crio uma ideologia da não-violência. A luta entre o fato — a violência — e a extravagante

ideologia da não-violência cria um conflito. Tôda energia cria o correspondente oposto, e nisso ficamos enredados. Amo-vos e sou ciumento, sou-vos apegado. Quero possuir, dominar, e isso me comunica uma energia tremenda. Quando vos voltais contra mim, nasce-me ódio — outra forma de energia. O pensamento pode ser exercido consciente ou inconscientemente. Pelo que respeita à maioria de nós, êle é uma reação inconsciente. A reação inconsciente nasce de uma palavra que desperta tôda uma série de lembranças e associações; uma palavra como "Deus" provoca extraordinárias reações, tanto no crente como no descrente.

Devemos perceber muito claramente o que entendemos por energia criada por conflito. Considerai a energia que consome um homem de negócios que sai tôdas as manhãs para seu escritório, durante quarenta anos, que luta incessantemente — aqui, na Rússia, em qualquer parte. Que energia fantástica! Essa energia é criada pelo condicionamento social, pela ambição, pelo desejo de êxitos, prazeres, aquisições — novos carros, casas — mais, mais e sempre mais. Enquanto não tiver fim essa energia psíquica, não pode tornar-se existente a outra energia. As duas não podem coexistir. A ambição do homem que cultua o sucesso, a posição, o prestígio, do homem que quer expressar sua personalidade, tem sua energia peculiar, mas essa energia não pode, de modo nenhum, compreender o que é o amor. Como pode um homem que é ambicioso — seja em nome de Deus, seja em nome da sociedade ou de seu próprio preenchimento — compreender o amor? Como pode êsse homem amar? Impossível!

Devemos estar bem esclarecidos a êsse respeito, a fim de não misturarmos as duas espécies de energia; elas não podem misturar-se. Quando cessa a energia do conflito, então, talvez se venha a conhecer uma diferente espécie de energia. Essa energia, e nenhuma outra, é que resolverá os nossos problemas humanos.

15 de maio de 1966.

PARIS — II

O Pensar — Reação do Passado

PRIMEIRO, FALAREI um pouco e, depois, se o desejardes, podereis fazer-me perguntas sôbre os assuntos tratados.

Penso que deve interessar a todo ente humano, quer viva no Oriente, quer no Ocidente, a radical solução da angústia humana, da confusão e luta em que nos vemos empenhados. Qualquer outro assunto se torna secundário; escrever livros, compor música, pintar, as coisas que fazemos deliberadamente ou por têrmos um certo talento, tudo isso, a meu ver, são problemas secundários que serão corretamente resolvidos se pudermos compreender e resolver a confusão humana, a aflição em que nos debatemos, o vão desperdício de energia, causador de tanto sofrimento. Só então poderemos verdadeiramente investigar, isto é, quando estivermos livres de nossa confusão e angústia. Só então poderemos indagar se existe alguma coisa além da mente humana, além do pensamento, se existe alguma coisa sublime, incognoscível. Mas essa investigação se tornará totalmente fútil, sem significação, se não tivermos dissolvido o mêdo, a agonia da incerteza, o desespêro, que ora afligem a maioria dos entes humanos.

A investigação feita pela mente confusa, sobremodo perturbada, pelo coração angustiado — tôda investigação da verdade, tôda indagação que visa a descobrir se há Deus, se alguma coisa existe além do tempo — é totalmente inútil, desperdício de energia. A mente que está confusa, ainda que se mostre muito talentosa, capaz de escrever livros e realizar coisas importantes, se essa mente se empenha em buscar alguma coisa

fora de si própria, continuará confusa e tudo o que descobrir será resultado de sua confusão. Não será uma coisa nascida da clareza; será o produto da confusão, da aflição, da luta, do desespêro. A primeira coisa que se precisa perceber claramente é que a confusão da maioria das pessoas não pode ser resolvida por meio da fuga nem do esfôrço para dissipá-la. Tudo o que a mente confusa faz é confuso. Não me parece que percebemos isso. Tudo o que aquela mente faz — se pinta, se canta, se escreve poesias — será ainda o produto de sua própria confusão, e essa confusão, como dissemos em nossa última reunião, é o resultado de nosso pensar.

Espero não estejais a ouvir-me apenas verbal ou intelectualmente. Palavras, livros, explicações nunca têm fim. A mente engenhosa é capaz de inventar dúzias de explicações, de produzir uma filosofia, um sistema, porém tais coisas não resolvem o problema real. Espero, pois, não estejais ouvindo verbal ou intelectualmente, porém observando; quer dizer, *escutando*, observando um fato real, o que realmente *é*, e não o que "deveria ser". Sois deveras capaz de olhar de frente o conflito diário, a diária aflição, solidão, o desespêro existente em vosso coração, em vossa mente? Sois capaz de escutar dessa maneira, e não como quem escuta uma teoria, uma explicação, como quem escuta a alguém que possui, talvez, um pouco mais ou um pouco menos do que possuís; capaz de *escutar* vosso próprio condicionamento, vossa aflição e ansiedade? Há diferença entre o percebimento que vós mesmo tendes de vosso próprio estado, e o que sucede quando alguém vo-lo indica. Ninguém precisa indicar-vos que estais com fome. Vós o sabeis muito bem e fazeis o necessário a êsse respeito, ou não o fazeis, conforme o caso. Mas, se se vos fala a respeito de um problema, e o olhais concordando ou discordando, não se trata então de vosso problema, não se trata da situação que estais realmente enfrentando. O que estamos tentando é, não só apontar-vos o fato de que porventura não estais consciente, mas também, no próprio ato de vo-lo mostrar, levar-vos a descobrir, por vós mesmo, êsse fato. Então, êle vos concerne, o problema é vosso; tendes então de fazer alguma coisa em relação a êle, em vez de ficardes a falar, interminàvelmente.

Se não ficardes apenas escutando o que se está dizendo, mas também, ao mesmo tempo, procurando descobrir por vós mesmo o fato, a realidade, *o que é*, então, juntos, seremos capazes de dissolvê-lo. Mas, se o orador está apenas a apresentar-vos uma explicação, uma série de palavras para fazer-vos ver o fato, então já não se trata de *vosso* fato, e a relação entre o orador e o ouvinte nenhum valor tem.

Os problemas humanos — não os problemas técnicos: como ir à Lua, escrever um livro, aprender uma língua — os problemas humanos, o problema de nossa confusão, de nossa total falta de afeição, o sentimento de solidão, as contradições, a perpétua ânsia de preenchimento e as intermináveis frustrações que a acompanham — todos êles foram criados pelo pensamento. Edificamos uma sociedade, uma estrutura, um estado sócio-psicológico que é o resultado de nossa avidez, inveja, comparação, competição, ambição, desejo de poder, posição, prestígio, fama. Tudo isso foi construído pelo pensamento, e nós somos o resultado dêsse pensamento e nos vemos aprisionados nessa estrutura, na estrutura psicológica da sociedade, da qual somos uma parte. Isso também é muito óbvio; nós não somos diferentes da sociedade. A sociedade somos nós — vós e eu — a sociedade que criamos com o pensamento, consciente ou inconscientemente, a qual aceitamos ou contra a qual nos revoltamos — revolta que, todavia, permanece dentro da estrutura de uma dada sociedade. O pensamento construiu, através dos séculos, esta sociedade, com seus deuses, seus instrutores, suas religiões, suas nacionalidades, e tôda esta confusão medonha em que estamos vivendo. O pensamento não pode livrar-se daquilo que êle próprio construiu. Se o faz, ou se pensa que o faz, isso será ainda uma reação, uma continuidade "modificada" do que *foi*.

O pensamento é para nós de desmedida importância — o pensamento que é a palavra, a idéia, o passado, o presente e o futuro; o pensamento que cria extravagantes ideologias que com tanta facilidade aceitamos. Não importa se tais ideologias são nobres ou ignóbeis. O homem vive pelo pensamento, como o fazem certos animais (*sic*), e, percebendo a confusão, a aflição em que nos encontramos, exercemos o pensamento a fim de operarmos uma mudança, à fôrça de determinação, através

do tempo, pela asserção da vontade: "Sou isto e *devo* ser aquilo". O que o futuro será foi criado pelo pensamento, pela ideologia, pelo ideal, pelo exemplo. Embora desejemos mudar — e todo ente humano inteligente deseja promover uma mudança no mundo e em si próprio — utilizamos o instrumento do pensamento para efetuar a modificação, crendo que o pensamento resolverá todos êsses problemas. Não é assim? Não estais aqui escutando, com o pensamento a funcionar? Natural e evidentemente! E, não percebemos claramente que o pensamento não tem possibilidade de criar um mundo nôvo, de promover uma revolução total na consciência humana. Que fazer? O pensamento criou esta confusão e êle — assim esperamos — produzirá a clareza. Estamos muito certos de que o pensamento o fará, o pensamento que é brilhante, sutil, criador de ideologias; o pensamento que é egotista e não egotista; o pensamento que não funciona egocêntricamente, devotado à reforma social, à revolução, a novos sistemas de idéias, a utopias.

Se percebemos o seu verdadeiro significado, se percebemos, mesmo verbal ou intelectualmente, que o pensamento é incapaz de promover uma mudança radical, e que a revolução radical da consciência humana é de essencial necessidade, vemos então quanto é insensato continuarmos pelo caminho que estamos seguindo, a lutar, dia por dia, cheios de aflição e confusão, à espera da desolação e da morte. Temos recorrido ao pensamento, para resolver esta situação, entretanto o pensamento nada resolveu. Se compreendermos isso, mesmo verbalmente, que iremos fazer?

Quando fazemos esta pergunta, desejamos que nos digam o que cumpre fazer — peço-vos tôda a atenção! — e, por conseguinte, estamos reagindo com o pensamento, queremos descobrir a resposta por meio do pensamento. Não é exato isso? O problema está claro, e agora estamos a esperar, enquanto procuramos a resposta. Que é *isso* que está esperando? Que entidade é essa que está esperando pela resposta? É ainda o pensamento! O pensamento quer agora descobrir se o que se está dizendo é verdadeiro ou falso, está a concordar ou a discordar, a reverter ao seu condicionamento, e a dizer: "Como se pode

viver neste mundo sem pensar?". Não estamos dizendo que não devemos pensar; seria infantil dizê-lo.

Sabeis qual é o problema. Por conseguinte, ao perguntardes "Que devo agora fazer?" — tendes de descobrir *quem* é que está fazendo essa pergunta. Vêde, por favor, que esta é uma coisa muito séria, e não um simples entretenimento vespertino. Se não tendes um sério interêsse na questão, então ela não tem valor nenhum; mas, se o tendes e desejais ardorosamente investigá-la, cabe-vos descobrir quem está fazendo a pergunta. É ainda o pensamento? Se é, podemos agora investigar a questão da origem do pensamento.

Não dizemos que o pensamento deve cessar, pois o pensamento tem uma função definida. Sem êle, não poderíamos dirigir-nos a nosso escritório, não saberíamos nosso próprio endereço, nenhuma possibilidade teríamos de funcionar. Mas, se desejamos efetuar uma revolução radical em tôda a consciência, na própria estrutura do pensar, devemos compreender que o pensamento, que criou esta sociedade, com tôda a confusão nela existente, não pode em absoluto dissolvê-la. Os comunistas o fizeram por meio da revolução, por meio do pensamento. Rejeitaram uma ideologia e adotaram outra, mas estão agora retornando ao ponto de partida.

O pensamento é essencialmente conservador. O pensamento quer ocupado com o futuro, quer com o presente, funciona *sempre* com base no passado, em suas memórias, seu condicionamento, seu conhecimento. O pensamento é a essência mesma da segurança, e é isso o que a mente, conservadora por excelência, também quer — segurança, sempre segurança, em todos os níveis! Para se efetuar uma total mudança da consciência humana, *deve* o pensamento funcionar num certo nível, mas noutro nível *não deve* funcionar. O pensamento deve funcionar natural e normalmente no nível que lhe compete, mas não deve transbordar para outra esfera em que o pensamento não tem realidade alguma. Se eu não pensasse, não poderia falar. Mas, não é possível efetuar-se nenhuma transformação radical em mim mesmo, como ente humano, por meio de uma idéia, de um pensamento, porque o pensamento só é capaz de funcionar

em conjunção com o conflito. O pensamento só pode criar conflito.

Dito isso, se, como espero, tendes muito interêsse, deveis perguntar a vós mesmo qual é a origem do pensar. Deveis apurar bem isso, sem vos limitardes a concordar com o orador. Eis porque tanto importa descobrir *de que maneira escutais,* não só o que o orador está dizendo, mas também prestando atenção ao estado de vossa mente — pois isso é também *escutar.* Não sei se alguma vez já fizestes a vós mesmo esta pergunta; e, se a fazeis, a sério, em que nível a estais fazendo? Estais perguntando no nível verbal e esperando que alguém venha dizer-vos qual é a origem do pensar? Se estais, a resposta será sempre superficial. Ou estais fazendo a pergunta sem esperar resposta? Isso é como *ver* uma coisa muito claramente. Quando se vê uma coisa com tôda a clareza, não há que esperar resposta alguma: ela está à vossa frente.

Muito importa a maneira como se faz a pergunta. Perguntar, por exemplo, se há Deus. Se sois uma pessoa verdadeiramente *séria,* não sois nem crente nem descrente. Se credes que há Deus, descobrireis aquilo que credes. E, se não credes, desistis de investigar. Para investigar, tendes de fazer a pergunta com *tôda* a energia, com a mente, com o coração, com os nervos, com tôda a vossa capacidade, com vossa *atenção completa,* e nunca esperar resposta, porque a resposta, se a derdes, estará baseada no pensamento. Não sei se estais percebendo a complexidade do problema. Se fizestes a pergunta, a mente, que a fêz não está aguardando resposta; pois — quem irá dar a resposta? O orador poderá dar explicações, indicações, como iremos fazer daqui a pouco, mas vós é que fizestes a pergunta e, portanto, a vossa mente se encontra em extraordinária atividade, não no sentido de obter uma resposta, ou de encontrá-la. Se fizestes a pergunta, estais então *completamente atento e sensível.*

Nesse estado de atenção, percebimento, sensibilidade, tudo o que se diz, verdadeiro ou falso, será conhecido. Mas isso não é intuição. Não nos enganemos com palavras. Não se trata de nenhum "eu superior", de nenhum dêsses disparates. O que aconteceu foi que a mente, tendo feito a pergunta, se tornou

sobremodo sensível. Nessa esfera desaparece tudo o que é falso; tudo o que é verdadeiro floresce. Isso podeis descobrir por vós mesmo; é muito simples. A maneira como fazeis a pergunta é importante, porque do estado da mente que fêz a pergunta dependerá o descobrimento da verdade ou falsidade do que se irá dizer. Não dependerá de vosso temperamento, de vosso condicionamento ou de vossas idiossincrasias.

Qual a origem do pensar? Esta é uma questão sobremodo complexa, cuja compreensão requer uma mente muito sutil e destemerosa. No momento em que se descobre realmente a origem do pensar, o pensamento recebe o lugar que lhe compete e não transbordará para outra esfera, outra dimensão onde não há lugar para êle. Só nessa dimensão pode operar-se a transformação radical; só nela pode nascer uma coisa nova, não produzida pelo pensamento.

Examinemos. Por favor, ficai escutando, não tomeis notas. Não vos preocupeis com tomar notas, porque estais investigando a vós mesmo, estais a observar-vos. Quando uma pessoa está a observar-se, não tem tempo para tomar notas; está tôda entregue à observação, atenta.

Pode-se ver, muito simplesmente, que todo o pensar é uma reação do passado, sendo o passado memória, conhecimento, experiência. *Todo o pensar* é resultado do passado. O passado, isto é, o tempo, o "ontem"; êsse "ontem" que se estende infinitamente para o passado é o que se considera como sendo o tempo: tempo como passado; tempo como presente; tempo como futuro. O tempo que, semelhante a um rio, está sempre a fluir, foi dividido nessas três partes. Dividimo-lo nesses fragmentos e, nêles, o pensamento se deixou enredar.

Por favor, não tendes de concordar comigo; tendes de observar — observar o que se passa em vós mesmo. Não vos estou oferecendo uma nova idéia, uma nova ideologia, para a adotardes e praticardes, ou a seu respeito dizerdes: "Isto é certo; isto é errado". Estamos simplesmente vendo o que *é*. O pensamento tem sua origem no prazer. Não estamos condenando ou exalçando o prazer, porém apenas a observá-lo. Não queremos fazer-nos de puritanos, dizendo-vos que não deveis ter prazeres, o que seria uma coisa muito absurda. Vamos considerar

esta questão. O amor não é prazer. Se é, nesse caso se torna pensamento, retrato, imagem. Tive prazeres sexuais, ou prazeres visuais — o pôr-do-sol, uma árvore, um belo rosto, um edifício imponente, um quadro. Escutei música. A lembrança dessas coisas fica, e o pensamento se ocupa com ela. O pensar nelas proporciona maior prazer, cria a imagem, o retrato, sensual ou idealista. Nós sempre pensamos no que é agradável, e nunca no que é doloroso. Queremos evitar a dor, rejeitá-la. O que é doloroso tratamos de afastr de nós; entretanto, continua existente! O que nos proporciona aos nervos, ao cérebro, à nossa entidade física e psicológica, uma sensação de prazer, como, por exemplo, o sexo, nisso pensamos. E quanto mais pensamos na coisa, tanto mais prazer nos vem dela.

O pensamento — tende a bondade de escutar atentamente — o pensamento ocupa-se *a respeito* de uma certa coisa. O pensamento divide a si próprio em "o observador, que sente, que experimenta" e "a coisa que se vai experimentar". O pensamento, tendo-se dividido em "observador" e "coisa observada", evidentemente cria conflito. Diz, então: "Preciso superar o conflito" — e inventa disciplinas, defesas, várias maneiras sutis de fugir. Vê-se que a origem do pensamento é o prazer. Tôdas as nossas atividades, todos os nossos valores morais, éticos e religiosos estão baseados no prazer. Enquanto houver essa existência dual, pelo pensamento criada — o "observador" que, da "coisa observada", vai auferir prazer — enquanto o pensamento funcionar dessa maneira, haverá sempre conflito e, por conseguinte, nunca haverá uma revolução radical.

Está suficientemente claro isto? Não; não me refiro à minha explicação! Outro talvez possa dar-vos uma explicação melhor; não estamos interessados em explicações. Estamos interessados em ver *o que é*, o *fato*. Ontem tive uma bela experiência, contemplando o pôr-do-sol, no campo: as árvores desenhadas contra o sol, o encantamento das sombras, sua densidade — aquela beleza que me proporcionou indescritível deleite. Fico pensando nessa experiência; tenho de voltar amanhã àquele lugar, ou conservarei a recordação daquele espetáculo. Conservo-a, porque minha vida é tão insípida, tão monótona, tão tediosa e rotineira, que estou cativo daquela be-

leza que ontem vi. Ouço um som agradável, uma melodia, um poema; contemplo um belo quadro. Nisso fico a pensar, como que prêso numa armadilha. Vejo um belo rosto; quero "viver com êle". Aqui também está o pensamento a funcionar em conexão com o prazer. Há o observador, o pensador, e há o pensamento, que é prazer. O pensador se formou na base do prazer; quero isto e não quero aquilo. "Isto é bom" significa, *essencialmente*, que "isto" dá prazer! Enquanto durar essa separação entre o observador e o objeto observado, não haverá nenhuma transformação radical na consciência.

É possível observar sem o pensador? Olho cada coisa com uma imagem, um símbolo, com a memória, o conhecimento. Olho meu amigo, minha espôsa, meu vizinho, meu patrão, com as imagens que o pensamento dêles formou. Olho para minha mulher com a imagem que dela tenho, e ela, por sua vez, me olha com a imagem que tem de mim. A relação existente é entre as duas imagens. Isto é um fato. Não é invenção minha; é um fato! O pensamento formou êsses símbolos, imagens, idéias. Posso olhar, no primeiro instante, uma árvore, uma flor, o céu, uma nuvem, sem imagem nenhuma? A imagem da árvore é a palavra que aprendi, o nome da árvore, que me lembra sua espécie, sua beleza. Posso olhar aquela árvore, aquela nuvem, aquela flor, sem nenhum pensamento, sem nenhuma imagem? Isso é relativamente fácil, como sabeis, se já o fizestes. Mas, posso olhar sem nenhuma imagem para um ente humano com quem vivo intimamente, a quem chamo minha espôsa, meu marido, meu filho? Se não posso, não há então o verdadeiro estado de relação. A única relação existente é entre as imagens que ambos temos, um do outro. Ora, posso olhar a vida — as nuvens, as estrêlas, as árvores, o rio, a ave que voa, minha espôsa, meu filho, meu vizinho, tôda esta Terra — posso olhar para tudo isso sem imagem alguma? Ainda que me tenhais insultado, magoado, que me tenhais dito coisas ofensivas ou elogiosas, posso olhar-vos sem a imagem ou lembrança do que me fizestes e dissestes?

Vêde a importância que isso tem; porque só a mente que conservou a lembrança de mágoas e insultos, só essa mente está pronta a perdoar, se a tal se sentir inclinada. A mente

que não está conservando os insultos ou lisonjas que recebeu, nada tem para perdoar ou não perdoar; por conseguinte, nela não existe conflito. O pensamento criou essas imagens, tanto interior como exteriormente. Podem as imagens desaparecer e o pensamento "olhar" para tôdas as coisas da vida de maneira nova? Se fordes capaz disso, vereis que, sem nenhum esfôrço consciente e deliberado para mudardes, a mudança se operará, a mudança radical! A maioria das pessoas é ambiciosa; querem ser importantes na vida — escritores, pintores, negociantes, ou políticos. Os vigários querem tornar-se arcebispos. O pensamento criou esta sociedade, e faz-me ver a vantagem de me tornar poderoso, dominador, pessoa importante — e isso só pode realizar-se por meio da ambição. O pensamento criou essa imagem, mediante a observação do homem poderoso, e aspira ao prazer de possuir uma suntuosa residência, de ver seu retrato nos jornais, etc. etc.

Pode uma pessoa viver neste mundo, sem ambição, sem a imagem de prazer criada pelo pensamento? Pode uma pessoa funcionar tecnològicamente, exteriormente, livre do veneno da ambição? Isso é possível, mas só quando compreendemos a origem do pensar e percebemos realmente, como fato, a irrealidade da separação entre o observador e o objeto observado. Daí podemos partir, porque a virtude tem então um significado inteiramente diferente. Não é a virtude moral de uma sociedade feia e corrupta, porém a virtude que é *ordem*. A virtude, tal como a humildade, não é uma coisa cultivável pelo pensamento. O pensamento não é virtuoso; é burguês, vulgar, e nenhuma possibilidade tem de compreender o amor, ou a virtude, ou a humildade.

INTERROGANTE: Tivemos uma reação ao emprêgo que fizestes da palavra "burguês". Para nós, esta palavra é o contrário de "antiburguês". Para os comunistas, o "burguês" é o protótipo do homem que está do lado errado, enquanto "nós" estamos do lado certo. Tal reação constitui um exemplo de que não estivemos *escutando* verdadeiramente o significado das palavras, porém apenas as próprias palavras. Isso realça a necessidade de escutarmos com todo o nosso ser o que dizeis.

KRISHNAMURTI: Consideremos juntos esta questão.

INTERROGANTE: Não concebo porque o pensamento só poderá resolver minha confusão se houver uma transformação radical.

KRISHNAMURTI: É muito fácil dizer-se: "Ora, é evidente que o pensamento não resolve o problema". É muito fácil dizê-lo; mas, o pensamento o resolve deveras? Eis porque tanto importa perceber o que entendemos por "compreensão", o que queremos dizer com "ver uma coisa muito claramente". Porque, se vemos uma coisa com tôda a clareza, ela está acabada! Mas é necessário o máximo cuidado para não enganarmos a nós mesmos. Não vos estais enganando, quando vos vêdes à beira de um precipício. Nesse caso, compreendeis o enorme perigo a que estais exposto, e agis; há ação. Sem ação, não há compreensão. Se compreendeis ou percebeis uma coisa muito claramente, essa própria clareza é ação. Não vêdes primeiro, para depois agirdes. Se primeiro vêdes, e depois agis, o que de fato acontece é que vêdes a idéa, compreendeis a idéia e, em seguida, agis de acôrdo com essa idéia.

INTERROGANTE: Sim, mas se estou cônscia de que não posso atuar por meio do pensamento, ou vejo minha reação a uma certa coisa e estou cônscia de que, mesmo vendo-a, creio...

KRISHNAMURTI: Isto é questão de crença, minha senhora? Não é.

INTERROGANTE: Não, mas, mesmo se sinto que reajo de uma certa maneira, percebo que não posso reagir de outra maneira, e isso não altera nada.

KRISHNAMURTI: Exatamente!

INTERROGANTE: Mesmo crendo naquilo, mesmo sentindo-o, sinto-me incapaz (de mudança). Talvez eu não o veja com suficiente clareza. Todavia, isso não parece operar nenhuma mudança imediata.

KRISHNAMURTI: Vêde, o nacionalismo é um veneno. Podeis discordar, mas para mim êle o é! Vejo o que o nacionalismo tem feito por êste mundo. Separou os entes humanos e causou guerras. Uma das razões da guerra é o nacionalismo, e

êste é um veneno. Isso é bem sabido. Se dividimos a humanidade em franceses, russos, americanos, indianos, etc., essa divisão produz conflito e é um veneno. Vós o vêdes e compreendeis; mas, em vosso íntimo, em virtude de vosso condicionamento, continuais a ser francês, inglês, etc. No momento em que se percebe e compreende que o nacionalismo é um veneno, êle cai por si.

INTERROGANTE: Cai, porém volta mais tarde.

KRISHNAMURTI: Procedemos assim, diante de um precipício? Estamos cônscios do precipício, e dêle não nos aproximamos. Só quando não vemos claramente o significado do patriotismo, do nacionalismo, etc., é que brincamos com êsses venenos. Quando vemos uma coisa venenosa, uma serpente, um animal feroz, um ônibus que se aproxima a tôda velocidade, não nos pomos em seu caminho; afastamo-nos. Mas, nós *não vemos;* e não vemos porque temos mêdo de ter de mudar. O que nos impede de ver é êsse mêdo, consciente ou inconsciente, de perdermos as coisas que julgamos ter real valor e dar-nos segurança. Enquanto existir êsse mêdo, podemos ficar falando sôbre ver e compreender e como agir, etc., mas nunca haverá possibilidade de ação imediata, isto é, mudança instantânea.

INTERROGANTE: Como se pode ver instantâneamente?

KRISHNAMURTI: Como vêdes o perigo de um precipício?

INTERROGANTE: Não é meu pensamento que o vê.

KRISHNAMURTI: Não, minha senhora. O que foi que vo-lo mostrou? Escutai; isto é muito importante. Considerai-o bem, por favor. O que foi que vos mostrou que o precipício, a cobra, o ônibus em disparada, é perigoso? Foram os jornais? Os líderes políticos? Vossos sacerdotes? Quem vo-lo mostrou?

INTERROGANTE: O instinto.

KRISHNAMURTI: Que é instinto?

INTERROGANTE: A realidade.

KRISHNAMURTI: Minha senhora, não traduzais "instinto" por "realidade". O instinto é essa coisa que foi muito zelosamente nutrida através dos séculos pelo pensamento. Vêdes um amigo morrer atropelado por um ônibus, e exclamais: "Meu

Deus, como é perigoso um ônibus!" Já deveis ter tido a sensação que se experimenta à beira de um precipício e sabeis quanto isso é perigoso. Quando vos encontrais com um tigre, não no Jardim Zoológico de Paris, porém na Índia, sabeis do extremo perigo que oferece um dêsses animais. Porque não conheceis dessa mesma maneira o nacionalismo? Tomo-o para exemplo, porque é também venenoso. Porque venenoso? Porque tem causado guerras sôbre guerras. Uma das causas da guerra é o nacionalismo. A guerra é mortífera! Têm-se matado entes humanos, vossos semelhantes, vossos amigos, vossa gente, vossos parentes, e no entanto continuais aferrado a êle. Porquê?

INTERROGANTE: Ensinaram-me que êle é necessário.

KRISHNAMURTI: Ensinaram-vos! Quer dizer, estais sendo influenciados pela propaganda. Vós o aceitais, porque pertencer a uma nação proporciona grande prazer.

INTERROGANTE: Não necessàriamente.

KRISHNAMURTI: Claro que "não necessàriamente". Nada é "necessàriamente".

INTERROGANTE: O que dizeis sôbre o nacionalismo só tem significação para os países que não estão sendo ameaçados por inimigos. Como pode uma nação como a Índia, exposta a tão grande perigo, por parte dos chineses, do comunismo...

KRISHNAMURTI: Aí está a explicação: Um indiano a falar sôbre a Índia! Os franceses e alemães sempre falaram sôbre seus países. Essas coisas se falam há dez mil anos e os povos vivem a defender-se uns dos outros. Històricamente, êsse estado de coisas continuará, porque assim fomos criados, condicionados. Todos o aceitam, amam suas bandeiras, etc., e estão prontos a matar ou a ser mortos. Mas, não estamos aqui falando sôbre a Índia, nem a França, nem a Rússia, porém sôbre os *entes humanos* — aquêles que são verdadeiramente sérios e se vêem em presença dêsses problemas.

INTERROGANTE: Quando, como tendes explicado, olhamos sem pensamento, sem idéias preconcebidas, porém com uma mente fresca, suponhamos que procedamos dessa mesma maneira, em nossos contatos com os entes humanos...

KRISHNAMURTI: Não é caso para "suponhamos", minha senhora. Não há nada para supor.

INTERROGANTE: Vós podeis ter alcançado êsse estado mental, êsse "estado de ser", de consciência, de vigor e vigilância, mas — e os outros?

KRISHNAMURTI: Diz essa senhora que uma pessoa pode ser livre, ser capaz de observar sem nenhuma imagem, mas pergunta que será daquele que conserva sua imagem de mim e através dela me olha e comigo está em relação. Eu livrei-me de minha imagem relativa à Índia, à América, livrei-me de tôdas as imagens, e um outro não o fêz; minha mulher não o fêz. Qual é minha relação com ela?

Que são minhas relações? De fato, elas são como disse aquêle senhor. A Índia é atacada; tenho de defendê-la. Minha mulher diz-me: "Você já não me ama!". Não, senhores, não riais! Tende a bondade de prestar atenção! Que devo fazer? Restabelecer minha imagem, porque preciso ajustar-me à sociedade, senão posso perder meu emprêgo, tornar-me malquisto?

INTERROGANTE: A atenção resulta do pensamento ou da energia?

KRISHNAMURTI: Pensamento e energia são a mesma coisa. A energia é uma só, mas a empregamos na direção errada, e quando dela se faz uso errôneo, daí se originam todos os males. É possível têrmos, não várias energias, porém aquela *energia total*, que não é resultado de resistência, de conflito, etc.?

19 de maio de 1966.

PARIS — III

A Ação Fragmentária

ESTIVEMOS FALANDO outro dia sôbre a necessidade de uma transformação radical, não numa data futura, porém neste mesmo instante. Consideramos o fato de que o pensamento, de diferentes maneiras, grosseiras e sutis, criou a estrutura psicológica em que se vêem presos os entes humanos, tanto exterior como interiormente. O pensamento criou esta confusão, estas misérias, êste conflito e, portanto, não pode, de modo nenhum e em nenhuma circunstância, criar uma estrutura diferente. porquanto o pensamento será sempre o mesmo. Estivemos também considerando as origens do pensar. Talvez possamos, hoje, examinar êste ponto um pouco mais profundamente.

O problema é êste: Qual a ação ou inação que realizará a mutação radical? Pelo que respeita à maioria de nós, a ação é sempre fragmentária: atuamos como cientistas, comerciantes, escritores, chefes de família, como reformadores sociais, políticos, e de tantas outras maneiras diferentes. Atuamos conforme nosso condicionamento; se estamos condicionados como hinduístas, cristãos, muçulmanos, comunistas, etc., nossa maneira de ver as coisas e nossas atividades, embora modificadas pelas tendências e temperamento de cada um, serão sempre pautadas pelo nosso fundo original de condicionamento. Êsse fundo não é diferente de *mim,* nem de *vós;* nós o somos. Somos o resultado de nosso condicionamento. Somos entidades condicionadas e funcionamos e atuamos dentro dessa limitada esfera. Isso me parece bastante óbvio, desde que prestemos um pouco de atenção. Esperamos operar, dentro em nós mesmos, a mudança que percebemos ser necessária, pela ação do pensamento,

ação que só se verifica sob a pressão da necessidade ou de uma exigência. Tal ação será sempre impulsionada por um *motivo*. Funcionamos dentro da esfera fragmentária em que vivemos. A meu ver, a nossa vida *é* ação. Não é "ação *e* vida". Não são duas coisas separadas. Entretanto, atuamos, vivemos, existimos, tudo fazemos aos pedaços. Dentro dêsse campo fragmentário, procuramos, pela ação da vontade, que é determinação, desejo e compulsão, operar a transformação.

Vêde, por favor, que estamos palestrando sem formalidades, estamos conversando sôbre os problemas que se apresentam a cada um de nós, não só nossos problemas externos, mas também os profundos problemas psicológicos, conscientes e inconscientes, que cada um de nós tem e em cujas rêdes estamos a debater-nos. Não estais escutando o orador com o fim de descobrirdes quais são os vossos problemas, porque, se quereis ser *informados* de vossos problemas, ficareis totalmente inconscientes dêles. Estais dependendo de outrem, querendo que outrem vos mostre quais são os vossos problemas; por conseguinte, o que se descobre é superficial, baseado na autoridade, desnecessário. Mas se, ao contrário, sois capaz de perceber, inteligentemente, os vossos problemas, tanto conscientes como inconscientes, então o vosso problema se torna extremamente agudo; não admite adiamento. Não podeis fugir dêle; êle está à vossa frente. Podeis tentar disfarçá-lo, evitá-lo, racionalizá-lo, procurar um analista ou um confessor, fazer inúmeras coisas para resolvê-lo; mas, tudo isso é ação — não só a ação que criou o problema, mas também as atividades a que vos entregais a fim de evitar o problema. O esfôrço intelectual que visa a racionalizar o problema ou a encontrar solução para êle, é também uma atividade. Ou, se dizeis a vós mesmo: "Preciso compreendê-lo; qual a solução, a saída?". Isso também é ação — emocional, intelectual, ou puramente nervosa. Condicionados, que estais, reagis ou atuais de acôrdo com a reação fragmentária dêsse total condicionamento.

O problema é êste: Sei que estou condicionado como hinduísta, ou o que quer que seja. Percebo que êsse condicionamento tem raízes profundas e que tôda ação de minha parte é uma reação a êsse condicionamento. Percebo também a imensa

importância de uma mudança completa da consciência, da maneira de pensar ou de não pensar, de uma revolução total em minhas relações com o mundo, com os outros entes humanos. Tenho a respeito de mim mesmo uma certa imagem — como cada um tem a sua — e essa imagem foi esmeradamente formada e nutrida pelo pensamento, pelas influências, pela experiência, pelo conhecimento. Estou igualmente cônscio de que tôda reação dessa imagem será invariàvelmente fragmentária e, por conseguinte, tôda ação de minha parte será sempre limitada e estará em contradição com qualquer ação de outra espécie. Consideraremos êste ponto, se o desejardes, quando eu acabar de falar.

Digo, de mim para mim: "Que devo fazer?". Deve haver alguma ação capaz de quebrar êste condicionamento, esta reação da imagem que o pensamento formou. É óbvio que qualquer crença em Deus, num dogma — comunista, socialista ou religioso — nenhum valor tem, porque estamos muito mais amadurecidos e já deixamos tudo isso para trás. Depois de perguntar se posso fazer alguma coisa, e de perceber que tôda ação — *tôda ação* — é reação de meu condicionamento, de "minha imagem", i.e., da imagem que tenho de mim mesmo, e que isso nunca me libertará do conflito e da aflição, que me cabe fazer? Tenho de descobrir se existe uma ação que não seja reação de "minha" imagem ou de meu condicionamento.

Até onde posso perceber, tôdas as minhas ações provêm da esfera do conhecido. Quando digo: "Serei alguma coisa no futuro, amanhã", êsse "alguma coisa" já é conhecido; o pensamento projetou o que amanhã serei. Todo desejo, motivação, ânsia de mudança está sempre dentro da esfera do conhecido; portanto, enquanto eu estiver funcionando dessa maneira, nenhuma mudança haverá. Estou explicando claramente êste ponto? "Clareza" significa perceber o problema, e *não* compreender verbalmente o que um orador está dizendo. Para poder ver claramente uma coisa, preciso de luz. O problema deve estar perfeitamente claro, não só verbal, intelectual, emocionalmente, mas também a todos os outros respeitos. A clareza não é uma coisa que se alcança com esfôrço. Quando o problema se torna agudo e não se encontra a solução pela maneira habitual, ou

seja por meio do pensamento, há então clareza. Percebo que tôda ação de minha parte — quer a ação de amanhã, quer a de hoje, quer a do momento imediato — se verifica na esfera do conhecido. Está sempre dentro dessa esfera; e tôda e qualquer ação que aí se verifique não pode promover revolução radical. O nôvo não pode "acontecer" na esfera do conhecido. Estou vendo isso muito claramente. A ação nunca produzirá mudança; só a inação a produzirá.

Já experimentamos tôdas as possibilidades do pensamento, para efetuar a mudança da mente, da própria consciência. É assim que em geral procedemos, se estamos vigilantes, por pouco que seja: praticamos a disciplina, o contrôle, a subjugação, seguimos alguém, cremos em alguma coisa, temos fé num sacerdote, num deus, num govêrno tirânico ou numa ideologia. Todos êsses meios já tentamos, e chamamos "ação positiva" a êsse esfôrço que fazemos para acabar com nossa aflição, nossa confusão e ansiedade. Depois de tentarmos todos êsses meios, vemo-nos, invariàvelmente, no mesmo lugar em que estávamos no comêço. Foi, tudo, puro desperdício de tempo. Ao percebermos que qualquer ação que se verifique no campo do conhecido não pode, de modo nenhum, efetuar a transformação *na* consciência ou *da* consciência, resta então uma única alternativa: a total inação. Não significa isso que nos tornemos inertes, deixemos de viver normalmente, nos entreguemos a algum sonho quimérico, etc. Pelo contrário, requer-se uma atenção extraordinária para se perceber a inanidade da ação na esfera do conhecido. Quando a mente a percebe com tôda a clareza, verifica-se então uma ação de espécie diferente, i.e., a *total inação*, em lugar da "ação positiva" que consiste em fazer alguma coisa dentro da esfera do conhecido.

Considere-se, por exemplo, a questão do mêdo. A maioria das pessoas tem mêdo, tanto física como interiormente. O mêdo só existe em relação com alguma coisa. Tenho mêdo à doença, à dor física. Já as provei e temo-as. Tenho mêdo da opinião pública. Mêdo de perder meu emprêgo. Mêdo de não alcançar meus alvos, de não preencher-me. Tenho mêdo do escuro, de minha própria estupidez, minha própria pequenez. Temos numerosos e diferentes temores, os quais procuramos resolver

fragmentàriamente. Não parecemos capazes de ultrapassar êsse estado. Quando pensamos ter compreendido e dissolvido um dado temor, logo surge outro. Ao percebermos o nosso mêdo, tratamos de fugir dêle, de encontrar uma solução, de descobrir o que cumpre fazer ou uma maneira de recalcá-lo.

Como entes humanos, elaboramos muito engenhosamente uma verdadeira rêde de vias de fuga: Deus, divertimentos, bebida, sexo, qualquer coisa. Tôdas as fugas são iguais, não importa se para Deus ou para a bebida! Para vivermos como entes humanos, temos de resolver o problema. Se vivemos com mêdo, consciente ou inconscientemente, isso é o mesmo que viver no escuro, num terrível conflito interior, num terrível esfôrço de resistência. Quanto mais forte o mêdo, tanto mais forte a tensão, a neurose, a ânsia de fugir. Se não fugimos, perguntamos então a nós mesmos: "Como dissolver êste mêdo?". Procuramos meios e modos de dissolvê-lo, porém sempre na esfera do conhecido. Fazemos alguma coisa em relação a êle, e essa ação gerada pelo pensamento se verifica na esfera da experiência, do conhecimento, do conhecido e, por conseguinte, não há solução. É assim que procedemos, e o mêdo nos acompanha até à morte. Com êle atravessamos tôda a vida, e com êle morremos. Ora, pode um ente humano erradicar o mêdo, total e completamente? Pode-se fazer alguma coisa, ou *nada* se pode fazer? Êsse "nada fazer" não significa que devemos aceitar o mêdo, racionalizá-lo e ficar vivendo com êle; não é esta a *inação* de que estamos falando.

Já fizemos tudo o que era possível fazer em relação ao mêdo. Analisamo-lo, examinamo-lo profundamente, tentamos enfrentá-lo, entrar em direto contato com êle, oferecemos-lhe resistência, tudo fizemos e, contudo, o mêdo persiste. Temos possibilidade de ficar cônscios dêle *totalmente*, não apenas intelectualmente ou emocionalmente, porém completamente cônscios, e ao mesmo tempo não agir, não fazer nada em relação a êle? Temos de entrar em contato com o mêdo, mas não o fazemos. Foi a palavra "mêdo" que criou o mêdo que sentimos. A própria palavra nos está impedindo o contato com o fato.

A palavra "amor" é uma palavra carregada de tradição, de experiência humana, de explicações verbais sôbre o que o amor

deve ser e o que não deve ser, sua divisão em amor divino, amor profano, etc. Para a verdadeira compreensão do amor, a palavra é sem importância, uma vez que não dá significado ao sentimento. Do mesmo modo, a palavra "mêdo" gera mêdo, sendo a palavra pensamento. Assim, para estarmos em contato com a coisa que chamamos mêdo, não deve haver interferência da palavra, que é pensamento. Para estar em íntimo contato com o fato, o observador não pode ser diferente da coisa observada. O mêdo não é diferente de mim; *eu* sou o mêdo. Quando disso me torno cônscio, há a *inação total*, que é a ação mais positiva, e ocorre a libertação do mêdo — a total libertação.

Consideremos outra questão. Todos nós, velhos e moços, tememos a morte. Assim, racionalizamo-la, aceitamo-la como coisa inevitável, conformamo-nos com ela, ou esquecemo-la; porém, ela está sempre presente. Ou, ainda, criamos crenças, a fim de fugir ao fato, crença na reencarnação, na ressurreição, etc. O pensamento, a seu turno, teme o fim que a morte lhe dará. Não só o organismo, mas tôda a estrutura psicológica criada pelo pensamento está fadada a acabar não preenchida e a desejar mais alguns anos de vida para fazer isto ou aquilo, para corrigir *o que foi* e transformá-lo no que "deveria ser".

Consciente e inconscientemente sabemos que a morte significa a cessação do pensamento, ou disso que *pensamos* ser "pensamento"; a cessação do EU, embora êste esteja sempre a inventar estruturas de esperança. Morremos por doença, velhice, acidente, ou deliberadamente pomos fim à nossa vida, vendo que é tão fútil e tediosa, com sua insuportável rotina. Não vemos, na vida, nenhum significado, nenhuma finalidade. Com efeito, se o observamos bem, mal podemos descobrir em nosso viver alguma significação. Seguimos vivendo, dia por dia, com nossa rotina, nosso tédio, a repetição de nossos prazeres e dores e tudo o mais que constitui a nossa existência sem sensibilidade e sem significação. Ao percebermos isso, procuramos dar significado à vida: *inventamos* uma significação: Deus, atividades nobilitantes, preenchimento, escrever livros, fazer isto e mais aquilo — a atividade incessante dêsse macaco que é o EU.

Temos mêdo de morrer. Para pormos fim ao mêdo da morte, temos de entrar em contato com a morte, não com a imagem que o pensamento criou a respeito da morte, porém devemos *sentir* realmente aquêle estado. De outro modo, não tem fim o mêdo, porque a palavra "morte" gera mêdo e não gostamos de pronunciá-la. Podemos, como entes equilibrados, normais, capazes de raciocinar claramente, de pensar e observar objetivamente, entrar *totalmente* em contato com o fato? O organismo, pelo constante desgaste, ou por doença, terá de, afinal, morrer. Se somos pessoas equilibradas, desejamos descobrir o que significa a morte. Não é êsse um desejo mórbido, porquanto é bem possível que, pelo morrer, compreendamos o viver. Nosso viver atual é tortura, infinita agitação, contradição e, por conseguinte, conflito, aflição e confusão. Ir todos os dias para o trabalho, a repetição de prazeres e concomitantes dores, o tatear, as incertezas — isso é o que chamamos "viver". Já nos habituamos a essa espécie de vida. Aceitamo-la, com ela envelhecemos e morremos.

Para descobrir o que é viver, e também descobrir o que é morrer, precisamos entrar em contato com a morte, isto é, temos de *finalizar*, todos os dias, tudo o que conhecemos. Temos de destruir a imagem que formamos a respeito de nós mesmos, de nossa família, de nossos conhecidos, a imagem que formamos por meio do prazer, por meio de nossas relações com a sociedade; temos de destruir *tudo*. É isso o que de fato vai suceder quando a morte chegar. Saberemos então o que significa morrer e, também, o que significa viver, porque morreremos então para tôdas as aflições, todos os conflitos, tôdas as lutas. Só no morrer há uma coisa nova. Nunca haverá nada nôvo enquanto o tempo existir. O nôvo só pode vir quando o tempo finda, o tempo, que é duração. O tempo, tal como o conhecemos, é ontem, hoje e amanhã. Nessa corrente do tempo estamos a debater-nos, tentando, dentro dela, resolver os nossos problemas.

O problema só poderá ser resolvido quando o tempo terminar — o tempo como ontem, hoje e amanhã. Temos de morrer para a memória, para as ofensas, para tôdas as imagens que formamos com o pensamento — imagens relativas a nós mes-

mos, aos outros, ou ao mundo. Entra-se então em direto contato com a realidade, a qual tanto é o viver como o morrer e na qual não existe mêdo nenhum. Essa realidade só pode verificar-se na *total inação* — na inação em que o pensamento, tendo compreendido o lugar que lhe compete, nenhuma existência tem numa diferente dimensão.

INTERROGANTE: Se o capim não quiser mais nascer, não haverá mais capim. Onde ficará êle?

KRISHNAMURTI: Onde ficará o capim, se não "quiser" mais nascer? O capim pode "não querer" nascer? Que sabeis a êsse respeito? Já ouvistes o capim "dizer" que não "quer" mais nascer? Por favor, não proponhais símiles, quando se está tratando de fatos.

INTERROGANTE: Mas eu desejo pôr fim a...

KRISHNAMURTI: Ah, desejais! Não compreendestes esta palestra, minha senhora; se dizeis "Desejo pôr fim" — quem é êsse VÓS que deseja "pôr fim"? Com efeito, não compreendestes o que se estêve dizendo. Estamos examinando uma coisa que exige vossa atenção, e não vossa concordância ou discordância. Estamos olhando a vida com o máximo de rigor, objetividade, clareza, e não em conformidade com vossos sentimentos, vossas fantasias, vosso gostar ou não gostar. Foi o nosso gostar e não gostar que gerou tôda a aflição em que nos vemos. O que estamos dizendo é só isto: Como se *põe fim* ao mêdo? Êste é um dos nossos grandes problemas, porque, se um ente humano não puder liquidá-lo, viverá eternamente na escuridão; "eternamente", não no sentido cristão, porém no sentido comum da palavra; uma só vida é suficiente. Para mim, como ente humano, há de haver alguma saída, sem a necessidade de se criar uma esperança de vida futura. Posso, como ente humano, acabar com o mêdo, *totalmente*, e não aos pedacinhos? Provàvelmente, nunca fizestes a vós mesmos esta pergunta, e provàvelmente não a fizestes porque não sabeis achar-lhe a resposta. Mas, se fizerdes tal pergunta com o máximo de seriedade, não com a intenção de descobrir como pôr fim ao problema, porém, sim, com a intenção de descobrir a natureza e a estrutura do mêdo, no momento em que a descobrirdes, o mêdo terminará por si; nada tereis de fazer.

INTERROGANTE: Se um homem tem mêdo, vive na escuridão total, porém, como dissestes, tôda a fôrça motora existente no campo do conhecido nasce do mêdo. Se trabalho porque tenho mêdo de padecer fome, estou lutando contra tôdas as tensões existentes na esfera do conhecido, as quais nascem do mêdo e, se não houvesse mêdo, não haveria nenhuma ação na esfera do conhecido.

KRISHNAMURTI: Sim senhor. Quereis dizer que, no momento em que sabemos que, na esfera do conhecido, tôdas as ações são resultado do mêdo, não podemos ganhar o nosso sustento?

INTERROGANTE: Não; o que quero dizer é que, na esfera do conhecido, tôda ação decorre do sentimento de mêdo.

KRISHNAMURTI: E daí, senhor? Qual é a questão?

INTERROGANTE: Se tentarmos livrar-nos do mêdo, se tentarmos viver sem mêdo, não haverá mais ação na esfera do conhecido.

KRISHNAMURTI: Foi o que eu disse.

INTERROGANTE: Sim; e o que então acontece é...

KRISHNAMURTI: Um momento, senhor, um momento! Não sabeis o que então acontece. Cuidado, senhor; não especuleis. Não estamos empenhados em um debate especulativo, em uma discussão estudantil, sem madureza, ou numa controvérsia teológica. "Que acontece então *se*...". Tal especulação é fútil, sem significação. Tôdas as pessoas religiosas têm especulado; todos os teólogos e todos os comunistas especulam, mas o fato subsiste: Temos mêdo! O fato é que funcionamos na esfera do conhecido, o que está sempre a gerar mêdo. Ora, pode o mêdo ter fim? Foi isso o que perguntamos, e não "Que acontece depois?". Isso se descobrirá.

INTERROGANTE: Mas, se não há mêdo, não há viver, senhor.

KRISHNAMURTI: Oh, isso é uma coisa muito diferente, senhor! Dizeis que, se não há mêdo, não ha *motivo*(1) para vivermos. Se não há mêdo, não há amor. Naturalmente.(2)

(1) *Motivo*: no sentido de "fôrça interior que impele o indivíduo à ação". (Cf. Dicionário "Webster: *motive*).
(2) Quer dizer, do ponto de vista do interrogante. — N. do T.

INTERROGANTE: O que nos inspira mais mêdo é a morte e, por conseguinte, visto que o mêdo dá significação à vida, a significação máxima da vida é a morte.

KRISHNAMURTI: Estais, pois, dizendo, meu senhor, que não há vida sem mêdo; se não temos mêdo, não podemos ganhar nosso sustento; se não temos mêdo, não há amor. Se não há mêdo, cessa tôda a existência. É o que diz a maioria das pessoas. Quando dizem "Amo-te", nesse amor há ciúme, há raiva; nesse amor há ambição, êxito, dominação. Todos conhecemos êsse amor. Por certo, isto não é amor. Para se descobrir o que é o amor, têm de desaparecer definitivamente o desejo de domínio, o mêdo, o ciúme, a inveja, a ambição; tudo isso tem de acabar. Descobrireis então "o que acontece"; mas a êsse respeito não se pode especular. Não se pode dizer: "Se não sinto cólera, não estou vivo; se não tenho mêdo, não trabalho". Se é o mêdo que vos impele a trabalhar, não podeis executar com proficiência o vosso trabalho e, portanto, não podeis amá-lo. Por causa dessa falta de amor, nascem todos os outros desejos de diversão e fuga.

INTERROGANTE: É o mêdo, como fôrça motora, que nos impele ao trabalho, nos faz "ir para o escritório".

KRISHNAMURTI: De fato, senhor? Vós o dizeis. É a fôrça do *motivo* que nos faz ir para o trabalho? É a fôrça motora do mêdo que impele um indivíduo a exercer seu emprêgo?

INTERROGANTE: Mas há ainda outra coisa, senhor: a esperança.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor.

INTERROGANTE: A fôrça primária é o mêdo, e a fôrça secundária, a esperança. A fôrça primária é o mêdo que tenho de padecer fome, de não poder vestir-me, se não trabalhar. A fôrça secundária é a esperança de, com meu trabalho, realizar alguma coisa. E a morte me parece ser o nosso mêdo máximo, na vida. O mêdo dá significação à vida; proporciona-nos uma certa esperança, para após a morte — como já o dissestes, falando de ressurreição e coisas semelhantes — e, em segundo lugar, dá alguma beleza à vida. Por conseguinte, tôdas as ações que se desenvolvem na esfera do conhecido resultam primària-

mente do mêdo, e secundàriamente da esperança. Posso afirmar isso, senhor?

KRISHNAMURTI: Vós o estais afirmando; mas — e daí? Isto é, pode uma pessoa viver eternamente com mêdo? Que sentido tem isso? Não precisamos dissolvê-lo?

INTERROGANTE: O sentido da vida é o morrer.

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Muita gente já tem dito e realizado isso. Muitos homens inteligentes têm escrito a êsse respeito, dito que a vida é sem sentido e que, portanto, temos de dar-lhe um sentido; que a morte é sem sentido e que, portanto, devemos dar-lhe sentido. É o que o homem vem fazendo há séculos, senhor. O que dizemos é exatamente o contrário disso, isto é, que nunca se achará a plenitude, a profundeza da vida, enquanto houver mêdo, e que para pormos fim ao mêdo temos também de compreender a morte.

INTERROGANTE: Como pode alguém se pôr voluntàriamente em contato com o "estado de morte"?

KRISHNAMURTI: Não podeis por-vos em contato com a morte. Vossa pergunta não está corretamente formulada. Vêde, vós temeis a morte e, enquanto tiverdes mêdo de qualquer coisa, não tereis contato com ela.

INTERROGANTE: Sim; mas, uma vez estabelecido o contato, o mêdo desaparecerá.

KRISHNAMURTI: Um momento, minha senhora; não especuleis!

INTERROGANTE: Não estou especulando; falo com base na experiência.

KRISHNAMURTI: Um momento, um momento! Se não há mêdo à morte, se não tenho mêdo de minha mulher ou de meu marido, de meu vizinho, do govêrno, há então contato. Sei então que não estou em contato com a imagem, porém *realmente* em contato. Tem a mente alguma possibilidade de libertar-se totalmente do mêdo — *totalmente,* e não parcialmente? Isso exige extraordinária compreensão, meditação; não é só dizer-se: "Ora, já tive experiências de momentos livres de mêdo". Posso compreender essa singular estrutura do mêdo? Pode todo o meu

ser, consciente e inconsciente, tomar conhecimento dela? Não cabe nem a vós nem a mim dizer como isso se faz. Vêde a enorme complexidade desta questão. Notai como a palavra impede o real contato com o mêdo, como a imagem que criastes em relação à morte, a vossa espôsa, vosso marido, vosso govêrno, vos impede de entrar em contato com o fato — vossa mulher, o govêrno, o que outrem diz, etc. Podeis, consciente ou inconscientemente, perceber o processo total?

INTERROGANTE: Para um indivíduo compreender o seu mêdo tem, em primeiro lugar, de analisá-lo, não?

KRISHNAMURTI: Tem de enfrentar o mêdo?

INTERROGANTE: Enfrentar a sua causa.

KRISHNAMURTI: Ora, um momento! Diz essa senhora: "Para compreender o mêdo, temos de entrar em contato com êle; e para entrar em contato com o mêdo, temos de perceber a sua causa". Esperai um pouco! Escutai até o fim. Como se pode conhecer a causa do mêdo? Por meio de análise? De exame? E, descoberta a causa, o mêdo termina? Em geral, isso não acontece. Sei que temo a morte e sei porque a temo.

INTERROGANTE: Acho que, se enfrento êsse mêdo, êle termina.

KRISHNAMURTI: Estamos chegando a êsse ponto, senhora. A compreensão da causa do mêdo não põe fim ao mêdo. Há contato com o mêdo? Esta é também uma questão extremamente complexa. Considerai-a um pouco; dispensai-lhe tempo. Há mêdo, e digo que preciso procurar-lhe a causa, para examiná-la. analisá-la. O tempo vai passando; pois necessita-se de tempo para examinar, investigar. Nesse intervalo de tempo surgem outros fatôres. Minha senhora, se compreenderdes realmente esta questão, tereis provàvelmnte a resposta a tôdas as vossas perguntas.

Consideremos uma coisa específica: Os entes humanos são violentos e se têm servido do ideal da "não-violência" para se livrar de sua violência. Inventaram essa coisa extravagante chamada "não-violência" — continuando entretanto violentos. Uma invenção insensata, própria de neuróticos. Dir-vos-ei porquê. Sou violento e tenho uma idéia de que devo ser "não-violento".

Há um intervalo entre o que sou — violento — e o que deveria ser. Êste intervalo é o tempo: gradualmente alcançarei a não-violência. Entretanto, no ínterim, continuo violento e a semear os germes da violência. Estou sempre a semear os germes dêsse veneno que é a violência. Para se pôr fim à violência, é desnecessário o ideal da "não-violência". O que preciso fazer é, tão-só, encarar a violência, dizer que sou violento, e não ficar esperando alcançar a "não-violência" e dêsse modo desperdiçando energia. Pois bem; agora, eu sou violento. Eu conheço e cada um conhece a profundidade da própria violência. Ora, posso compreender a violência? Para compreendê-la, tenho primeiramente de compreender sua natureza, o que significa ser violento. A cólera, o autopreenchimento, a ambição, o desejo de êxitos, a competição, enfim tôda a estrutura psicológica humana — tudo isso está baseado na violência, com ocasionais clarões de bondade e brandura.

É necessário o tempo para destruirmos essa estrutura? Isto é, como posso pôr fim ao tempo? Quais as causas que o produziram e que me impedem de estar totalmente cônscio do fato? Quando estou totalmente cônscio do fato, o tempo não interfere de modo nenhum. Para se pôr fim ao mêdo, é totalmente desnecessário investigar a sua causa. Conhecemos instantâneamente a causa do mêdo — a menos que sejamos neuróticos. Quando a conhecemos, e com ela entramos em contato direto, o observador é a coisa observada. Não há diferença entre o observador e a coisa observada. Quando se observa o mêdo sem o "observador", há *ação,* que não é ação *sôbre* o mêdo, por parte do observador.

INTERROGANTE: Na vida profissional, somos forçados a atuar de uma maneira que, conforme dizeis, nos torna inativos. Entretanto, se atuamos da maneira como dizeis que devemos atuar, tornamo-nos incapazes de funcionar em nossa vida profissional.

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Diz êsse senhor que, na vida profissional, a ação está sempre na esfera do conhecido. Naturalmente! Assim tem de ser! De contrário, um indivíduo não

poderia atuar como médico, cientista, ou outro profissional. Isto é simples. Mas, quando a ação dessa esfera invade a esfera psicológica, nesse caso nenhum problema pode ser resolvido. Senhor, um técnico pode escrever um livro sôbre sua especialidade, sem que a psique se utilize de sua tecnologia e saber para seus próprios fins, e tornar-se conhecido como um técnico competente. Mas, se consciente ou inconscientemente, êle diz: "Estou escrevendo êste livro para tornar-me importante, ter posição, prestígio" — sua ação, nesse caso, se torna um veneno, porque então êle já não é o autor de um livro, porém um homem ambicioso de fama. Isto é muito simples, uma vez compreendido.

22 de maio de 1963.

PARIS — IV

Que Buscamos Nós?

Seria útil percebermos o que é que estamos buscando e porque estamos buscando. Que é isso que todos desejamos alcançar? Que significa essa atividade? Que coisa é essa que tão profundamente ansiamos — pedindo, buscando, exigindo? Se pudermos perceber o que estamos buscando e por que razão estamos buscando, talvez então possamos penetrar nesta questão da busca. O homem, evidentemente, sempre buscou uma certa coisa fora de si próprio, além de sua diária rotina de tédio, desespêro, ansiedade; uma certa coisa que lhe proporcione plena satisfação e dê significado à sua vida aflita, caótica, superficial. Procuramos alguma coisa fora de nós, porque vivemos uma vida superficial, muito pouco expressiva, mecâniia, rotineira. Aspiramos a uma certa coisa misteriosa, de natureza diferente. Estamos perenemente a buscar, seja através dos livros, seja seguindo alguém, criando ideologias, crenças, dogmas, sempre na esperança de alcançar, realizar, ganhar alguma coisa não construída pelo pensamento, alguma coisa de profunda significação na vida. Porque, em nós mesmos, somos superficiais, vazios, insuficientes, estendemos a mão, estendemos a mente para além dos limites do nosso pensar, ou tratamos de fugir a esta vasta e profunda solidão, dêste estado de isolamento. Queremos fugir de nós mesmos, porque vemos como somos pequenos e vulgares e nossa vida de mui pouca significação.[1] Sabemos o que somos e, portanto, porque nos preo-

(1) Dêsse ponto em diante até o final do parágrafo, Krishnamurti não está falando por si, porém por outros. — N. do T.

cuparmos com isso? Porque tomarmos uma atitude dramática ou trágica perante a vida? Ela é de qualquer maneira superficial. Vejamos se não teremos possibilidade de fugir dêsse isolamento, dessa atividade egotista, para alguma coisa que transcenda a medida do tempo.

Se penetramos fundo em nós mesmos, vemos que é isso o que somos quase todos nós. Se somos religiosos, pertencentes a uma dada seita, ou se acalentamos uma dada idiossincrasia que nos proporciona uma experiência que sobremodo nos satisfaz, queremos dilatar essa experiência, aprofundá-la, torná-la mais real. A maioria de nós está sempre a buscar, ou porque queremos fugir de nossa diária rotina e tédio, de nossa insuficiência e vazio, de nosso isolamento; ou porque queremos mais alguma coisa, alguma coisa que não possuímos e que dará riqueza, plenitude, suficiência, à nossa vida. Se examinarmos nosso próprio comportamento, nosso próprio pensar, decerto descobriremos que todos nós desejamos alguma coisa. Quanto mais misteriosa essa coisa, quanto mais oferece de místico e de secreto, tanto mais a buscamos. Precisamos de uma certa autoridade que nos guie para aquelas esferas inexploradas, e por isso aceitamos com tanta facilidade a autoridade — que seguimos cegamente ou racionalmente, dando várias explicações do porque a seguimos. Estamos constantemente a buscar, a exigir experiências sempre mais vastas e profundas, porque as experiências que conhecemos são muito pouco significativas. Sabemos que são sensuais, agradáveis, bastante vazias e superficiais e, por conseguinte, escutamos sôfregamente a todo aquêle que nos oferece alguma coisa fora dessa esfera. Estamos prontos a aceitar suas palavras, suas instruções, suas asserções. Sempre a seguir, sempre a dizer "sim" a tudo o que se nos oferece. Não sabemos dizer "não".

Nesta tarde, se me permitirdes, desejo falar sôbre êsse impulso, existente no homem, a buscar alguma coisa fora de si próprio, e sôbre como êle procura identificar-se com essa coisa por meio de variados métodos, sistemas, dogmas, crenças; como recorre a diferentes sistemas de meditação, a fim de aprender, pelo menos verbalmente, aquilo que não pode ser aprendido pelo pensamento. Consideremos juntos esta questão da busca,

do porque buscamos, do porque exigimos uma grande variedade de experiências e, no final, uma experiência que nos sacie a sêde, que ponha fim à nossa aflitiva e superficial existência.

Para penetrarmos realmente nesta questão, precisamos, em primeiro lugar, descobrir o que se entende por *experiência* e porque queremos experiências mais grandiosas. A última novidade em drogas é L.S.D., de que provàvelmente já tendes ouvido falar, mas espero nenhum de vós a tenha tomado. Existe essa ânsia irrefreável de experiências extraordinárias, de alguma coisa que ilumine, alargue, aprofunde a nossa vida, e, por isso, aquela droga está a tornar-se famosa no mundo inteiro. Na Índia antiga já dela se fêz uso, embora com nome diferente. Ela é, por certo, o resultado dessa ânsia por uma vida mais intensa, uma sensibilidade mais apurada, na qual as coisas possam ser vistas diferentemente.

Consideremos juntos essa exigência, essa ânsia por uma certa coisa, uma certa experiência que nos enriqueça os dias, dando-lhes beleza, amor, claridade. Ora, a experiência é sempre reconhecível. Quando experimentamos um prazer, alguma coisa que cremos original, essa experiência é reconhecível. Nós a reconhecemos. Dizemos: "Foi uma experiência maravilhosa; aconteceu isto, aconteceu aquilo". Vimos tudo muito claramente. Foi uma experiência que nos proporcionou extraordinária alegria e vitalidade. Tôda experiência é reconhecível. Se a reconhecemos, isso significa que se trata de coisa conhecida e, por conseguinte, não pode ser uma experiência nova.

Reconheço uma pessoa porque com ela me encontrei o ano passado ou ontem. Reconheço a imagem de ontem. A imagem da pessoa ficou gravada na memória consciente ou inconsciente, e quando me encontro com a pessoa essa memória "reage". De modo idêntico, quando tenho uma experiência, *de qualquer espécie,* trivial ou, como se diz, "sublime" (mas não há, absolutamente, "experiências sublimes", porque tôdas as experiências, das mais rasteiras às mais grandiosas, estão no quadro do pensamento, como memória), quando tenho uma experiência, logo quero reconhecê-la. Minha mente a descreve por meio de palavras, tem sensações a ela relativas, de modo que a experiência é sempre "da imagem para o conhecido" (*from the image to*

the know). De contrário, não posso chamá-la "experiência". É o que acontece quando uma pessoa muito sensível toma uma daquelas drogas que exaltam a sensibilidade. A pessoa vê ou experimenta uma coisa que ela é capaz de reconhecer, porque já instalada em sua mente; de outro modo, não poderia reconhecê-la e nunca a chamaria uma "experiência".

Tende a bondade de investigar o que se está dizendo; não fiqueis a escutar superficialmente, porquanto mais adiante iremos examinar um assunto que exige a compreensão da experiência. Vamos falar a respeito da meditação, uma das coisas mais extraordinárias — quando sabemos o que significa ter uma mente capaz de meditar. Ignorá-lo é ser como um cego, incapaz de ver as côres, como um homem de mente embotada. Se não sabemos o que significa meditar, teremos uma vida muito estreita e limitada, por mais inteligentes e eruditos que sejamos, por melhores que sejam os livros que escrevemos ou os quadros que pintamos. Permanecemos fechados num muito estreito círculo de conhecimento — pois o conhecimento é sempre limitado. Para compreender a questão da meditação, temos de examinar a questão da experiência e também de investigar *porque* buscamos e *o que* estamos buscando.

No fundo, a nossa vida é confusão, desordem, aflição, agonia. Quanto mais sensíveis somos, tanto maior o nosso desespêro e ansiedade, nosso "sentimento de culpa"; e dessa vida desejamos naturalmente fugir, porque nela não encontramos nenhuma solução; não sabemos de que maneira sair de nossa confusão. Desejamos fugir para um outro mundo, uma outra dimensão. Fugimos por meio da música, da arte, da literatura; mas, trata-se sempre de fuga e a coisa para que fugimos é sem realidade, em comparação com aquilo que estamos buscando. Tôdas as fugas são iguais, não importa se fugimos pela porta de uma igreja, em busca de Deus ou de um Salvador, ou pela porta da bebida ou de diferentes drogas. Não só temos de compreender *o que* e *porque* estamos buscando, mas também temos de compreender essa necessidade de experiências profundas e duradouras, porque só a mente que nada busca, que não exige experiências de *nenhuma* forma, poderá ingressar numa esfera

ou dimensão inteiramente nova. É o que vamos fazer nesta tarde; assim o espero.

Nossa vida, em si mesma, é superficial, insuficiente, e desejamos uma outra coisa, uma experiência mais sublime, mais profunda. Também, vivemos num inaudito isolamento. Tôdas as nossas atividades e pensamentos e maneiras de comportar-nos levam-nos a êsse isolamento, a essa solidão a que desejamos fugir. Se não compreendermos êsse isolamento, não intelectual, verbal ou racionalmente, porém entrando diretamente em contato com o que estamos realmente buscando, entrando em contato com o estado de solidão; se não compreendermos e dissolvermos, *completamente, aquêle isolamento,* tôda meditação, tôda busca, tôda atividade espiritual ou religiosa (assim chamada) será inteiramente fútil, porquanto representará uma fuga ao que somos. É o mesmo que uma mente superficial, embotada, mesquinha, pensar em Deus. Se existe essa coisa em que ela pensa, aquela mente e seu Deus permanecerão sempre muito insignificantes.

A questão consiste em saber se é possível à mente que está fortemente condicionada, tôda enredada nas aflições e conflitos da vida de cada dia, se é possível a essa mente manter-se desperta, tão ampla e profundamente desperta que não haja busca nenhuma, nenhum desejo de experiência. Quando um indivíduo está desperto, quando em si próprio há luz, não há busca e nenhum desejo de mais experiências. Só o homem que está na escuridão vive a buscar a luz. É possível um indivíduo manter-es tão intensamente desperto, tão altamente sensível, física, intelectualmente e a todos os respeitos, que não haja uma única sombra em sua mente? Só então não há mais busca; só então não há mais ânsia de novas experiências.

É possível isso? A maioria de nós vive de sensações, sensações dos sentidos, e o pensamento adiciona-lhes o prazer. Com o pensar nessas sensações, delas obtemos um grande prazer — e, quando há prazer, há sempre dor. Temos de compreender êsse processo, como o pensamento cria o tempo, o prazer e a dor; como o pensamento, depois de criá-los, dêles procura fugir; e como essa própria fuga gera conflito. Vejo-me aflito e gostaria de ser feliz, de pôr fim a minha aflição. O pensamento criou

a aflição, e espera, depois, pôr-lhe fim. Nesse estado dual, o pensamento cria conflito para si próprio.

A maioria de nós se vê nesse estado de isolamento e solidão, nesse estado de vazio. Embora o indivíduo tenha a companhia de sua família ou de outro grupo qualquer, conhece êsse estado, essa profunda ansiedade por causa de nada. Pode o indivíduo libertar-se disso, superá-lo, sem procurar preencher êsse isolamento, essa solidão, êsse vazio, com conhecimentos, experiências, palavras de todo gênero? Conheceis tôdas as coisas que uma pessoa costuma fazer para preencher o vazio em si existente. Pode-se transcendê-lo? Para compreender uma coisa e dela libertar-se, a pessoa tem de entrar em contato com ela. Como dissemos outro dia, temos uma imagem relativa à morte, e essa imagem, criada pelo pensamento, produz o mêdo *da morte*. Da mesma maneira, temos uma imagem do vazio, da solidão, e essa imagem nos impede o direto contato com o fato — a solidão.

Se desejardes olhar uma flor, olhai-a. Mas, só podeis *olhá-la*, se o pensamento não funciona no momento em que a estais olhando — pensamento na forma de conhecimentos quanto à espécie ou à côr da flor. Estais, então, imediata e diretamente em contato com a flor. Quando tal contato existe, não há "observador". O observador é o criador das imagens, e é êle que impede o contato direto com um fato, com uma flor, com a morte, ou com aquilo que chamamos "solidão".

Peço-vos "experimenteis" realmente o que se está dizendo. Escutai de maneira que vejais a coisa diretamente, com ela estejais diretamente em contato. Se vos achais em contato com alguma coisa, vossa mulher, vossos filhos, o céu, as nuvens, qualquer fato, no momento em que o pensamento intervém perde-se o contato. O pensamento nasce da memória. A memória é a imagem, e daí é que olhais e, por conseguinte, verifica-se uma separação entre o observador e a coisa observada.

Isso precisa ser compreendido muito profundamente. É essa separação entre o observador e a coisa observada que faz o observador desejar mais experiência, mais sensações, e o impele a uma busca perene. É necessário compreender, cabalmente, que, enquanto existir o observador, a entidade que está em busca

de experiência, enquanto existir o censor, que avalia, julga, condena, não pode haver contato direto com *o que é*. Quando sentis dor, dor física, há percebimento direto; não há um "observador" que sente a dor; há só dor. E, porque não existe observador, há *ação* imediata. Não há primeiro a idéia e depois a ação, porém *só ação*, quando se sente dor, porque, aí, há um contato físico direto. A dor sois vós; está em vós. Enquanto isso não fôr plenamente compreendido, percebido, elucidado, e sentido profundamente; enquanto não se aprender integralmente, não intelectual ou verbalmente, que o observador é a coisa observada, a vida continuará a ser tôda de conflito e contradição entre desejos opostos: o que *deveria ser* e o que *é*. Só é possível essa compreensão quando percebemos que estamos olhando uma coisa como "observador" — uma flor, uma nuvem, qualquer coisa. Se a entidade que olha o objeto, o está observando com seus conhecimentos, não há contato com êle.

A mente que está em conflito, *de qualquer natureza e em qualquer nível*, consciente ou inconsciente, é uma mente torturada; tudo o que vê se deforma. Procurai, por favor, compreender esta verdade ou fato tão simples: tudo o que essa mente vê se deforma, necessàriamente, enquanto existe conflito, o conflito da ambição, do mêdo, a agonia da separação, etc. A mente em conflito é uma mente deformada. Êsse conflito só pode acabar quando o observador deixa de existir e só fica a coisa observada. Tem então a virtude, isto é, o comportamento, um significado inteiramente diferente. Virtude é ordem; não a virtude da ordem social, porque a sociedade é sem ordem. Por mais que logre implantar na mente a idéia da moralidade, a sociedade é imoral, porque gera conflitos; cria entes humanos ambiciosos, ávidos, invejosos, sequiosos de poder, de posição e prestígio. Se não existir, profundamente, em nós mesmos, essa ordem, o pensamento criará desordem com o nome de virtude.

A ordem não depende do tempo; não há dizer: "Terei ordem e serei virtuoso depois-de-amanhã". Ou o somos, ou não o somos. No intervalo entre o que *é* e o que pensamos *deveria ser*, nasce a desordem, que é conflito. Do conflito não pode nascer nenhuma virtude, nenhuma moralidade. Digo entre mim: "Sinto cólera; saberei dominá-la; praticarei a paciência, o amor,

etc". Quer dizer, gradualmente alcançarei aquêle estado em que não sentirei mais cólera. Êsse processo, essa idéia de gradual realização gera não só conflito, mas também esta nossa existência cheia de desordem, ansiedade e destruição. O tempo como processo de realização é sempre um fator de desordem. É claro que se precisa de tempo para adquirir conhecimentos, para se chegar à Lua, aprender uma língua estrangeira, mas quando nos servimos do tempo como meio de vencer uma certa tendência ou peculiaridade nossa, então essa aplicação do tempo, que significa de fato fazer uso do pensamento para efetuar uma mudança, acarreta não apenas conflito, mas também um estado de indolência.

Quando vemos uma coisa perigosa, agimos imediatamente! Não há intervalo de tempo; a idéia não está separada da ação; a ação é a idéia. A mente virtuosa, no sentido que o orador está dando à palavra, não percebe por meio de esfôrço, porém, sim, pelo percebimento direto. Quando se vê o fato não-verbalmente, há ação imediata. O homem vão e orgulhoso poderá tentar cultivar a humildade, mas a humildade não pode ser cultivada, assim como não é possível cultivar o amor. Se êle encarar aquêle fato que é o orgulho, não-verbalmente, se com êle entrar em real contato — e isso só é possível quando não há um observador separado que diz "Eu sou orgulhoso", porém quando o observador é a coisa observada — há então contato direto com o fato. Para nos pormos em contato com o fato, necessitamos de energia, e essa energia se torna existente quando o observador é inexistente.

Uma vez conseguido isso, pode-se começar a compreender o que é a meditação, porquanto a compreensão do observador e da coisa observada faz parte da meditação. Infelizmente, o Oriente tem "fornecido" vários sistemas de meditação; "êles" se consideram especialistas nesta matéria. Há várias escolas de meditação que prescrevem certas práticas, certas maneiras de respirar, certas posturas no sentar-se. Dizem: "Praticai, praticai, praticai, tentai, lutai, dominai, controlai; no fim, chegareis a alguma parte". Decerto que se chega a "alguma parte" — que não vale o trabalho de lá chegar. O que lá se encontra é a projeção de nosso próprio pensar, coisa sem nenhum valor.

Esta questão é muito complexa. É necessário rejeitar completamente a autoridade, em qualquer forma, seja a autoridade externa, seja a autoridade de nossa própria experiência e saber. Necessita-se de uma mente muito sutil e ágil, uma mente capaz de raciocinar, uma mente equilibrada, não neurótica. Tôdas as neuroses se verificam quando há atividade egocêntrica, quando existe o observador desejoso de expressar-se em atividades várias, e, por conseguinte, a criar conflito em si próprio. Tudo isso faz parte da meditação. Requer-se vigilância para se observar *o que é*, sem interpretação, olhá-lo sem julgamento e sem escolha e, por conseguinte, para *agir*, não de acôrdo com idéias, porém assim como se age em presença de um precipício, de um perigo: ação imediata! Essa ação imediata, que ocorre quando observamos, quando percebemos, quando nenhum tempo existe, produz a virtude, a ordem.

Já observastes, de perto, os macacos? Na Índia êles abundam. Se os observastes, tereis notado como são inquietos, como se coçam e "tagarelam" e estão incessantemente em movimento. Assim é nossa mente. Uma mente que está sempre a "tagarelar", a divagar, a "viajar" em tôdas as direções — tal qual um macaco. Notando isso, diz o indivíduo "Preciso controlá-la", e começa a concentrar-se. Não percebe que a entidade que quer concentrar-se, que quer controlar e dominar, é aquela mesma entidade semelhante ao macaco.

O observador é a coisa observada! Por conseguinte, a concentração — peço atenção! — a concentração só leva ao isolamento, à exclusão. Qualquer colegial, qualquer homem interessado em alguma coisa sabe concentrar-se. Põe antolhos, fecha-se entre paredes, e observa, atua. Essa concentração, que é exclusão, cria conflito; mas há um percebimento que não é concentração, em que é possível concentrar-nos sem exclusão de nada. O percebimento é, com efeito, uma coisa muito simples, tão simples que nem sequer lhe damos atenção. Ao entrardes num salão como êste, percebeis as côres, as formas das colunas, as dimensões da sala, etc. etc. Percebeis, e em seguida começais a distinguir, a criticar, a dar nomes às várias côres. Essa diferenciação verbal se chama "distração", mas não há distração nenhuma. Só há distração quando estamos procurando

concentrar-nos em alguma coisa; então tudo mais é distração. Mas não há distração quando estamos cônscios de tudo o que se está passando. Quando se está *cônscio,* não há distração nenhuma. Dêsse estado de percebimento vem a atenção. Quando aplicais tôda a vossa atenção, então vossos nervos, corpo, mente, coração, *tudo* está atento! Ficais atento, em presença de um perigo. Na atenção, a mente, se a observardes, está sobremodo quieta. Só no silêncio pode-se perceber alguma coisa; só no silêncio existe perceber, *ver.*

Se olhardes atentamente para êste microfone, totalmente, vossa mente fica muito quieta; não necessita de concentrar-se, de excluir, de fazer esfôrço. Êsse silêncio da mente é necessário. Não é uma coisa que se consegue com esfôrço, coisa construída pelo pensamento, pois tal silêncio é estéril e morto. Por meio de orações, pode um homem alcançar uma certa espécie de silêncio; pela repetição de certas palavras, podeis quietar a mente, mas é tão pueril isso! Não é silêncio; é um estado de narcose que a mente a si própria impôs. Mas, quando há atenção, há silêncio.

O cérebro tem a função de receber e reagir. O cérebro está sempre ativo; as células estão condicionadas pela observância, através de séculos, de certos padrões de comportamento. Quando um homem que foi condicionado como cristão ouve a palavra "cristão", as células cerebrais reagem prontamente, instantâneamente, àquela palavra. É possível às células cerebrais — que tão exercitadas foram para reagir instantâneamente, em conformidade com seu padrão de comportamento — é possível a essas células cerebrais funcionarem sem a agitação que em geral se verifica quando se ouve uma palavra como "morte"?

O silêncio não é apenas uma virtude, uma "virtude verbal", uma asserção verbal que se procura realizar; é silêncio da mente que compreendeu todo o processo sôbre que estivemos falando nesta tarde. Dêsse silêncio decorrem tôdas as ações, quando o compreendemos profundamente, o compreendemos *de fato* e não teòricamente, quando reagimos imediatamente ao contato com o fato: o que somos. Só nesse silêncio se pode ver o que é totalmente nôvo, aquilo em que não há lugar nenhum para o pensamento, porque o pensamento é a reação do "velho". O

pensamento funciona sempre na esfera do conhecido. Só a mente silenciosa, aquela que está completamente vazia do conhecido, pode perceber o que é nôvo. Ela percebe, mas não na qualidade de observador a perceber uma certa coisa fora de si próprio; só há percepção. Só essa mente pode encontrar-se com algo para que não há palavra, não há medida de tempo.

É muito fácil fazer uma pergunta, porém muito difícil é fazer uma pergunta correta. No próprio ato de fazer-se a pergunta correta, tem-se a resposta. Portanto, é sumamente importante saber fazer a pergunta correta. Isso não significa que eu esteja tentando impedir-vos de fazer perguntas. Para fazerdes a pergunta correta, necessitais de extraordinária vigilância, atenção, e dessa atenção — se fizésseis a vós mesmo a pergunta correta — resultaria a resposta. Não teríeis necessidade de perguntar nada a ninguém! Espero, pois, que façais perguntas corretas.

INTERROGANTE: A atenção se transforma, se intensifica, no momento em que o observador se torna a coisa observada...

KRISHNAMURTI: Oh, não! O observador não se torna a coisa observada.

INTERROGANTE: Êle observa a si próprio.

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Vêde, há o observador que diz "Tenho mêdo", "Sou ávido", "Sou invejoso", "Estou ansioso", "Sou culpado". Aí, o sentimento e o observador são dois estados diferentes. Isto é bastante simples, não? A entidade que diz que tem mêdo, o observador que diz "tenho mêdo" — para ela o mêdo é diferente do observador. O mêdo existe. Podeis observá-lo, vê-lo, por vós mesmo. No momento em que sentis uma dor intensa, nada dizeis. Vós sois a dor! Não existe "vós" e a "dor". Alguns segundos ou minutos depois, vem o pensador que diz: "Ora, preciso fazer alguma coisa a êste respeito!". Mas, a entidade, o observador, não difere do mêdo. O mêdo *é* o observador. Isso não significa que o observador se torna o mêdo, com êle se identifica; só há mêdo! Se ficardes tão vigilante que o observador deixe de existir e só exista o mêdo, vereis que o mêdo não é uma coisa de que devemos livrar-nos ou que devemos vencer. Quando já *não existe* observador, o mêdo *deixa de existir*.

INTERROGANTE: Se não há observador, *quem* está então vigilante?

KRISHNAMURTI: Olhai uma flor. Mas não há flôres aqui! Olhai para o orador (para quem estivestes olhando tôda esta tarde). Procurai olhá-lo. sem o "observador". Podeis fazê-lo? Podeis ver êste orador, sentado, aqui neste estrado, sem o observador com seus pensamentos, sem a sua imaginação, as imagens que o pensamento formou a respeito do orador? Podeis? Não digais "Não" nem "Sim". Podeis olhar vossa espôsa, vosso marido, sem a imagem do marido ou da espôsa, isto é, sem "observador"?

INTERROGANTE: Não podemos integrar ambos?

KRISHNAMURTI: Oh, não! Aqui não se trata de integração. Por favor, não aduzais tais palavras! Não se trata de integração — uma palavra terrível.

INTERROGANTE: Pode-se observar o orador, mas quando se trata de uma coisa interna, o caso é diferente.

KRISHNAMURTI: É bastante fácil observar, ver o orador, ou a flor; trata-se de um objeto externo. Mas, *olhar* o mêdo, olhar nossas insignificantes exigências de auto-expressão, isso é outra coisa. Se se observa, tem-se de perguntar: "*Quem* está percebendo aquilo que está sendo observado?". Não é isso que quereis dizer? Eu não estou falando de identificação. Que significa "identificar"? Eu me identifico com minha família, minha mulher, minha pátria, com o livro que estou escrevendo ou o quadro que estou pintando. Identifico-me *com* alguma coisa. Sou diferente e identifico-me com uma coisa que não sou eu; ou identifico-me comigo mesmo, isto é, com a imagem que tenho de mim próprio. Esta palavra implica um estado dual. A questão é, portanto, "Se não há observador..." melhor, a *dificuldade* se apresenta no momento em que se diz: "*Se* não há observador". O *se* não exprime um fato real, porém uma condição. *Se* eu tiver saúde; mas não a tenho, estou doente. Um momento!

INTERROGANTE: A palavra, em si, é uma idéia.

KRISHNAMURTI: Não, não! Não se trata de idéia nenhuma! Estamos procurando evitar frases, palavras que impliquem

qualquer coisa de futuro e, por conseguinte, irreal. O que nos interessa é o fato, o que *é*, e não o que *deveria ser*. A pergunta "Se não há observador, quem é que observa?" é uma pergunta incorreta. Não se deve perguntar "Se não há observador..." Um homem que goza perfeita saúde, não pergunta o que fará se tiver saúde; êle a *tem*. Não sabe sequer que a tem. Só a pessoa que está doente, a pessoa que se acha em conflito, só essa é que busca, que pergunta, que deseja. Essa pessoa está sempre doente. Pode iniciar uma pergunta com "se". Mas tal pergunta é errônea. Descobrireis aquilo quando fordes livre! É fútil fazer-se tal pergunta quando ainda se é prisioneiro. Tampouco tem significação perguntar: "Quem está cônscio quando não há observador?". A questão se torna intelectual, verbal, teórica.

INTERROGANTE: Quando uma pessoa se acha no estado mental de atenção completa, significa isso ingressar na realidade?

KRISHNAMURTI: Tais perguntas são fúteis, sinto dizê-lo. Entrai naquele estado, para verdes o que sucede! Isso tem muito mais eficácia, vitalidade e energia, do que perguntar "Se isso acontecer, que acontecerá depois?" — que é desperdício de energia e, portanto, uma pergunta errônea. Mas, isso não significa que quero abafar as vossas perguntas.

INTERROGANTE: Fica alguma lembrança do percebimento?

KRISHNAMURTI: Não, senhor; ou percebeis ou não percebeis. Não compliqueis uma coisa tão simples. Esta é uma das nossas peculiaridades; gostamos de complicar as coisas, porque nossa mente é tão sutil. Queremos entreter-nos com as coisas; não as vemos simplesmente. Pois, para ver o fato, a verdade relativa ao que *é*, a mente tem de ser sobremodo simples, livre de complicações. Porque, em última análise, esta simplicidade é inocência, e a inocência não é memória. Não quer dizer que fôstes inocente e podeis voltar a sê-lo. Só a mente que *percebe* com tôda simplicidade e quietude, sem nenhum esfôrço, nenhuma determinação, nenhuma direção — só essa mente é inocente; só ela pode perceber o que é real.

26 de maio de 1966.

PARIS — V

O Significado do Viver

ESTA É A ÚLTIMA palestra. Se o desejardes, poderemos nesta manhã conversar sôbre um problema um tanto complexo, e espero tenhais paciência e interêsse em examiná-lo junto comigo. Naturalmente, teremos de fazê-lo verbalmente, usando de palavras, de explicações, mas a palavra e a explicação não constituem a coisa real; jamais a constituem. O símbolo não é, nunca, a realidade; entretanto, é bem evidente que nos deixamos desencaminhar pelos símbolos, as conclusões, tomando-os pela realidade. Fàcilmente nos satisfazemos com essas conclusões e símbolos. Se temos de investigar, examinar uma coisa que exige muita penetração, devemos ser altamente sensíveis às palavras, evitando tôda espécie de conclusão ou dedução. A palavra "intuição", tão freqüentemente empregada, temos de evitá-la totalmente.

Desejo falar sôbre o que se entende por "viver". Sei que muitos dentre nós só indagam do significado do viver quando se vêem grandemente aflitos, quando, não percebendo no viver nenhuma finalidade, se sentem desesperados, profundamente frustrados. Por conseguinte, sua indagação tem sempre um *motivo*, e quando se faz uma pergunta com um *motivo*, a pergunta já está respondida: a resposta naturalmente tem de corresponder ao *motivo*, tem de ser como a desejamos, o que desejamos que signifique o viver. Para investigarmos esta questão tão altamente complexa e um tanto sutil, devemos fazê-lo sem *motivo* algum, não importa quais sejam as conseqüências, qual seja a verdade que o exame nos revele. No momento em que há mo-

tivo, cessa o exame, porquanto o motivo "projeta" a resposta em conformidade com nossa própria experiência, nossas conclusões e condicionamento. Para o exame desta questão, que é verdadeiramente interessante e requer muita penetração, temos de estar livres de todo e qualquer *motivo*.

Isso vai ser-nos sobremaneira difícil, porquanto em geral fazemos perguntas com um certo fim em vista. Desejamos investigar, ou por curiosidade (o que naturalmente tem muito pouca significação), ou porque nos vemos profundamente aflitos. Há em nós confusão, agonia e desespêro, e por causa dêsse sofrimento, dessa agonia e desespêro, fazemos aquela pergunta. Quando a fazemos — se de fato a fazemos alguma vez — queremos uma resposta em correspondência com nosso próprio sofrimento; queremos uma resposta que dê solução a êle. E, dessa maneira, enganamos a nós mesmos e não temos possibilidade de encontrar o significado do viver.

Para descobrirmos a sua realidade, o seu real significado, sua profundidade, e beleza, e plenitude, temos de investigar muitas coisas. Primeiramente, temos de investigar o que é liberdade; em seguida, descobrir a natureza do tempo e também o que se entende por "espaço". A meu ver, se não compreendermos estas coisas, nunca descobriremos, por nós mesmos, como entes humanos e não como indivíduos "locais"(1) — como entes humanos totais — o significado do viver. O viver, por certo, está sempre no presente ativo; a palavra "viver" significa "agora". Não significa viver no passado ou no futuro, porém no presente. Para entender o que significa êsse viver no presente, temos de investigar o passado. Não podemos dizer, simplesmente: "Pois bem, vou viver no presente". Nada significa dizer-se: "O presente é a única coisa importante", ou intelectualmente, hipotèticamente, conferir ao viver um extraordinário significado, ou, ainda, se a pessoa se vê num estado de desespêro, atribuir ao presente uma filosofia nascida dêsse desespêro. Para entender-se o presente, o presente vivo, é preciso examinar a questão do tempo.

---

(1) Por "indivíduos locais" ou "indivíduos localizados", conforme já explicou, Krishnamurti entende os que pertencem a êste ou àquele país (americanos, russos, alemães, etc.). — N. do T.

O tempo é uma duração, um movimento. Está sempre a fluir do passado, através do presente, para o futuro. O passado é o conhecimento, a experiência, a conclusão, a tradição, a herança racial, etc. etc. O passado, atravessando o presente, não só o condiciona, mas também cria o futuro. O que *eu era* modifica-se no presente para *eu sou* e para o que amanhã *serei*. Todo êsse processo, de ontem, hoje e amanhã; o condicionamento de ontem, que se modifica no presente e toma forma amanhã — êsse processo, sem dúvida, constitui a consciência. Está contido, todo inteiro, na esfera do "conhecido"; o conhecimento é *tempo*, tanto em relação aos fatos como psicològicamente. Na realidade, pelo relógio, cronològicamente, as disposições para hoje foram tomadas ontem, e o amanhã será, cronològicamente, conforme o determinado hoje. É o que sempre estamos fazendo.

Psicològicamente, a coisa é muito mais complexa. Tôda a psique é feita de tempo, pertence ao tempo. Todo o processo do pensar é resultado do passado, resultado do conhecido, como experiência, conhecimento, conclusões. Tudo isso está na corrente do tempo, e o tempo, em seu todo, é condicionado pela consciência. Essa consciência é: eu era, eu sou, eu serei — modificado, ampliado, alongado, limitado. Isso constitui a consciência, o que somos — tanto o consciente como o inconsciente. Parecemos atribuir enorme significação ao inconsciente, mas o inconsciente é o passado. É tão trivial como o presente da mente que foi condicionada por uma dúzia ou um milhar de "ontens". Tanto o consciente como o inconsciente são muito triviais. Não percebo porque se faz tanto barulho em tôrno do inconsciente, porque há êsse constante pesquisar, analisar, querer compreendê-lo. O inconsciente é o resíduo do tempo, sendo o tempo *ontem*, com tôdas as suas tradições, seus conhecimentos, influências, seu condicionamento, propaganda, herança racial, influência familiar. O tempo é um movimento que essa consciência criou e a que ficou prêsa — prêsa ao que ontem foi. Aquêle *ontem*, modificado no presente, se tornará *amanhã;* eis o inteiro processo do pensar.

Vêde, por favor, que esta questão não exige aceitação ou concordância. Se, por nós mesmos, a examinarmos atentamente, veremos que ela é bastante clara. Podemos examiná-la mais

minuciosamente, verbal e intelectualmente, mas o fato persiste, ou seja que a consciência está tôda condicionada; e todo condicionamento é da esfera do tempo. Assim, perguntamos a nós mesmos: "Há meio de pôr fim ao tempo?". Se estamos sempre a funcionar nessa esfera do tempo, considerado como ontem, hoje e amanhã, se tôda atividade é modificada pelo passado, no presente e tem, por conseguinte, continuidade amanhã, não há nesse "processo" liberdade alguma; seremos sempre escravos do ontem, do hoje e do que será amanhã. Nisso não há liberdade. A isso estamos presos, porque vivemos nessa divisão do tempo, como ontem, hoje e amanhã; tal a nossa vida; é isso que chamamos "viver".

É possível, não teórica nem hipotèticamente ou no sentido teológico — é possível libertar-nos do tempo? A esta pergunta responderemos não verbalmente, quando começarmos a examinar a outra parte, que é a seguinte: É possível à mente, que vem sendo condicionada há tantos séculos, libertar-se? Isso não é possível por meio do pensamento, porquanto o pensamento é resultado do tempo e não pode libertar a consciência. Deve haver outra ação totalmente diferente, não resultante da vontade, dessa vontade que é também ontem, hoje e amanhã: eu era, eu sou, eu serei. É possível descobrir, não teòricamente, porém de fato, se o tempo tem fim? Se não o tem, nesse caso o sofrimento nunca terminará; não haverá liberdade para o homem; e se o homem não tiver liberdade, não terá espaço nenhum.

Conhecemos o espaço apenas visualmente: a distância daqui a nossa casa, a distância dêste lugar a Londres, ou a Marte, ou à Lua; no meio, o espaço — o espaço físico. Um homem que vive prisioneiro em exíguo espaço, num apartamento, durante trinta anos, entra dia, sai dia, sente necessidade de espaço — espaço físico. Por isso, sai a passear no campo, vai passar fora as férias, em lugares onde encontre espaços livres, onde possa ver o céu sem limites, o vasto oceano, as densas florestas, as sombras e o movimento do vento, da ave, do rio. Fìsicamente, êle sente necessidade de espaço. Vivendo numa grande ou pequena cidade, sempre a andar sôbre calçadas, a ver a janela e a chaminé da casa fronteira, êle deseja espaço físico; porém nunca deseja espaço psicológico. Aí, sente-se satisfeito como

prisioneiro. Êsse homem está prêso; confinado na prisão de suas idéias, conclusões, crenças e dogmas; na prisão de sua atividade egocêntrica, que lhe dá preenchimento e frustração; na prisão de seu próprio talento.

Psicològicamente, interiormente, êle vive sempre numa prisão, sem nenhum espaço. Faltando-lhe o espaço, prisioneiro que é, começa êle a pensar na liberdade. Isso é o mesmo que um encarcerado, fechado entre quatro paredes, desejar a liberdade; o mesmo que um cego querer ver as côres. Privado de espaço psicológico, psicològicamente privado de liberdade, não dispõe êle de espaço nenhum e, por conseguinte, é sempre um prisioneiro. Há, decerto, espaço entre duas notas, e por isso é que gostamos de ouvir música. Há um intervalo, isto é, espaço, entre dois pensamentos e, para a maioria de nós, o espaço existe por causa do objeto. O objeto cria o espaço ao redor de si. Êste microfone criou um espaço em tôrno de si, e êle, o microfone, existe no espaço compreendido entre as quatro paredes desta sala. O pensador, o EU, o agente, porque existe, cria espaço psicológico ao redor de si. Seu espaço é por êle próprio concebido e formulado e, por conseguinte, limitado. Nunca é livre, êle.

Estais achando isso difícil ou abstrato demais? A menos que examinemos a questão com certa profundidade, dentro de nós mesmos — e isso faz parte da meditação — não há liberdade de espécie alguma. Há, em todo ente humano, um *centro;* êsse centro cria um espaço em tôrno de si, assim como estas quatro paredes criam um espaço em seu interior. Êste salão, por causa das paredes, criou um espaço, dentro do qual estamos existindo, estamos sentados e a conversar. O centro, que é o EGO, criou espaço em redor de si, e nesse espaço, que é a consciência, êle vive, funciona, opera, modifica-se e, por conseguinte, nunca é livre.

Esta questão merece sério exame, porquanto a liberdade só pode existir onde há espaço, espaço não criado por um objeto. Se o espaço é criado pelo EGO, na qualidade de pensador, êste continua a criar paredes ao redor de si, entre as quais pensa ser livre. Não importa o que êle faça dentro dêsse espaço criado pelo *centro,* não há liberdade. É como um homem condenado a

prisão perpétua. Poderá alterar as decorações, proporcionar-se um pouco mais de confôrto, pintar as paredes, fazer coisas de todo gênero para tornar a vida mais amena, mas, dentro dessas paredes físicas, êle nunca é livre.

Psicològicamente, criamos muralhas em tôrno de nós, muralhas de defesa, muralhas de esperança, de mêdo, avidez, inveja, ambição, desejo de posição, poder, prestígio. Essas muralhas são criadas pelo pensador. O pensador criou ao redor de si o espaço em que vive e, por isso, nunca é livre. A beleza não é apenas a coisa que vêdes; esta constitui uma pequeníssima parte da beleza. A beleza não é resultado do pensamento, não é formada pelo pensamento. Onde há amor, afeição, não há lugar para o pensamento. Onde se encontra o ciúme, a inveja, a avidez, a ambição e o orgulho, não se encontra o amor. Todos sabemos disso. Mas, para descobrirmos o que significa amar, tem de haver, necessàriamente, liberdade, temos de estar livres de todo tormento, do ciúme, da inveja. Então, o descobriremos.

Da mesma maneira, o ser livre supõe a não existência de barreiras psicológicas criadas pelo *centro*. Liberdade significa espaço. A liberdade supõe também a cessação do tempo, não abstratamente, porém de fato. Liberdade significa viver integralmente hoje, depois de se ter compreendido tôda a estrutura, a natureza, o significado do passado. O passado é o consciente e também o inconsciente. Uma vez compreendido êle, o que há é só o presente ativo — o viver. Pode isso acontecer, realmente, em nossa vida diária? Posso exercer minha profissão, livre do tempo psicológico, livre da avidez, da inveja e da ambição? Se não posso, serei então escravo para sempre.

A rotina, o tédio, o absurdo de passar a vida num detestado escritório, ou numa fábrica a produzir carros ou botões ou o que quer que seja, é uma coisa medonha. Embora a automação e a ciência da cibernética venham futuramente a melhorar a condição do homem, contudo ainda temos de viver esta vida de rotina e trivialidade. E, porque nenhuma significação tem ela, tratamos de fugir para tôda espécie de diversão, inclusive a igreja. Mas, se a pessoa está cônscia dêsse processo total do viver e percebe o significado do tempo, como pensamento, então o tempo cessa. Isso não se consegue por meio da vontade,

nem pelo exigir ou desejar, porém, tão-só, quando se percebe, em seu todo, o significado do tempo. Essa percepção não é alcançada pelo "observador", porém pela vigilância, pela atenção total.

Como há dias dissemos, quando há atenção total, quando a pessoa fica totalmente atenta a alguma coisa, isto é, quando lhe dá, *inteiramente*, o seu corpo, sua mente, seu coração, *tudo* (e isso não é resistência, nem pensamento, porém atenção completa), verá então que não há nenhum "observador". Só no estado de não atenção se torna existente o observador. A não atenção gera o observador. Mas, "estar cônscio da não atenção" e "estar atento" são dois estados diferentes.

Sinto não podermos considerar mais minuciosamente esta questão. Talvez não seja esta a ocasião oportuna; mas, se o homem deseja ser livre — e êle *tem* de ser livre, a fim de compreender, de viver — o tempo deve cessar; deve haver espaço, não espaço entre o observador e o objeto observado, porém aquêle espaço em que não há observador nenhum.

Quando olhais uma flor — se alguma vez o fazeis — que acontece? Primeiramente, dais nome à flor. Dizeis que pertence a uma certa espécie. Depois, dizeis: "Gosto dela" ou "Não gosto dela", "Que bela!", "Gostaria de colhê-la", etc. O pensamento, o conhecimento trazido do passado interfere no ver. O que estais vendo não é a flor, porém as conclusões, as preferências e não preferências que tendes. Podeis olhar a flor sem o observador? Isso significa olhar sem os conhecimentos e gostos que tendes, sem dar nome, etc. Dêsse modo, ao olhardes alguma coisa, vereis que não há nenhum observador "a olhar"; ver-vos-eis *diretamente* em comunhão com aquela flor.

Exteriormente isso é relativamente fácil, porém, interiormente, nas relações com a espôsa, os filhos, os vizinhos, o patrão e o resto da sociedade, a coisa já é mais difícil. É olhar sem a lembrança de insultos e lisonjas do passado, de conhecimentos anteriormente adquiridos; olhar, simplesmente. Só então há atenção total, silêncio. Pode-se então escutar integralmente qualquer coisa, o canto da ave, o que outrem nos diz. Naquele silêncio pode-se escutar o que se está dizendo e tam-

bém os próprios pensamentos, exigências, temores. Temos de escutar integralmente, em silêncio. Quando escutamos totalmente, aquilo que tememos deixa de existir.

O viver não significa, decerto, tôda aquela agitação e sofrer, tôda aquela carga que trazemos de ontem; significa o percebimento do pleno significado do passado. Isso se pode perceber instantâneamente. Pode-se ver, num relance, tôda a trivialidade do passado. Quando estamos totalmente cônscios do passado, só então temos liberdade para viver no presente. Daí podemos partir, e ingressar numa dimensão totalmente nova. Mas, tudo isso fica sendo mera teoria, idéia, se não somos livres; pois só quando há liberdade pode surgir uma coisa nova. A liberdade exige energia, e só ao dar-se a explosão da energia pode aparecer o nôvo, o que está fora do tempo.

INTERROGANTE: Qual a parte que toca à pessoa, em sua evolução, e qual a parte que toca à natureza?

KRISHNAMURTI: Por evolução entende-se: vir a ser, medrar, desenvolver-se, atingir — assim como a semente se torna árvore. Existe evolução? Há livre arbítrio, para escolher, evolver, vir a ser? Senhor, que é êsse VÓS que vai tornar-se alguma coisa? Vós vos tornareis Mestre, instrutor famoso, o homem que "tudo sabe"; dentro de alguns anos estareis numa posição melhor, possuireis mais carros, casas melhores, roupas melhores, mais saber; tornar-vos-eis mais virtuoso, mais nobre. Vós, que todo enredado vos achais nas misèriazinhas de vossa vida, ireis gradualmente progredir para fora delas e alcançar a bem-aventurança ou o céu ou o que mais seja. É para isso que todos nós somos educados; disso somos nutridos. "Se fizerdes ingentes esforços, alcançareis, no final, aquilo que chamais bem-aventurança, Deus, etc.".

Necessitais de tempo, de muitos dias, de muitos meses — no Oriente se diz "de muitas vidas" — para atingir o inatingível. É certo isso? Quereis dizer que desejais viver com vossas aflições e sofrimentos, dia por dia, para gradualmente vos libertardes de tudo... dentro de uns dez anos? Direis a mesma coisa se tiverdes uma violenta dor de dentes — "livrar-me-ei dela gradualmente?". Ou, pode o sofrimento terminar instantâneamen-

te, não no tempo, não na duração? E, que é isso que dura? Se dizeis: "Ora, daqui a dez anos, ou mesmo amanhã, serei feliz; serei diferente do que hoje sou" — que sois hoje? Um feixe de idéias, memórias, palavras, experiências; resultado de propaganda, de influências sociais, de condições econômicas, do clima, dos trajos, da alimentação. Sois o resultado de tudo isso, um feixe de memórias É isso que quereis perpetuar para, afinal, vos transformardes num belo deus, ou numa borboleta...

Parece-me que, por êsse caminho, nunca se chega ao fim do sofrimento. A evolução não tornou o homem, em nada, mais brilhante, inteligente, livre. Na história humana já se travaram, nos últimos cinco mil e quinhentos anos, cêrca de quinze mil guerras — quase três guerras por ano! — e continuamos pelo mesmo caminho. Podemos ter meios de comunicação mais abundantes e confortáveis, mais lazeres, melhores banheiros, carros e roupas melhores, alimentação mais sadia, mas, a outros respeitos, há algum progresso? Ora, por certo, é preciso que o tempo cesse, para aparecer uma coisa nova. O que tem continuidade nunca é criador. Só quando termina o tempo se verifica a criação; e a mente que depende de ontem, hoje e amanhã, como meio de alcançar alguma coisa, vive em extremo e irremediável desespêro.

INTERROGANTE: Ainda não compreendi bem o que entendeis por "espaço interior".

KRISHNAMURTI: Consideremos isso de maneira muito simples. Vivemos, cada vez mais dentre nós, em pequenos apartamentos, porque nos convém e porque o espaço é muito limitado nas cidades, com suas fábricas e seus centros de diversões, que tanto podem ser os cinemas como as igrejas. Desejamos um pouco mais de espaço, fìsicamente, mas não desejamos espaço interiormente. Estamos aprisionados em nossos conceitos, nossas opiniões, nossos conhecimentos, nossas aptidões. Vivemos em estreito confinamento e nunca somos livres. Liberdade significa espaço, externa e internamente. Externamente, poderemos ir à Lua, passear num jardim, num parque, no *bois*,(1)

---

(1) *Le bois*: É como em Paris se designa o *Bois de Boulogne*, parque das vizinhanças de Paris, muito procurado para passeios. (K. está falando em Paris). — N. do T.

porém, interiormente, não há *bois*, não há parques. Refugiamo-nos na imaginação e pomo-nos a falar de Deus e outras coisas fantásticas; entretanto, na realidade, estamos cercados por uma muralha que construímos com nossa atividade egocêntrica. Vivemos na aflição, no conflito, na ansiedade, atormentados pela idéia de culpa ou pecado. Como pode aquêle centro, que tudo isso criou, tornar-se livre, se não há espaço; como pode pôr fim a essas coisas? Não lhes podemos pôr fim gradualmente, por meio do tempo, do processo evolutivo. Temos de terminá-las imediatamente, tal como agimos em presença de um perigo físico: a ação é imediata. Mas, nós não percebemos o imenso perigo representado pelo sofrimento, por nossa mente limitada a lutar por encontrar uma coisa existente fora do tempo.

INTERROGANTE: Se essa radical transformação, sôbre que vindes falando há tanto tempo, é tão simples como dizeis, por que razão ninguém parece alcançá-la?

KRISHNAMURTI: Diz o interrogante: "Vindes falando há muito tempo, há muitos anos; alguém ficou livre?". Como responder a uma tal pergunta? Não importa se vosso vizinho ficou livre; o que importa é que *vós* sejais livre, como ente humano. Não se trata de melhorar a sociedade, que se acha corrompida. Vós sois uma parte da sociedade; a sociedade não é diferente de vós. Sois o que ela é; vós e eu a fizemos assim. Pode um ente humano — vós, eu ou outro — ser livre? Essa liberdade não depende do tempo. Uma das coisas mais tristes, parece-me, é o homem pensar que através do tempo se tornará coisa diferente do que é. O tempo só pode gerar desordem. Eu gostaria que percebêsseis êste simples fato. Vêde, senhor, na Índia, durante muitas décadas, pregou-se a "não-violência"; isso porque os pregadores, os oradores, os "beneméritos", compreenderam que a violência devia cessar. Por conseqüência, inventaram uma extravagante ideologia, chamada "não-violência". *Lá*, o ideal, a não-violência. Mas o fato real está *aqui*: a violência. A ideologia nenhum valor tem; o que tem valor é o fato — a violência. Pois, se tendes a ideologia, no ínterim estareis semeando os germes da violência — e isso convém maravilhosamente a muita gente. Mas, se nenhuma ideologia tendes, porém ùnicamente fatos, o que tendes de considerar é o fato de que o homem é vio-

lento, brutal. É possível pôr fim ao fato, não gradualmente, porém imediatamente? Acho que só é possível quando estamos totalmente cônscios de que somos violentos, sem procurar escusas nem explicações: totalmente atentos ao fato. Para estarmos atentos, necessitamos de uma energia tremenda, e uma das maneiras de dissipar energia é pensar que se pode dissolver gradualmente a violência.

INTERROGANTE: A atenção é resultado de autodisciplina no presente?

KRISHNAMURTI: Esta mesma pergunta implica o tempo. A raiz da palavra "disciplina" significa "aprender". O próprio ato de aprender conduz à disciplina, o próprio ato de aprender *é* disciplina; não tendes primeiramente de disciplinar-vos, a fim de aprender, porém *aprender é disciplina*. Para aprender é necessário escutar. Mas, não posso escutar se me vejo assustado, ansioso, se estou querendo um bom emprêgo por meio do aprender. Senhor, se estivestes escutando verdadeiramente, nesta manhã, êsse próprio ato de escutar criou disciplina. Para a maioria de nós, disciplina significa obedecer ou ajustar-se a um padrão, significa contrôle, recalcamento, imitação, obediência. Tudo isso envolve conflito. Assim como um soldado é disciplinado para funcionar automàticamente, também nós desejamos funcionar sem percebimento profundo, fazer as coisas mecânicamente. Mas, aprender é agir. Ao mesmo tempo que agimos, estamos aprendendo, e isso, em si, trás sua disciplina própria.

INTERROGANTE: Para aprender, temos de estar inteiramente no *agora*, e fora do tempo.

KRISHNAMURTI: Exato. O aprender está fora do tempo. Se não tratamos de aprender, satisfazemo-nos então com teorias. Por favor, não deis explicações. Sôbre tudo isso já se escreveram volumes, expuseram-se teorias sem conta, mas aquêle que age, aquêle que vê e age, já se acha muito além de tôdas as palavras e volumes e teorias, e de todos os deuses.

INTERROGANTE: Êsse estado de atenção completa, essa total concentração de energia é permanente?

KRISHNAMURTI: Não, minha senhora. Que vontade temos de que tudo seja permanente! Queremos relações permanentes, uma espôsa permanente, um marido permanente, uma relação permanente no tocante às idéias, à ação, a tudo. Só o que é mecânico deve ser permanente, funcionar sempre com precisão. Há na vida alguma coisa permanente — vossas idéias, vossas relações, *alguma coisa?* Talvez a vossa casa seja permanente; entretanto, ela própria pode não ser permanente — pois há terremotos. Existe alguma coisa psicològicamente permanente, inclusive vossos deuses, vossas crenças, vossas diversões? Por certo, não há nada permanente; no entanto, a mente está sempre a exigir permanência, segurança, porque tem horror à incerteza. O viver nesse estado de incerteza requer muito equilíbrio e compreensão; se não o indivíduo se tornará neurótico. Só quando se desembaraça do desejo de permanência, a mente é livre, porque não existe, neste mundo de Deus, ou interiormente, em nós mesmos, *nada* de permanente. Nem vossa própria alma é permanente; isso é invenção dos sacerdotes.

29 de maio de 1966.

ENCONTRO COM O ETERNO

J. Krishnamurti

Sem dúvida, é Krishnamurti, hoje em dia, por quanto tem feito em prol do espiritual esclarecimento da humanidade, um dos maiores pensadores do século 20. Seu ensino, isento de credos e dogmas de qualquer espécie, atende eficazmente à existência angustiada e vazia do homem hodierno, tanto lhe oferece a possibilidade de uma autêntica e mental renovação, baseado como é no "Autoconhecimento". Levando-nos a um amplo e profundo conhecimento próprio, com que passamos a ver claro o quanto as internas contradições e condicionamentos nos aprisionam e infelicitam, revela-nos Krishnamurti as perspectivas de um diferente modo de viver — um viver tranqüilo e isento de conflitos. Eis porque a apresentação de um nôvo livro seu constitui sempre, para os entes humanos, um acontecimento promissor.

No presente volume figuram as palestras feitas pelo autor em Paris e Londres no ano de 1966, sendo êle o complemento da obra anterior publicada com grande êxito e intitulada O MISTÉRIO DA COMPREENSÃO. Lendo-o, num exame sumário, uma coisa de fundamental relevância aprendemos logo: que não sabemos *ver*, nem *observar*, que não damos suficiente atenção ao que ocorre dentro e fora de nós. Vivemos a maior parte de nosso tempo no árido campo da *distração*, ou então identificados com os anseios egocêntricos, e daí a nossa desdita... Krishnamurti, com edificante explanação, nos habilita a olhar os fatos como são, sem desfigurá-los com os habituais preconceitos ou o intuito de interpretá-los. E, dessarte, entramos em direto contato com a realidade, e não com os mitos, a ilusão, a fantasia, ou embaladores sonhos. Mas, por outro lado, adquirimos da vida uma visão bem penetrante e ficamos mais sensíveis à beleza, à verdade, ao amor — aos valores eternos.

Entre as numerosas perguntas formuladas a Krishnamurti e a que êle responde, constam neste livro: "Estivestes falando sôbre o processo total da vida. Que, exatamente, significa isso?". — "O amor, por alguém ou alguma coisa, é experiência?" — "Vós podeis ter alcançado êsse estado mental, êsse estado de ser, de consciência, de vigor, de vigilância, mas — e os outros?".

Quanto às palestras, aludem elas aos seguintes temas: "A COTIDIANA EXISTÊNCIA" — "A LIBERDADE E A PAZ" — "O SOFRIMENTO" — "A MEDITAÇÃO" — "DA TRANSFORMAÇÃO INTERIOR" — "UMA NOVA MANEIRA DE VIVER" — "O PENSAR — REAÇÃO DO PASSADO" — "A AÇÃO FRAGMENTÁRIA" — "QUE BUSCAMOS NÓS?" — "O SIGNIFICADO DO VIVER". Discorre ainda Krishnamurti sôbre o mêdo, o tempo psicológico, o ciúme, as relações humanas, a morte, o sexo..., dando-nos a chave para a compreensão de todos êsses temas enigmáticos por que tanto se interessa o indivíduo e a sociedade.

Muitos são os méritos de ENCONTRO COM O ETERNO e, assim, só a leitura atenta e refletida destas páginas poderá dar uma idéia do alcance e profundeza do ensino dêste insigne psicólogo e pensador.

A INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI, editôra dêste livro e de quase todos os restantes do autor, rejubila-se com a publicação de mais êste valioso trabalho de Krishnamurti, o qual, inegàvelmente, poderá contribuir para o advento da paz e do amor no coração do homem.

ENCONTRO COM O ETERNO

KRISHNAMURTI

O presente volume contém a tradução portuguêsa das palestras pronunciadas por Jiddu Krishnamurti, em Londres e Paris, no ano de 1966. Êste trabalho, como todos os mais do autor, visam a um objetivo relevante: despertar o homem para a grandeza da vida criadora, para a paz íntima e o amor. Aqui, encontramos a resposta a inúmeros problemas e conflitos humanos, resposta capaz de propiciar-nos o encontro com a eternidade.

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Rio de Janeiro - GB